Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Comunicação Social

Mônica Nunes Neustadt

Comensalidades em trânsito: os sentidos atribuídos à comida de (na) rua a partir dos escravos de ganho até os entregadores de aplicativo

Rio de Janeiro
2022

Mônica Nunes Neustadt

Comensalidades em trânsito: os sentidos atribuídos à comida de (na) rua a partir dos escravos de ganho até os entregadores de aplicativos

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura das mídias, Imaginário e Cidade.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Romão Ferreira

Coorientadora: Prof.ª Drª Shirley Donizete Prado

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

N496 Neustadt, Mônica Nunes
Comensalidade em trânsito: os sentidos atribuídos à comida de rua de(na) à partir dos escravos de ganho até os entregadores de aplicativos / Mônica Nunes Neustadt. – 2022.
184 f.

Orientador: Francisco Romão Ferreira.
Coorientadora: Shirley Donizete Prado
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.

1. Comida de rua – Teses. 2. Tecnologia – Teses. 3. Precarização – Teses. I. Ferreira, Francisco Romão. II. Prado, Shirley Donizete. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

bs CDU 316.35

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Mônica Nunes Neustadt

Comensalidades em trânsito: os sentidos atribuídos à comida de (na) rua a partir dos escravos de ganho até os entregadores de aplicativos

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura das mídias, Imaginário e Cidade.

Aprovada em 24 de junho de 2022.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Francisco Romão Ferreira (Orientador)

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

_____

Prof.ª Drª. Shirley Donizete Prado (Coorientadora)

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

_____

Prof. Dr. Ricardo Ferreira Freitas

Faculdade de Comunicação Social – UERJ

_____

Prof. Dr. João Renato de Souza Coelho Benazzi

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

_____

Prof.ª Drª. Eliane Portes Vargas

Fundação Oswaldo Cruz - FIOCURZ

_____

Prof.ª Drª. Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Antonio Carlos e Terezinha, que sempre me estimularam a buscar novos desafios. Nesses quatro anos de Doutorado, atravessados por uma terrível pandemia, eles compreenderam a necessidade da minha ausência cotidiana, ao ficar horas e horas trancada no quarto, estudando, escrevendo, para conquistar essa vitória. Esse título é para vocês!

A João Maia (*in memorian*) que defendia a escrita de textos acadêmicos que fossem entendidos por todos, não apenas pelos privilegiados que têm acesso à pós-graduação no Brasil. Com você, descobri que é possível escrever de forma leve, mas com conteúdo teórico e reflexivo. Acho que você ia gostar de ler!

A todos os entregadores de comida por aplicativo, motoristas uberizados, jornalistas pejotizados, professores sem vínculo empregatício, profissões tão importantes para uma sociedade, mas que não são valorizadas e reconhecidas como deveriam neste país. Espero que esta pesquisa sirva como um lampejo para iluminar a invisibilidade desses trabalhadores e instrumento de reflexão para os leitores.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, a Deus, ao Mestre Jesus e à Nossa Senhora, que me ampararam, dando-me força, energia e tranquilidade em todos os momentos do estudo, principalmente nos mais difíceis e desafiadores.

Ao Francisco Romão, meu orientador, que me aceitou como sua orientanda no meio do percurso da pesquisa, acreditou na sua realização e, ao longo dessa jornada, sempre com palavras de ânimo e de tranquilidade, "freando" minha ansiedade acadêmica em querer abordar todos os aspectos do tema. E, parafraseando-o, "o doutorado acaba, mas a vida continua". Uma alegria e um presente tê-lo encontrado nesta vida.

À Shirley Donizete, minha coorientadora, sempre com palavras carinhosas, cuidadosa em cada detalhe do texto, uma referência na área de Nutrição e uma *expert* em Word. Uma alegria e um presente tê-la encontrado nesta vida.

Às professoras Maria Claudia da Veiga Soares Carvalho e Shirley Donizete Prado, que me guiaram com sabedoria e suas leituras atentas durante a minha qualificação.

Aos professores Ricardo Ferreira Freitas, João Renato de Souza Coelho Benazzi, Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho e Eliane Portes Vargas por aceitar o convite de participar de minha banca de defesa.

Ao corpo docente do PPGCOM/UERJ, agradeço pelos ensinamentos, pelas reflexões e por dividir seus conhecimentos. É uma honra dizer que fiz Mestrado e Doutorado nesse programa de Pós-Graduação plural, aberto a novas ideias e possibilidades de pesquisa.

Às funcionárias do PPGCOM/UERJ, agradeço a atenção e o auxílio em todos os momentos solicitados, mesmo trabalhando de forma remota.

RESUMO

NEUSTADT, M. N. *Comensalidades em trânsito:* os sentidos atribuídos a comida de (na) rua a partir dos escravos de ganho até os entregadores de aplicativo. 2022. 184 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

A pesquisa analisa a presença da comida de rua no centro do Rio de Janeiro desde o tempo do Império por meio de escravos de ganho, depois por ambulantes comercializando produtos até o exponencial crescimento de entregadores de aplicativo com a pandemia de Covid-19. Esses corpos em movimento resistem às reformas impostas pelo Poder Público, buscam brechas (DE CERTEAU, 1994), ocupam e criam espaços de comensalidade e sociabilidade na metrópole funcional (SIMMEL,1973) voltada para fluxos do capital e do trabalho. Em meio às mudanças determinadas pela globalização, à necessidade de atender às demandas de fortes grupos econômicos mundiais que perceberam que a tecnologia pode ser uma poderosa aliada, substituindo boa parte da mão de obra humana por robôs, fazendo com que sujeitos trabalhem muito, ganhem pouco e não tenham direitos sociais e trabalhistas. Essa precarização do trabalho (ANTUNES, 2020) tem várias nomenclaturas, como uberização (SLEE, 2017), pejotização, sendo apresentada positivamente pelo discurso neoliberal, como uma excelente opção para o sujeito, que pode empreender, ter o próprio negócio, mascarando as dificuldades cotidianas. O estudo identifica esse panorama pelo cenário global, por meio do filme de Ken Loach *Você Não Estava Aqui*, na sequência pelo recorte local, com o vídeo do *motoboy* paulistano Jackson Faive, ambos pela perspectiva ficcional. A pesquisa também contribui, trazendo imbricações entre o não real e o real, pela análise do movimento #BrequeDosApps e pontuais reportagens jornalísticas publicadas sobre o tema na Folha de São Paulo, entre março de 2020 e agosto de 2021. Além disso, a investigação retrata antigas e novas comensalidades no Rio de Janeiro em função da pandemia da Covid-19, que atravessou, modificou a convivência social e a relação com a comida. A metodologia da tese utiliza um processo multimetodológico inspirado no mosaico de Becker (1994), em que interações de símbolos, de sentidos, se articulam, se compõem, tendo como estrela a comida de rua. Esses corpos que ocupam o espaço urbano e nele circulam desde o Brasil colônia até à contemporaneidade têm semelhanças físicas, normalmente são negros e pardos, jovens, com pouca escolaridade e sofrem com a precarização de trabalho, exploração de mão de obra, desigualdade social. Escravos de ganho e entregadores de aplicativo têm questões em comum. Se, no Século XIX, o açoite era o instrumento de tortura de escravos e escravas, que ficavam com os corpos marcados pelo chicote quando não atendiam às determinações de seus "donos", no século XXI a coça não é literal, mas agride da mesma forma, quando um trabalhador precisa ficar sentado em uma moto ou bicicleta por 14 horas, seis dias na semana, hipnotizado pela tecnologia e com medo de ser bloqueado pelo patrão invisível, materializado por um aplicativo, seja *iFood*, *Rappi* ou outro qualquer.

Palavras-chave: Comida de rua. Tecnologia. Precarização. Entregadores de aplicativo. Rio de Janeiro.

ABSTRACT

NEUSTADT, M. N. *Commensalities in transit:* the meaning attributed to (on) the street food from the profit slaves (people who had to share the gains of their work in the streets) to the food delivery app workers. 2022. 184 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The research analyzes the presence of street food in Rio de Janeiro's Downtown since the time of the Empire through "profit slaves," then by street vendors selling products until the exponential growth of app delivery workers with the Covid-19 pandemic. These individuals in movement resist the reforms imposed by the Government and look for breaches (DE CERTEAU, 1994) by occupying and creating spaces of commensality and sociability in the functional metropolis (SIMMEL,1973) focused on the flows of capital and work.

Amid the changes determined by globalization, powerful economic groups realized the need to meet the global demands and that technology could be a powerful ally, replacing a large part of human labor with robots, making people work hard for little money with no social and labor rights. This precarious work (ANTUNES, 2020) has several classifications, such as "Uberization (SLEE, 2017)" and outsourcing, being presented positively by the neoliberal speech as an excellent option for the individual who can undertake; having his own business, masking the daily difficulties. The study identifies this outlook from a global view through the film "Sorry, we missed you" by Ken Loach, followed by a local angle, with the video of the São Paulo motorcycle courier Jackson Faive, both from a fictional perspective. However, this research also contributes by bringing imbrications between the non-real and the real by analyzing the #BrequeDosApps movement and occasional journalistic stories about this topic published by Folha de São Paulo between March 2020 and August 2021. Furthermore, the investigation portrays old and new commensalities in Rio de Janeiro due to the Covid-19 pandemic that has changed social coexistence and the relationship with food. The thesis' methodology applies a multi-methodological approach inspired by Becker's mosaic (1994), in which interactions of symbols and meanings are connected and arranged, having the street food as a highlight.These individuals who occupy and circulate through urban space from colonial Brazil to contemporary times have physical similarities, are usually black and brown, young, with little schooling, and suffer from precarious work, labor exploitation, and social inequality.

If in the 19th century, the whip was an instrument to torture enslaved men and women, marking their bodies when they did not comply with the demands of their *"*owners*''*, in the 21st century, the whip is not literal, but it hurts likewise when a worker needs to sit on a motorcycle or bicycle for 14 hours, six days a week, hypnotized by technology and afraid of being blocked by the invisible boss, materialized by an application, such as I Food, Rappi, or any other.

Keywords: Street food. Technology. Precariousness. Application deliverers. Rio de Janeiro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Panorama parcial do Rio de Janeiro 41
Figura 2 – Escravos de ganho 42
Figura 3 – Vendedores Ambulantes pb 43
Figura 4 – Quitandeiras 44
Figura 5 – Vendedora ambulante 45
Figura 6 – Ambulantes vendiam de tudo nas ruas do Rio de Janeiro 46
Figura 7 – A comercialização dos produtos era a forma de sustento 47
Figura 8 – Rua 1º de março 48
Figura 9 – Mulheres negras e seus balaios na parte externa do Mercado de Peixe 49
Figura 10 – Mercado da Praia do Peixe e Alfândega ao fundo 49
Figura 11 – Quiosques ao longo da Praça XV de Novembro 51
Figura 12 – Quiosque na Rua Frei Caneca, no centro do Rio de Janeiro 51
Figura 13 – Quiosque no Mercado da Praça XV de Novembro 52
Figura 14 – Quiosques no Largo da Sé, atual largo de São Francisco de Paula 52
Figura 15 – Theatro Municipal em construção 55
Figura 16 – Theatro Municipal em obras 56
Figura 17 – Theatro Municipal inaugurado 56
Figura 18 – Avenida Central com vista para o Sul 57
Figura 19 – Avenida Central (Av. Rio Branco com Rua Sete de Setembro) 58
Figura 20 – Avenida Central na altura da Rua do Ouvidor com Rua Miguel Couto, Rio de Janeiro 58
Figura 21 – Cinematographo Rio Branco, Rio de Janeiro 59
Figura 22 – Cine Pathé inaugurado em 1907 60
Figura 23 – Ator com roupas de Passos ao lado do prefeito durante a inauguração da 1ª fase das obras na zona portuária do Rio 62
Figura 24 – Imagem do Viaduto da Perimetral 64
Figura 25 – Viaduto da Perimetral na Praça XV. Ao fundo, a Igreja da Candelária 66
Figura 26 – Primeira viga retirada da Perimetral 66
Figura 27 – Implosão de parte da Perimetral na altura da Praça XV 67
Figura 28 – Imagem aérea mostra as últimas vigas da Perimetral entre a Praça XV e a Cidade do Samba 67
Figura 29 – Vista aérea do Rio de Janeiro da Praça Mauá para a Zona Sul, tendo ao fundo o

Pão de Açúcar e, do lado direito, o edifício "A Noite" 68
Figura 30 – Porto Maravilha: Imagem da Praça Mauá sem o Elevado da Perimetral 69
Figura 31 – Em dezembro de 2019, a zona portuária ganhou uma nova atração: a roda gigante 69
Figura 32 – À esquerda, os galpões revitalizados. À direita, VLT em uma das estações instaladas na zona portuária do Rio 70
Figura 33 – Mercado Municipal e o entreposto comercial da Praça XV em 1907 70
Figura 34 – Em outro ângulo, a Praça XV em 1907 71
Figura 35 – Feira de Antiguidades debaixo do Viaduto da Perimetral, na Praça XV, funcionava todos os sábados. Ambulantes vendiam de tudo naquele espaço 71
Figura 36 – O novo visual da Praça XV sem as sombras do Elevado da Perimetral 72
Figura 37 – Nova vista da Praça XV, livre dos pilares e das sombras do antigo Viaduto da Perimetral 72
Figura 38 – Praça Marechal Floriano 73
Figura 39 – Praça Marechal Floriano já transformada em Cinelândia 73
Figura 40 – VLT foi criado para facilitar a circulação de turistas que queiram visitar prédios históricos do centro, como o Theatro Municipal 74
Figura 41 – Veículo Leve sobre Trilhos na Parada Cinelândia 74
Figura 42 – Ambulante de comida de rua na zona portuária do Rio de Janeiro 81
Figura 43 – Ambulante de comida de rua empurrando sua carrocinha nas imediações do Museu do Amanhã 81
Figura 44 – Ambulantes de comida de rua fazem um círculo em frente ao Museu do Amanhã 84
Figura 45 – Entregador de aplicativo se arrisca na Rua Jardim Botânico, alagada durante temporal no Rio de Janeiro 86
Figura 46 – Prints enviados pelo *I Food* aos enctregadores 87
Figura 47 – Entregador de aplicativo alugando bicicleta do Itaú no Rio de Janeiro 88
Figura 48 – Entregador ciclista de aplicativo aguardando a próxima chamada 89
Figura 49 – Entregador ciclista de aplicativo a caminho de mais uma entrega 89
Figura 50 – Mollie fica indignada com a carga horária de trabalho de Abby 100
Figura 51 – Ricky recebendo pela primeira vez o *scanner*: controle constante 105
Figura 52 – Motorista-entregador uberizado escaneia uma encomenda 106
Figura 53 – Ricky correndo com o *scanner* na mão para tentar cumprir o prazo de mais uma entrega: escravo digital 106

Figura 54 – Ricky e Liza abraçados: breve momento de pausa 109
Figura 55 – Enquanto o ônibus não chega, Abby passa mensagem para a filha Liza 110
Figura 56 – Ricky tira latas de spray da mochila de Seb 110
Figura 57 – Desentendimento entre Ricky e o filho Seb vira rotina 112
Figura 58 – Abby fica desolada depois do desentendimento entre Ricky e Seb 113
Figura 59 – Liza Jane verifica as funções do *scanner* 115
Figura 60 – Ricky e Liza correndo para cumprir o horário dos algoritmos: monitoramento maquínico 116
Figura 61 – Liza e Ricky em um raro momento de comensalidade: entre uma entrega e outra 116
Figura 62 – Na correria para atender os algoritmos, a comida (sanduíche) fica em segundo plano 118
Figura 63 – Breve momento de alegria em família regado à comida indiana 120
Figura 64 – Nem no sábado de folga, Abby consegue jantar com calma com a família 121
Figura 65 – Abby chega à casa de Mollie para ajudá-la em uma noite de folga 122
Figura 66 – Rosie derruba o prato depois da negativa de Abby 123
Figura 67 – O motoboy Jackson Faive circulando pelas ruas de São Paulo 128
Figura 68 – Motoboy: corpo em movimento pela cidade 129
Figura 69 – O motoboy Jackson Faive pede aplausos para os entregadores de aplicativo ... 130
Figura 70 – Matéria da Folha de São Paulo denuncia má alimentação de entregadores 131
Figura 71 – Entregador é vítima de racismo em São Paulo 132
Figura 72 – Paulo Lima, Líder do Movimento Entregadores Antifascistas 138
Figura 73 – Entregadores de aplicativo fazem paralisação por melhores condições de trabalho em São Paulo 139
Figura 74 – Grupo de entregadores faz motociata em direção ao Tribunal do Trabalho em São Paulo 140
Figura 75 – Comida de casa na rua: é possível comer em qualquer lugar como embaixo de árvores na Praça Mauá 149
Figura 76 – Comida de rua na Praça Mauá: açaí gourmetizado 150
Figura 77 – Comida de rua na Cinelândia na hora do almoço 152
Figura 78 – Vendedora de quentinhas nas imediações da Cinelândia 154
Figura 79 – Máscara facial de ambulante: forma de proteção e de publicidade 155
Figura 80 – Ambulante de coco: máscara no pescoço, mas com luva descartável 157

Figura 81 – Vendedor de tapioca recheada nos arredores da Cinelândia: máscara no queixo 158
Figura 82 – Ambulante de água no Porto Maravilha: máscara no punho 159
Figura 83 – Vendedor de tapioca e churros não dispensa o uso da máscara 160
Figura 84 – Vendedor ambulante de água circula em busca de clientes na Praça Mauá 161
Figura 85 – Não é qualquer sacolé. É Ice Top *gourmet.* 163
Figura 86 – Vendedoras ambulantes organizam sacolés *gourmet*.....163
Figura 87 – Na sombra do Museu do Amanhã, ambulante de comida de rua espera por freguês 164
Figura 88 – Calor escaldante: vendedor ambulante de água "salva" turistas sedentos na zona portuária 165
Figura 89 – Imagem publicitária do aplicativo "Valeu", o *delivery* carioca 168

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Produtos comercializados 83

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 14

1 **REFERENCIAL TEÓRICO** 18

2 **METODOLOGIA** 26

3 **COMIDA DE RUA NO CENTRO DO RIO DE JANEIRO: MARCA DA CIDADE** 40

3.1 **Nos tempos do Império e da República Velha** 40

3.2 **Quiosques: sociabilidades e comensalidades no espaço público carioca** 50

3.3 **A reforma Pereira Passos e a higienização da "Paris dos Trópicos"** 53

3.4 **A reurbanização com Eduardo Paes e a Cidade Olímpica** 64

3.5 **Fonte de renda para a população: marca social** 75

3.5.1 Os ambulantes: corpos em movimento 78

3.6 **Entregadores de aplicativos de *delivery*: os novos ambulantes com a Covid-19** 85

4 **A UBERIZAÇÃO "VENDIDA" COMO PRÓPRIO NEGÓCIO** 91

4.1 **A Trajetória de Ken Loach** 93

4.2 **Filme *Você Não Estava Aqui*** 96

4.3 **Comida em trânsito** 107

4.3.1 Cenário 1 – Sobras de comida misturam-se ao cotidiano atribulado 108

4.3.2 Cenário 2 – Momento de tensão à mesa 109

4.3.3 Cenário 3 – Entre encomendas e sanduíches 114

4.3.4 Cenário 4 – Comida Indiana: "Separa os homens dos garotos" 119

5 **"CADÊ APLAUSO PÁ NOIZ, JOW? CADÊ? EU QUERO VÊ, MANO". O IMAGINÁRIO DOS ENTREGADORES DE APLICATIVO DURANTE A PANDEMIA NO EPISÓDIO 1 DE *MOTOBOYS: OS HERÓIS DA QUARENTENA*** 125

5.1 **Com vocês, Jackson Faive!** 125

5.2 **Movimento # BrequeDosApps: "Nossas vidas valem mais que o lucro deles!"** 136

6. **COMENSALIDADES EM TRÂNSITO: SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA RELAÇÃO COM A COMIDA DE (NA) RUA NO RIO DE JANEIRO NA PANDEMIA DA COVID-19** 146

6.1 **É possível comer em qualquer lugar: comensalidades de comida de (na) rua em cenas urbanas no Rio de Janeiro** 149

6.2 **Novas e antigas comensalidades e sociabilidades em tempos de coronavírus** 155

6.3 **As mudanças do espaço comensal da casa e da rua com a presença dos entregadores de comida por aplicativo no Rio de Janeiro** 166

CONSIDERAÇÕES FINAIS 171

REFERÊNCIAS 173

ANEXO 184

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A cidade do Rio de Janeiro é conhecida internacionalmente por suas belezas naturais, pela topografia exuberante, pelas praias. Como dizia o saudoso Tim Maia, "do Leme ao Pontal não há nada igual" e não há mesmo. Além da orla, há a maior floresta urbana do Planeta, a Floresta da Tijuca, para quem quiser recarregar as energias ou se refrescar nas cachoeiras.

A segunda maior metrópole do país também serve de inspiração para esta pesquisadora. Nascida e criada na Tijuca, na Zona Norte do Rio de Janeiro, esta carioca apaixonada pela cidade sempre gostou de perceber as "falas" dessa urbe, vendida pelo Poder Público como um dos mais importantes cartões postais do país. É verdade, mas não é só isso...

Como jornalista há quase 30 anos e pesquisadora de cidade há 10, não é tão simples "ler" esse espaço urbano que está em constante transformação. Essa metamorfoseada metrópole não se modifica sozinha, mas, sim, em função de ações governamentais e de atores sociais que habitam, trabalham, convivem e compartilham a urbe. "Rio 40 graus, cidade maravilha, purgatório da beleza e do caos"[1], como descreve o refrão da composição de Fausto Fawcett e Fernanda Abreu, retrata bem algumas das várias facetas dessa metrópole que se misturam, se camuflam, mas que coabitam nessa cidade, sendo um lugar (SANTOS,2009) de todos.

Entre essas peculiaridades, encontramos a comida de rua presente no espaço público desde o Brasil Colônia, em que escravos e escravas de ganho comercializavam frutas, doces e eram obrigados pelos senhores a dividir os lucros das vendas (SOARES, 1988). No século XIX, a negociação de alimentos era feita por meio de ambulantes, pessoas pobres que circulavam pela cidade, vendendo galinhas, cortes de porco, temperos – só para citar alguns exemplos – para tentar garantir o sustento. No início do século XX, a comida de rua era comercializada em quiosques – pequenas armações de ripas de madeira, com toldos de zinco em formato hexagonal, construídas em calçadas e ruas no centro da cidade, em que operários, pedestres, imigrantes, desempregados e autônomos se encontravam para beber, beliscar e conversar (CHALHOUB, 2012).

Atualmente, essa comensalidade em trânsito permanece, só que com continuidades e atualizações. Na primeira situação, percebemos a efetiva presença de ambulantes vendendo tapioca, pipoca, água de coco, misto quente, açaí, água, circulando rapidamente com seus

[1] ABREU, Fernanda; FAWCETT, Fausto. *Rio 40 graus*. Música. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=AhuJ3dUVQvc > Acesso em: 9 abr. 2022.

triciclos para acompanhar a velocidade da urbe (SIMMEL,1973). Na segunda, as atualizações, há a questão da pandemia de Covid-19, que modificou a relação dos sujeitos com a comida. Como assim? Em março de 2020, quando o Brasil decretou oficialmente a existência da doença em território nacional, medidas sanitárias foram implementadas pelo país, e o Governo do Estado do Rio de Janeiro autorizou apenas o funcionamento de atividades essenciais, como supermercados, farmácias e hospitais, ou seja, bares, restaurantes ficaram fechados e ambulantes de comida de rua proibidos de ocupar o espaço público. No entanto, ampliou-se a função de um profissional: o entregador de comida por meio de aplicativos. Em bicicletas e motos, esses trabalhadores com mochilas térmicas coloridas nas costas "invadiram" as ruas da cidade para entregar refeições e lanches para consumidores que podiam permanecer em casa durante o isolamento social.

Nesse contexto, a pesquisa também foi atravessada pela pandemia e precisou ser repensada e redefinida, visto que a proposta inicial era fazer uma investigação etnográfica com os ambulantes de comida de rua no centro do Rio de Janeiro, mas que precisou ser descartada já que não havia a possibilidade de realizar o trabalho de campo e não se tinha ideia da duração da pandemia[2]. Sendo assim, o problema da pesquisa foi redefinido e ficou da seguinte forma: como se dão as relações sociais e quais são os novos sentidos atribuídos à comensalidade e à comida de (na) rua desde os escravos de ganho até os entregadores de aplicativo?

Vale ressaltar que a comida de rua permanece como estrela da investigação, mas, conforme o contato e as leituras do referencial teórico, começamos a identificar relações estreitas entre o trabalho do escravo de ganho e do entregador de aplicativo, visto que ambos tinham/têm como lócus de labor as ruas da cidade do Rio de Janeiro, eram/são mal remunerados, tinham/têm um patrão algoz, sendo o primeiro visível, o "seu dono", e o segundo, invisível, que se esconde, criado pela tecnologia desenvolvida pelo próprio homem, cuja comunicação é mediada por inteligência artificial em plataformas digitais.

Além da perspectiva laboral, tanto os escravos de ganho quanto os ambulantes e os entregadores de comida por aplicativo foram/são os responsáveis pela comensalidade cotidiana no centro do Rio de Janeiro. Por isso, o objetivo geral do trabalho é analisar a forma como a comensalidade urbana está presente no cotidiano desde os escravos de ganho no centro do Rio de Janeiro no século XIX, passando pelos ambulantes de comida e que precisou se reinventar com a utilização do serviço de *delivery* por meio dos entregadores para chegar

[2] Todas as informações sobre a necessidade de alteração na pesquisa estão disponíveis no Capítulo 2, Metodologia.

até aos consumidores, gerando novas sociabilidades.

Como objetivos específicos pretendemos traçar um breve panorama sobre a história da comida de rua no centro do Rio de Janeiro; apresentar por meio de imagens antigas e recentes, esses territórios de sociabilidades em que a comida de rua está inserida nessa região da cidade; investigar a comida de rua como fonte de renda para a população: ontem e hoje; analisar a questão da uberização do trabalho pelo olhar do diretor inglês Ken Loach no Filme *Você Não Estava Aqui*, lançado em fevereiro de 2020; refletir sobre a precarização do trabalho e suas consequências no mundo globalizado; identificar a comensalidade cotidiana pelas lentes de Loach; utilizar o episódio 1 de *Motoboys: os heróis da quarentena*, protagonizado pelo personagem Jackson Faive, interpretado pelo humorista Marco Luque, para refletir sobre a situação dessa categoria no cenário local, em que a produção audiovisual ficcional se coaduna com situações verídicas na contemporaneidade; analisar algumas matérias jornalísticas sobre os entregadores de comida por aplicativos publicadas na Folha de São Paulo, a partir de 16 de março de 2020, quando se iniciou o período de isolamento social no país, até agosto de 2021, e que tenham relação com temas pontuais e relevantes expostos no episódio 1 de *Motoboys: os Heróis da Quarentena*; problematizar o lugar do entregador na sociedade pós-moderna; traçar um paralelo entre o panorama apresentado pelo episódio 1 de *Motoboys: os heróis da quarentena* e o movimento #BrequeDosApps liderado pelo *motoboy* Paulo Lima; explorar as diversas formas de comensalidade e alimentação de comida de rua no centro do Rio de Janeiro: comer e andar, comprar e levar, comer em pé, comer ao ar livre; identificar e analisar as mudanças da comensalidade urbana cotidiana na cidade do Rio de Janeiro com o crescimento do *delivery*, por meio dos entregadores de comida em função da Covid-19; perceber e refletir sobre a relação estreita entre os escravos de ganho no século XIX e os entregadores de comida por *delivery* no século XXI.

Este trabalho de pesquisa é dividido em seis capítulos. No primeiro, *Referencial Teórico*, fazemos um breve levantamento de publicações nacionais e internacionais sobre a comida de rua, ambulantes e entregadores de comida por aplicativo, percebendo que os contextos sanitário e econômico aparecem predominantemente. São breves os estudos que notam o alimento além do biológico, que "alimenta a alma", possibilita interações simbólicas, é mediado pela cultura, panorama abordado neste estudo.

No segundo capítulo, *Metodologia*, apresentamos o percurso da pesquisa, tendo, como arcabouço teórico, a Escola de Chicago, que percebia a importância da cidade como objeto de estudo; o interacionismo simbólico (GOFFMAN, 2011); a teoria do Mosaico (BECKER, 1994); a percepção do detalhe (GINZBURG, 1989); o conceito de piscadela (GEERTZ,

1989); o cinema como forma de compreensão da sociedade (BECKER, 2009), entre outros. Nessa etapa, articulam-se os diversos procedimentos metodológicos adotados aos capítulos.

Na terceira parte deste estudo, *A comida de rua no centro do Rio de Janeiro: marca da cidade*, traçamos um breve cenário histórico sobre o assunto desde a presença dos escravos de ganho que comercializavam comida na rua nessa região até a presença dos entregadores de aplicativo de *delivery* na contemporaneidade.

No quarto capítulo, *A uberização "vendida" como próprio negócio*, trazemos a análise do longa-metragem *Você Não Estava Aqui*, do diretor britânico Kenneth Loach, lançado em fevereiro de 2020 no Brasil. O intuito é focar o estudo em duas frentes: a precarização do trabalho mediada pelas plataformas digitais e a uberização da vida em um cenário globalizado; a observação e a análise de quatro cenas de comensalidade apresentadas na narrativa ficcional.

Na quinta parte deste trabalho, "*Cadê aplauso pá nóiz, jow? Cadê? Eu quero vê, mano". O imaginário dos entregadores de aplicativo durante a pandemia no episódio 1 de Motoboys: os heróis da quarentena*, enfatizamos a perspectiva local da globalização. Se, no filme de Ken Loach, buscamos refletir sobre um olhar globalizado da uberização, nessa etapa tentamos compreender a permanência escravocrata, a manutenção do racismo, da servidão, da pobreza e do privilégio para uns em detrimento de tantos outros no nosso país.

No sexto e último capítulo, *Comensalidades em trânsito: sentidos e significados da relação com a comida de (na) rua no Rio de Janeiro na pandemia da Covid-19*, consideramos a comensalidade e a sociabilidade em diferentes aspectos, tendo como divisor de águas a pandemia, que modificou a nossa relação com a comida, situação que se mantém mesmo após a imunização de grande parte da população da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, atualizar e refletir sobre o papel dos entregadores de aplicativo na contemporaneidade.

Como resultado, esta tese pretende fornecer dados que vão auxiliar futuros estudos que abordem temas relacionados à comida de rua no Rio de Janeiro, relações sociais, trabalhistas mediadas pela tecnologia, a precarização do trabalho em função do neoliberalismo, as diversas comensalidades em trânsito no espaço público carioca que encontram brechas (DE CERTEAU, 1994) para ocupar a cidade. Esse é o caso dos entregadores de aplicativos de comida, que driblam o engessamento promovido pela arquitetura moderna.

Vale ressaltar que esta pesquisa é apenas um pequeno recorte de um universo atual, pulsante, fascinante, vivenciado em nosso cotidiano, imbricado a várias áreas do conhecimento, como comunicação, nutrição, cultura, economia, tecnologia, política, desigualdades sociais, cidadania, apenas para citar alguns exemplos.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao realizar uma pesquisa no *site* de periódicos da CAPES[3], foi possível encontrar teses, dissertações e artigos que abordam a questão da comida de rua, em âmbitos nacional e internacional. Acredita-se que essa busca foi fundamental para perceber diversas abordagens relacionadas ao assunto.

Iniciamos pelo artigo de Leal e Teixeira (2014) sobre a comida de rua em Salvador, em que os autores fizeram uma extensa investigação com o objetivo de descrever e analisar, em uma dimensão ampliada, suas especificidades em diferentes situações. A abordagem do estudo leva em consideração aspectos relacionados à vigilância sanitária, ao planejamento e à gestão em saúde. Nele, a comida de rua também é percebida como uma forma de subsistência para indivíduos que se encontram fora do mercado de trabalho formal na capital baiana.

> A comida de rua em Salvador assume grandes proporções, provavelmente em decorrência do elevado índice de desemprego na região Metropolitana de Salvador (RMS) para a População Economicamente Ativa (PEA) – 17,7% em abril de 2012 e 19,7% entre fevereiro e março de 2013 – e da baixa escolaridade dos cidadãos que compõem o segmento. Torna-se, desta forma, uma alternativa viável de renda e que vai ao encontro da cultura local do baiano, que gosta e precisa consumi-la, fato já observado nos estudos locais (LEAL, TEIXEIRA, 2014, p. 16).

Leal e Teixeira (2014) salientam ainda que uma característica evidente da comida de rua em países da América Latina é a improvisação dos diversos tipos de postos de venda, divididos em fixos, semifixos e ambulantes. No caso de Salvador, eles são classificados como móveis e semimóveis, com predominância da sua "fixação" por determinação do órgão municipal responsável pelo "ordenamento" e a licença do segmento, mesmo em se tratando de carrinhos, como os de cachorro-quente, pipoca etc.

O trabalho também analisou a localização dos pontos de venda de comida de rua na capital baiana, que ficam em locais de grande concentração de pessoas, como nas proximidades de clínicas e hospitais do Sistema Único de Saúde (SUS), nas cercanias de escolas, *shopping centers* e em sinais de trânsito. A perspectiva da falta de estrutura no espaço público para o preparo de alimentos com higiene adequada, os cuidados com a conservação de produtos e a contaminação ambiental também foram abordados ao longo da pesquisa.

Vale ressaltar, no entanto, que Leal e Teixeira (2014) também se debruçaram quanto à questão da mixagem de tempos e de culturas quando o assunto é comida de rua vendida na capital baiana.

[3] Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 3 jan. 2019.

> A comida de rua comercializada em Salvador hoje guarda ainda reflexos dos tempos antigos, tradicionais: o tabuleiro de frutas, o tabuleiro da baiana, o acarajé, o mingau, a taboca, o acaçá, são exemplos vivos. Mas também se modernizou, se ampliou: temos hoje o "baiano do acarajé" vendendo os quitutes, novos alimentos de outras culturas, como os cachorros-quentes e os churros, reflexos de tempos globalizados, assim como novas formas de comercialização, com equipamentos modernos (LEAL, TEIXEIRA, 2014, p.20).

Durante a pesquisa sobre trabalhos relacionados à comida de rua no Brasil, notamos a existência de vários estudos abordando preocupação quanto à questão higiênico-sanitária, visto que esses alimentos têm processamento artesanal, em infraestrutura inadequada e falta de informações por parte dos vendedores quanto à produção segura desses produtos, possibilitando elevado risco de contaminação. Esse foi o caso do estudo de Laiana Lôbo et al (2015), do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CCS/UFrB). O artigo intitulado *Perfil e discurso de trabalhadores de comida de rua no Recôncavo da Bahia, Brasil* teve por objetivo contribuir para melhoria das condições higiênico-sanitárias dos alimentos vendidos no comércio informal de lanches em Santo Antônio de Jesus, na Bahia.

Segundo os pesquisadores, em função da falta de dados sobre o número de trabalhadores informais de alimentos no município, não foi possível realizar o cálculo amostral. Então, optou-se pela adoção da amostragem itinerante como método.

> Para tanto, as três praças de maior movimentação foram identificadas para seleção dos vendedores de comida de rua. Estudantes de Nutrição permaneceram em campo nos dois meses iniciais do estudo para identificar o número máximo de vendedores com disponibilidade para participar do estudo. Assim, foi possível selecionar 40 vendedores de comida de rua. Utilizou-se como critério de inclusão trabalhadores adultos que comercializavam alimentos em locais públicos (LÔBO et al, 2015, p.83).

Além da preocupação higiênico-sanitária apresentada no estudo, a comida de rua surge como uma forma de sobrevivência para indivíduos que não conseguem emprego com carteira assinada no Recôncavo Bahiano.

> Os resultados obtidos com o presente estudo permitem inferir que o comércio informal de alimentos possui caráter social, permitindo renda aos indivíduos que não conseguem se inserir no mercado formal, seja por falta de qualificação, saturação do mercado formal ou até mesmo busca por maiores rendimentos (LÔBO et al, 2015, p. 86).

Ainda se tratando da Bahia, nos remetemos agora às baianas de acarajé e às tacacazeiras, mulheres que preparam o tacacá, comida de rua de tradição indígena consumida

em cidades da Região Norte do país, como Belém, Manaus e Porto Velho. O artigo escrito por Daniel Bitter[4] e Nina Pinheiro Bitar[5] apresenta o ofício dessas profissionais quanto à produção e ao consumo do acarajé e do tacacá, os quais têm diferentes concepções de "patrimônio" entre essas cozinheiras, consumidores e agentes do Poder Público, que ocasionam conflitos quanto aos usos do espaço urbano por essas profissionais.

> As muitas aproximações que se podem fazer entre as baianas de acarajé e as tacacazeiras nos motivaram a explorar as especificidades dessas comidas e de seus contextos, considerando seus múltiplos significados, tendo como pano de fundo a ideia de que os patrimônios são, afinal, constituídos, reconstruídos e transformados cotidianamente por meio da ação das baianas de acarajé,tacacazeiras e clientes que se juntam ao redor de seus pontos de venda, comotambém pela ação de instituições patrimoniais e políticas culturais. Estamos convencidos de que os processos de patrimonialização são processos extremamente complexos que envolvem forças e interesses diversos (BITTER, BITAR, 2012, p. 215).

Outra abordagem relevante levantada pelos autores refere-se ao uso do espaço urbano, principalmente quanto à autorização para a instalação de pontos de venda de acarajés e tacacás. Propõe pensar as maneiras como essas trabalhadoras percebem o processo de patrimonialização como uma possibilidade de sensibilizar o Poder Público acerca da singularidade de suas práticas (BITTER, BITAR, 2012).

Bitter e Bitar (2012) iluminam também a perspectiva de que os pontos de venda são construídos por meio de vínculos sociais em que baianas e tacacazeiras têm uma relação de proximidade e intimidade com seus clientes. No caso do acarajé, é uma conida de rua que tem peculiaridades não somente no preparo ritualizado, minucioso, com receitas bem guardadas pelas baianas, mas também na hora do consumo.

> É interessante observar que o acarajé não é uma comida formal, uma refeição; nem almoço, nem jantar, articula um tipo específico de sociabilidade. Os horários de consumo são bem variados, mas geralmente é consumido ao final da tarde, depois do trabalho, configurando-se também como um ponto de encontro de grupos, que usam esse espaço e essa comensalidade de forma específica, propiciando algumas redes de relações (BITTER, BITAR, 2012, p. 216).

Já o tacacá foi inventado pelos povos indígenas, mas sofreu modificações pelas tacacazeiras. Apesar de ser consumido em residências sobretudo em datas festivas, o alimento é encontrado no espaço público em cidades da Região Norte do país em que as pessoas se reúnem para comer nos fins de tarde, depois da chuva.

[4] Universidade Federal Fluminense.

[5] Universidade Federal do Rio de Janeiro.

> As tacacazeiras são encontradas em bairros nobres e populares, em pontos turísticos, nas proximidades dos mercados, nas praças, largos e em certas esquinas. Em torno das barracas, quiosques, carrinhos e restaurantes caseiros juntam-se pessoas de diversos extratos sociais, quando se reafirmam relações sociais e vínculos afetivos, ainda que se verifique também alguma segmentação da clientela distribuída pelos diversos pontos de venda, que oferecem o produto a preços variados (BITTER, BITAR, 2012, p. 220).

Saindo da Bahia e de Belém, cruzando o Brasil até a Região Sul, chega-se a Porto Alegre para continuar a pesquisa do estado da arte em torno da comida de rua no país. Por meio da investigadora Krisciê Pertile, em sua dissertação de Mestrado intitulada *Em pratos limpos: a comida de rua no Brique da Redenção, em Porto Alegre / RS – Brasil, e possibilidades para o Turismo*, do Programa de Pós-graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, podemos conhecer um pouco da realidade do tema em uma feira montada aos domingos, ao longo da Avenida José Bonifácio, na capital do Rio Grande do Sul. A iniciativa conta com a venda de objetos de arte, antiguidades, peças de artesanato, que também disponibiliza espaço para a comida de rua para todos os gostos e apetites.

A autora (PERTILE, 2014) salienta que a investigação teve o intuito de aprofundar os estudos científicos em relação às comidas de rua, sob o cenário do próprio ambulante quanto à atividade, analisando os possíveis vínculos com o Turismo. Krisciê Pertile (2014) notou que a ação é desenvolvida principalmente por mulheres, "sendo grande parte delas proprietárias do negócio e detentoras do conhecimento culinário, enquanto os homens aparecem como auxiliares" (PERTILE, 2014, p. 120).

Outra percepção da pesquisa refere-se ao envolvimento dos ambulantes de comida de rua do Brique da Redenção, em Porto Alegre, com todo o processo de produção do gênero gastronômico, desde a seleção e compra dos ingredientes, a elaboração do alimento e o contato direto com os clientes**.** Nesse último item, Krisciê Pertile (2014) salienta que a sociabilidade pode ser considerada marca principal da atividade nas ruas.

Depois de Porto Alegre, a busca por estudos relacionados à comida no espaço urbano segue para a Região Sudeste do país, mas precisamente para São Paulo. A pesquisa de Rosa Wanda Diez Garcia (1997), do Departamento de Nutrição da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, aborda modificações sofridas pela comida na vida urbana na maior cidade do país. No trabalho intitulado *Práticas e comportamento alimentar no meio urbano: um estudo no Centro da cidade de São Paulo*, a autora (GARCIA, R., 1997) discorre sobre o comportamento alimentar em duas perspectivas: a dos alimentos e preparações consumidos e a dos desejados. Ela parte da premissa de que características do modo de vida urbano orientam

o comportamento alimentar. Com base nesse olhar, Rosa Garcia (1997) busca explorar a perspectiva da comida, suas representações simbólicas e os significados para os indivíduos comerem no centro de São Paulo.

Interessante ressaltar que o estudo da autora (GARCIA, R., 1997) apresenta a realidade vivenciada por inúmeros atores sociais, na qual, em função das longas distâncias entre a residência e o trabalho, o trânsito intenso e o ritmo acelerado pela metrópole, ir almoçar em casa não faz mais parte da rotina desses indivíduos. Eles, porém, encontraram um jeito para retomar esse aspecto afetivo. Notamos que o ato de se alimentar não é apenas uma função biológica para manter a subsistência, mas também de identificação, de reconhecimento e, por que não dizer, de laços "afetivos" com os alimentos.

Partimos agora para o Rio de Janeiro em direção à Madureira, subúrbio carioca, berço do samba, mas exatamente para se conhecer o universo da Feira das Yabás – um evento de música e gastronomia negra que não possui uma periodicidade física. Quem apresenta as representações da comida, tradições, usos é a pesquisadora do CAC UERJ, Adelaide Chao (2015), com sua dissertação. O estudo intitulado *Comunicação e cultura: a Feira das Yabás* destaca o ato de gostar de comer, ao prazer de estar junto (MAFFESOLI, 1998), de compartilhar em um evento no meio do espaço público.

> A rua oferece efervescência, fazendo com que as pessoas queiram partilhar o que há de comum entre si: o gosto pelo conjunto de signos que envolvem a Feira – música, comida, vai-e-vem das pessoas, comércio local, as conversas com as iabás, a memória representativa dos quitutes, etc. (CHAO, 2015, p. 81).

Apesar de a pesquisa de Adelaide Chao (2015) não se referir à comida de rua, mas, sim, às iguarias gastronômicas das iabás, que vão desde refeições como abóbora com carne seca, peixe frito, quitutes e doces, essas comidas de subúrbio vendidas na Feira propiciam sociabilidade entre os indivíduos. A comida é um agente de comunicação do evento, é um "elemento de comunhão" entre os frequentadores e as iabás, "sendo a rua o seu 'lugar de apropriação'" (CHAO, 2015, p.79). Portanto, quem frequenta a Feira das Yabás e consome nela não o faz somente pela questão nutricional da comida, "mas é envolvido pelo conjunto de símbolos que cada prato traz – imagem, cores, cheiros, qual iabá/barraca preparou, quais significados possuem tais iguarias" (CHAO, 2015, p. 80).

Neste momento, nos debruçamos na busca por trabalhos em outros campos do conhecimento em que a alimentação está inserida. Para tanto, procuramos informações no Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação (NECTAR) do Instituto de Nutrição da UERJ, integradas à linha de pesquisa políticas, saberes e práticas em Alimentação, Nutrição e

Saúde do Programa de Pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde. Os pesquisadores fizeram um vasto levantamento sobre Alimentação e Cultura como campo científico no Brasil, como na dissertação de Mestrado de Juliana Klotz Silva (2010), desse Programa de Pós-graduação. O trabalho teve por objetivo fazer um mapeamento do tema em abrangência nacional.

Para o mapeamento de grupos e linhas de pesquisa que, de alguma maneira, discutem essas questões, Juliana Silva et al. (2010) fizeram buscas por meio de um exercício empírico exploratório no Diretório do CNPq. Com esse fim, foram realizadas combinações entre dois conjuntos de palavras-chave: "o primeiro relacionado a alimento, alimentação, nutrição, comida, culinária; e o segundo, a cultura, antropologia. Incluímos ainda as temáticas alimentação saudável e gastronomia". (SILVA et al., 2010 p. 419). Como resultado, foram identificados 261 pesquisadores e 279 estudantes atuando com Alimentação e Cultura no Brasil, em 2008. Esse trabalho de fôlego apresentou dados palpáveis que expressam a importância de tal abordagem de pesquisa científica em âmbito nacional há mais de uma década. Os autores ainda sugerem caminhos que devam ser percorridos nessas investigações.

> Pretendemos, desta forma, estabelecer um mapeamento capaz de motivar, ampliar e aprofundar o debate acerca da constituição da Alimentação e Cultura como um campo científico específico que tem incorporado no *habitus* de seu agente principal, o pesquisador das Ciências da Saúde, as reflexões, potencialidades e recursos metodológicos oriundos das Ciências Sociais e Humanas. A *teia de significados* tecida nesse lugar de encontro entre distintossaberes encontra-se marcada pela visão hegemônica biomédica, se ressente edemanda um domínio mais sólido de conceitos e métodos capazes de enfrentara complexidade da realidade e dos problemas além das bancadas dos laboratórios, na vida em sociedade (SILVA et al., 2010, p. 437).

Importante ressaltar que os pesquisadores que integram o Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação (NECTAR) do Instituto de Nutrição da UERJ realizam um trabalho de excelência quanto à investigação, divulgação e propagação de conhecimentos relacionados à comida em seus aspectos simbólico, cultural e de interações sociais em livros, como a série Sabor Metrópole, em artigos publicados em revistas científicas. Isso corrobora a importância desse estudo.

Retomando a busca por pesquisas acadêmicas relacionadas à comida de rua, desta vez em âmbito internacional, nosso destino é Singapura, no Sudeste Asiático. Aqui, nos debruçamos sobre o trabalho de Nicole Tarulevicz (2018), intitulado *Hawkerpreneurs: Hawkers, entrepreneurship, and reinventing street food in Singapore*. O estudo traça uma linha histórica da presença de vendedores ambulantes nas ruas em que o governo "reinventou" esses profissionais nos 1960 e os transferiu do espaço público para o centro de ambulantes: o

hawker center, um ícone da Singapura contemporânea e elemento fundamental da identidade nacional. (TARULEVICZ, 2018). Portanto, esses vendedores ambulantes que comercializavam comida de rua barata, saborosa, multiétnica e higiênica foram transferidos para esse espaço. (TARULEVICZ, 2018). Além disso, o governo de Singapura, em conjunto com a iniciativa privada, começou uma outra mudança histórica desse trabalhador, considerado ícone: símbolo cultural e identitário. Ele surge como "um elemento emergente chave (que) é o novo empreendedor ambulante ou 'vendedor ambulante'". [6] (TARULEVICZ, 2018, p.292).

O estudo de Nicole Tarulevicz (2018) contextualiza esse empreendedor ambulante, levando em consideração reinvenções históricas, comida de rua e crise instalada no *hawker center*[7]. Por essa nova perspectiva, esse comerciante é vislumbrado pelas iniciativas pública e privada como empreendedor de sucesso, sendo indivíduo bem-vestido e de estilo.

> As mudancas no status dessa categoria, alcançadas não apenas por uma nova imagem, mas também por mudanças estruturais, tais como ranqueamentos pela Michelin, estão sendo utilizadas para sinalizar essa nova fase do mercado de comida de rua singapurense [8] (TARULEVICZ, 2018, p. 293).

A autora (TARULEVICZ, 2018) enfatiza ainda que a comida de rua é compreendida de diversas formas, como uma cozinha e, na Singapura pós-moderna, uma abreviação para país. Isso porque vendedores ambulantes realizam trabalhos cultural e social significativos, relacionados ao pertencimento e à identidade. No entanto, Nicole Tarulevicz (2018) ressalta que os *hawker centers* são, hoje, os espaços alimentares essenciais de Singapura que espelham as intensas transformações aceleradas vivenciadas na ilha asiática.

Do Sudeste Asiático, partimos com destino à Europa, mais precisamente a Portugal. Ancoramos na dissertação de Mestrado de Ana Cristina Cabral Correia (2015) sobre a marca de *street food* (Comida de Rua). Correia (2015) afirma que seu surgimento foi em 2012, na cidade do Porto, pela iniciativa empreendedora de Isabel Tavares e de sua família. Segundo a pesquisa realizada, a "Comida de Rua" conta com dois pontos de venda fixos: um no Mercado Municipal de Matosinhos; o outro na Estação do Metro da Senhora da Hora e com duas motos. Posteriormente, se expandiu para Lisboa, mas apenas em participações em eventos e festivais.

---

[6] Tradução livre da autora.

[7] Centro de vendedor ambulante. Tradução livre da autora.

[8] Tradução livre da autora.

Vale salientar que o conceito de comida de rua desenvolvido aqui, no Brasil, é diverso do apresentado em Portugal, conforme explica a autora:

> Hoje o conceito de *street food* é muito diferente, não se pretende comercializarcomida rápida, de pouca qualidade e com baixo teor nutricional, antes pelo contrário, a *street food* pretende trazer conceitos diferentes, que primem pela qualidade e diferenciação, e é isso que a "Comida de Rua" pretende com os seus produtos. Utilizando produtos "diferentes" e mais *gourmet*, que transmitam ao cliente o cuidado e a qualidade na confecção (CORREIA, 2015, p. 10).

Notamos que é possível fazer uma analogia entre *street food* e o conceito de *food trucks* utilizado no território brasileiro. Afinal, esse último está associado à comida gourmetizada, com elevado padrão de qualidade, com receitas artesanais e exclusivas, vendendo a ideia de uma "experiência gastronômica" nunca vivenciada.

Ao fazer uma breve busca no Google Acadêmico[9] com as palavras-chave entregador, aplicativo e comida, tendo como recorte temporal 2020-2021, foram encontrados 25 trabalhos. Esse período foi escolhido, pois percebemos que a comensalidade mudou durante a pandemia da Covid-19, momento em que a comida "circulava" em mochilas coloridas de entregadores de aplicativo. Como não era possível sair para almoçar ou jantar, a comida chegava ao aconchego do lar com esses profissionais em suas bicicletas e motos. Logo na página inicial, a questão do trabalho dos entregadores aparece em primeiro plano. Um exemplo é o estudo de Débora Borba (2021), *Trabalhar para colocar comida na mesa: O trabalho dos entregadores e entregadoras de delivery em Uberlândia, MG sob a pandemia de COVID-19*. A pesquisa propõe uma análise do fenômeno do trabalho por aplicativo, especificamente *motoboys* e *bikeboys* de aplicativos como *Ifood*, *UberEats*, *James* e *Rappi*, expondo a nova morfologia do trabalho. Desse modo, associa avanço tecnológico, novas técnicas informacionais, simultaneamente, buscando esmiuçar as formas que assume o processo de precarização especialmente no período da pandemia, tendo como lócus de observação o município de Uberlândia, em Minas Gerais, em 2021.

Entre os principais temas apresentados nas pesquisas, estão questões relacionadas principalmente ao trabalho, ao modelo de negócios, ao empreendedorismo, à logística urbana e à saúde, por meio da adequada manipulação de alimentos. Portanto, nessa breve investigação, não encontramos estudos que abordem a relação da comensalidade e da escravidão, o que torna o nosso estudo inédito.

---

[9] Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0%2C5&q=entregador%2C+aplicativo%2C+comida+2020-2021&btnG>. Acesso em: 30 dez. 2021.

2 METODOLOGIA

Iniciar uma pesquisa não é uma tarefa simples. Exige uma série de tomadas de decisões metodológicas que objetivam contemplar, ao mesmo tempo, os sonhos do investigador e as exigências acadêmicas da comunidade científica. Sensibilidade, percepção aguçada e disciplina são itens fundamentais para a construção de uma pesquisa criteriosa.

Sempre gostei de andar pelas ruas do centro do Rio de Janeiro observando tudo... Uma conversa alheia, um cheiro diferente, uma aglomeração ao redor de um camelô, de um grupo de músicos e seus instrumentos... Será que essa percepção surgiu com a reportagem? Afinal, foram décadas dedicadas ao jornalismo. Entretanto, pensando bem, a atenção pode ter sido aguçada com o jornalismo, mas a percepção da cidade pulsante, sensível, bela e, ao mesmo tempo, tão cheia de códigos, nuances, vibrações, cheiros, sons, surgiu com a pesquisadora a partir de leituras instigantes, que geraram reflexões intensas, sofridas em alguns momentos, mas essenciais para compreender um pouco da contemporaneidade.

Diante das reflexões em que tive a alegria de vivenciar as aulas e eventos promovidos pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ durante o Mestrado, decidi continuar pesquisando a cidade do Rio de Janeiro e o centro, que sempre me encantou. Em função desse encantamento e em busca de novos desafios, resolvi ir a campo, ou seja, ir à rua, à procura de inspiração. Peguei o metrô e saltei na estação Largo da Carioca, pela Avenida Rio Branco.Tudo tão diferente com a implantação do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT)! Nem parecia uma das principais avenidas da segunda maior cidade do país. O ir e vir de pedestres apressados diminuiu; de tempos em tempos, VLTs cortavam o asfalto em seus trilhos energizados e seus sininhos tilintando, anunciando a passagem de mais um carro.

Todavia, em meio a essa padronização de transporte de inspiração europeia, há brechas (DE CERTEAU, 1994) nessa ocupação ordenada do espaço público. Nas bordas dos trilhos do VLT, nas calçadas apertadas, havia a presença de muitos ambulantes que vendiam de tudo que se possa imaginar: lentes de aumento, aparelhos eletrônicos, toucas de cabelo, toalhas de mão infantis, biscoitos, cuscuz, misto-quente, tapioca recheada, ou seja, muita comida de rua. Notei que esses produtos eram comercializados em carrocinhas ou triciclos, que circulavam, se deslocavam pela urbe com rapidez, tão velozes quanto a cidade pós-moderna.

A partir dessa percepção, continuei minhas andanças em direção à Praça Floriano, mais conhecida como Cinelândia, local histórico que reúne o Museu Nacional de Belas Artes, Teatro Municipal, Biblioteca Nacional, Câmara de Vereadores, cenário de impactante beleza

arquitetônica com suas imponentes construções de influência francesa. Essa exuberância nas edificações antigas se misturava à correria de pedestres apressados, que saíam do Metrô, dos VLTs e que dividiam espaço novamente com ambulantes de comida de rua, estrategicamente posicionados em pontos de circulação de transeuntes, como em esquinas e em estreitas calçadas. Tapioca recheada, cachorro-quente, x-tudo, churrasquinho, açaí e pipoca eram alguns exemplos de alimentos que faziam parte cotidianamente desse pedaço (MAGNANI, 1996) do espaço público.

Com base na minha observação e como pesquisadora de cidade, decidi escolher a comida de rua como tema da tese com o intuito de tentar compreender qual era o seu papel nas relações comunicacionais de comensalidade entre atores que conviviam no centro do Rio de Janeiro, mais precisamente nas Praças XV de Novembro, Mauá e Cinelândia. Quando entrei no Doutorado em 2018, a ideia inicial era fazer uma pesquisa de cunho qualitativo, na qual utilizaria o trabalho de campo como técnica de observação participante, como ferramenta etnográfica, com o objetivo de identificar, detalhar esses espaços simbólicos e de sociabilidades entre os sujeitos e o objeto de estudo. Nesse contexto, seriam realizadas entrevistas semiabertas em profundidade como registro de relatos de atores sociais relacionados ao preparo, à venda e ao consumo de comida.

A proposta era começar o trabalho de campo de forma efetiva em março de 2020 para o recolhimento de informações e de imagens que contribuiriam para a escrita do texto para a qualificação. No entanto, com o avanço da pandemia da Covid-19 no Brasil, principalmente nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, o então governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, deliberou, por meio do Decreto estadual n.º 46.973, publicado no Diário Oficial em 17 de março de 2020[10], a situação de emergência na saúde pública no Estado do Rio de Janeiro.

Entre as medidas determinadas, estavam o funcionamento de *shoppings* em apenas um turno, restaurantes e academias fechados. Escolas e universidades das redes pública e privada também tiveram as aulas suspensas[11]. Todas essas ações tinham o objetivo de restringir a mobilidade das pessoas para evitar a proliferação do vírus. Dessa forma, a vida da população no Rio de Janeiro mudou em um piscar de olhos. Apenas atividades consideradas essenciais, como supermercados, farmácias, hospitais, clínicas médicas, podiam funcionar, mas com uma série de medidas restritivas. As empresas tiveram que se adaptar às atividades remotas, em

[10] Disponível em: <https://coronavirus.rj.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/DIARIO-OFICIAL-17_03_2020.pdf.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

[11] Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/16/witzel-diz-que-organiza-proposta-para-declarar-situacao-de-emergencia-no-rj-devido-ao-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 18 jul. 2020.

que colaboradores precisaram adequar a rotina ao *home office*.

As determinações do governo do Estado e da prefeitura do Rio para reduzir o número de pessoas nas ruas e garantir o isolamento social avançaram gradativamente, com a diminuição da circulação de transportes públicos, o fechamento de calçadões em bairros determinados, a proibição de pedestres na orla, nas praias e em tantos outros lugares. A cada 14 dias, surgiam novos decretos, novas medidas, com a intenção de impedir o crescimento no número de casos da Covid-19 e a superlotação de hospitais públicos e privados.

Ao mesmo tempo em que as restrições iam avançando, mais distante ficava a possibilidade de ir a campo para a realização da minha pesquisa. Depois de reflexões e ponderações com o meu orientador, Professor Doutor Francisco Romão Ferreira, decidimos que não haveria possibilidade da permanência da proposta inicial do estudo, em virtude da pandemia do coronavírus e da falta de uma definição quanto ao prazo para a resolução do problema, já que, enquanto não houvesse vacina, ninguém estaria protegido. Acreditamos que seja interessante pontuar essas questões, visto que fazem parte do processo de escrita desta pesquisa.

Em consequência disso, optamos por continuar a abordagem da comida de rua, como objeto de estudo, mas em uma outra perspectiva. Com a pandemia do coronavírus, percebemos uma mudança de cenário. Se não era possível sair de casa para comer, a comida ia e vinha até o consumidor por meio do *delivery*. Ela chegava pelos entregadores de aplicativos como *iFood*, *Uber Eats* e *Rappi*, que circulavam pelas ruas da cidade em bicicletas e motos com suas mochilas coloridas nas costas.

Notamos que, durante os meses de isolamento social, as vias ficaram vazias, sem carros, sem pedestres, mas houve um crescimento expressivo no número desses trabalhadores. Eles eram profissionais da linha de frente, como médicos, enfermeiros, motoristas de ônibus, comerciantes, jornalistas, que precisavam trabalhar e arriscar a saúde para garantir atividades essenciais à população.

Voltando um pouco na história, a iniciativa de pensar a cidade como um objeto viável de investigação partiu de um grupo de intelectuais do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, nos anos 1920. A Escola de Chicago, como ficou conhecida, representou um divisor de águas na abordagem de estudo em que apresentou uma Chicago caótica, que passava por acelerado processo de industrialização, de urbanização e de imigração no fim do século XIX e início do XX. Portanto, esses pesquisadores tiveram a preocupação de integrar a teoria com a investigação empírica, que "reflete a presença

marcante entre seus participantes da filosofia pragmática que insistia na unidade entre teoria e ação, entre reflexão e mundo real" (MARTINS, 2013, p. 219).

Vale ressaltar que, entre os temas investigados pelos sociólogos da Escola de Chicago, podemos citar segregação racial, organização social, vivências étnico-religiosas de seus moradores e fenômenos de migração e imigração. Dessa forma, notamos que a atenção das pesquisas se debruçou, basicamente, em problemas sociais da vida urbana (MARTINS, 2013).

Nesse contexto, é fundamental trazer a contribuição de Robert Park (1864-1944). Ele vislumbrava "a cidade como laboratório social", em que a pesquisa de atores e suas relações sociais poderia ocorrer em seu habitat natural, por meio de um contato direto do investigador com o objeto de estudo, diferentemente de pesquisas anteriores. Além disso, Park se dedicou a ensaios sobre a natureza da cidade e o papel da comunicação na vida social (BECKER, 1994).

Segundo os pesquisadores de Chicago, quando interpretamos fatos, coisas ou objetos com os quais interagimos, atribuímos significados que estruturam simbolicamente a sociedade. A investigação dessas significações que elaboramos em nossas interações é o chamado interacionismo simbólico.

Ainda nessa perspectiva, acreditamos ser essencial trazer a contribuição de Erving Goffman, no que tange ao conceito de interação face a face, que podemos utilizar de forma satisfatória em nossas pesquisas na área de Comunicação.

> A interação (isto é, interação face a face) pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata. Uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros (GOFFMAN, 2011, p. 24).

Esse contato relatado por Goffman (2011) ocorre em relações sociais cotidianas em que os sujeitos podem assumir diversos papéis, máscaras simbólicas, em função do espaço social em que se encontram inseridos. Portanto, esses papéis não são fixos e dependem da situação na qual os indivíduos estão, ou seja, os atores podem interpretar diversos deles em um único dia em função de atividades profissionais, pessoais, familiares, para citar alguns exemplos.

Saindo do campo simbólico da máscara, percebida como um disfarce, e partindo para a materialidade do objeto, como uma peça confeccionada com pano ou outro material com o objetivo de proteger parte do rosto, chegamos à nossa realidade em tempos de pandemia por Covid-19. A importância da utilização da máscara como proteção e combate ao coronavírus foi amplamente divulgada pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), por meio de

uma campanha em suas redes sociais para incentivar a ação. Com a hastag # EuUsoMáscara, a campanha teve como objetivo alertar a população brasileira de que o cuidado é pessoal, mas os benefícios do uso do equipamento são coletivos [12].

Além das orientações da ANS de que a utilização da proteção individual contra o vírus impede a infestação e a transmissão da Covid-19, caso a pessoa esteja com a doença e sem sintomas, o uso da máscara é visto também como uma atitude responsável tanto no cuidado individual quanto na perspectiva coletiva: uma preocupação com a saúde das pessoas que nos cercam, sendo uma empatia em relação ao outro. Sendo assim, usar ou não a proteção se tornou uma decisão de natureza ideológica, uma relação social.

Além disso, a máscara deixou de ser apenas um objeto de proteção à saúde e transformou-se também em um acessório, um adorno personalizado que esbanja criatividade. Surgiu máscara com escudo do time do coração, da escola de samba, do super-herói preferido, florida, de oncinha, com palavras de ânimo, combinando com a cor da roupa...

Em contrapartida, temos as máscaras no queixo, em cima da cabeça, penduradas em uma das orelhas e a ausência delas. Se antes da pandemia a interação face a face (GOFFMAN, 2011) fazia parte do nosso cotidiano, hoje temos a interação "máscara a máscara", que ressignificou a nossa relação com o outro. Ver alguém na rua sem a proteção gera revolta para uns, receio para outros de correr o risco de pegar o vírus ou ainda indiferença em relação à atitude alheia.

Retomando o olhar para nossa investigação, a cidade é o cenário de análise em todos os capítulos da tese, seja no Rio de Janeiro no século XIX, em Londres, em São Paulo ou na capital carioca no século XXI. Esse protagonismo e a importância da urbe foram descortinados, inicialmente, pelos intelectuais da Escola de Chicago, como citamos, que perceberam a potência do espaço urbano e de seus atores. Segundo Goffman (2011), cabe ao investigador observar atentamente os processos sociais nas interações diretas entre os sujeitos, sendo a imersão do estudioso fundamental durante o processo de pesquisa.

Ainda tomando como referência a Escola de Chicago, é importante trazer um conceito caro para nossas reflexões: o de história de vida, que se iniciou dentro do Departamento de Sociologia da Universidade norte-americana, como bem resume Howard Becker (1994):

> O sociólogo que coleta uma história de vida cumpre etapas para garantir que ela abranja tudo o que quer conhecer, que nenhum fato ou acontecimento importante

[12] Disponível em: <http://www.ans.gov.br/aans/noticias-ans/coronavirus-covid-19/coronavirus-todas-as-noticias/5509-campanha-da-ans-reforca-recomendacao-pelo-uso-de-mascara-de-protecao-contra-o-coronavirus>. Acesso em: 4 set. 2020.

> seja desconsiderado, que o que parece real se ajuste a outras evidências disponíveis e que a interpretação do sujeito seja apresentada honestamente. (BECKER, 1994, p. 102)

O autor (BECKER, 1994) salienta ainda que os pesquisadores de Chicago conseguiram reunir fragmentos de suas investigações de histórias de vida para a construção de um mosaico da teoria da cidade, utilizado para o conhecimento da própria Chicago. Vale ressaltar que esses estudiosos tiveram a sensibilidade de perceber que objetos comuns do cotidiano, como cartas pessoais, manchetes de jornais e anúncios publicitários, poderiam ser valorizados como materiais de pesquisa.

Permanecendo nessa perspectiva de que objetos relevantes de investigação estão disponíveis na vida comum, instiga a percepção de que as relações sociais também são construídas com base nessas nuances aparentemente triviais do cotidiano. Nesse contexto, deslocamos o nosso olhar de investigação do aspecto geral do objeto pesquisado, focando a percepção no detalhe.

Para termos êxito nessa empreitada, ancoramos nas reflexões de Ginzburg (1989) no que tange à importância dos pormenores considerados como banais, "baixos", para alguns desavisados que não percebem essas peculiaridades "sutis" na vida social. No livro *Mitos, emblemas, sinais*: *morfologia e história,* Carlo Ginzburg (1989) faz uma intensa reflexão de como o detalhe como método pode fazer toda a diferença em uma pesquisa criteriosa.

Nessa linha de pensamento, Ginzburg (1989) retorna ao século XIX, trazendo como arcabouço teórico o médico italiano Giovanni Morelli, que, ao analisar uma obra de arte, focava seu olhar em minúcias para diferenciar um original de uma réplica. Indícios considerados imperceptíveis, detalhes secundários para a maioria dos estudiosos de obras de arte, como o formato de lóbulos auriculares ou das unhas, eram eficientes e determinantes para identificar a originalidade do objeto. Portanto, o Método de Morelli, como foi denominado, apresentava um importante caminho a ser trilhado por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como a semiótica.

Avançando um pouco na linha histórica, Ginzburg (1989) afirma que, "no final do século XIX – mais precisamente, na década de 1870-80 –, começou a se afirmar nas ciências humanas um paradigma indiciário baseado justamente na semiótica" (GINZBURG, 1989, p.151). Vale ressaltar que, ainda conforme a perspectiva de Ginzburg (1989), a semiótica pode ser percebida como "uma atitude orientada para a análise de casos individuais, reconstruíveis somente através de pistas, sintomas, indícios" (GINZBURG, 1989, p. 154).

Interessante ressaltar que o paradigma indiciário de Ginzburg (1989) utilizou a semiótica como referencial teórico. No entanto, o autor salienta que essa análise do detalhe como método de investigação é bem anterior: "o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa" (GINZBURG, 1989, p. 154).

A percepção dessas pistas, desses indícios, desses detalhes (GINZBURG, 1989) nos ajudam a compreender que a construção de sentidos e de significados de um objeto de pesquisa deixa a perspectiva meramente natural e parte para a ordem da cultura. Logo, há outras questões em jogo que precisam ser percebidas e interpretadas pelo investigador.

Com o objetivo de nos ajudar nesse desafio, empregamos também como referencial teórico o antropólogo Clifford Geertz (1989), que, ao abordar a interpretação das culturas, relata a importância da descrição densa das práticas simbólicas cotidianas. O autor detalha os cuidados que o estudioso deve ter durante a realização da pesquisa, já que é necessário interpretar o código socialmente estabelecido pelo grupo, que, normalmente, não é "dado". Para exemplificar essa questão, Geertz (1989) traz alguns significados de uma simples piscadela de olhos. Dependendo do contexto, ela pode representar um tique nervoso – um ato do corpo fisiológico, em que o sujeito pisca involuntariamente – ou uma forma de comunicação entre atores sociais. Nesse último caso, de forma intencional, o que remete ao aspecto cultural.

Com essa perspectiva, cabe ao investigador superar a descrição superficial dos fatos, tentar identificar e compreender esses códigos naturalizados. Afinal, muitas vezes a interpretação desses atores sociais é completamente distinta daquela do grupo pertencente ao estudioso**.** Não é uma atitude simples, uma vez que ele precisa conviver com inúmeras estruturas conceituais complexas que se relacionam, se sobrepõem e, ao mesmo tempo, são estranhas, inexplícitas ao investigador, que necessita apreender esses códigos e, depois, apresentá-los em seu trabalho.

Para sorte desta pesquisadora, Geertz (1989) apresenta uma "pista" para ajudar nessa tarefa: tentar buscar a importância de determinada ação e o quê o grupo quer transmitir com a sua realização, independentemente de sua característica. Enfim, para "traduzir" as "entrelinhas" das atitudes dos sujeitos, é necessária, efetivamente, uma imersão, uma convivência para identificar os significados de atos, gestos, vocabulário, signos e símbolos do grupo investigado.

Nosso estudo tem um processo multimetodológico inspirado no mosaico de Becker (1994), em que interações de símbolos, de sentidos, se articulam, se compõem, tendo como

estrela a comida de rua, uma presença marcante na cidade desde os escravos e as escravas de ganho que vendiam frutas e doces no centro do Rio de Janeiro, no século XIX; depois, os ambulantes em seus tripés e carrocinhas; e, hoje, com a pandemia da Covid-19, entregadores de aplicativo em suas bicicletas e motos carregam nas costas os alimentos para o consumidor que pode ficar em casa. Esses corpos que ocupam o espaço urbano e circulam por ele têm semelhanças físicas: normalmente são negros e pardos, jovens, com pouca escolaridade e sofrem com a precarização de trabalho, exploração de mão de obra, desigualdade social. Escravos de ganho e entregadores de aplicativo têm muitas questões em comum.

> A imagem do mosaico é útil para pensarmos sobre este tipo de empreendimento científico. Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros. Diferentes fragmentos contribuem diferentemente para nossa compreensão: alguns são úteis por sua cor, outros porque realçam os contornos de um objeto. Nenhuma das peças tem uma função maior a cumprir; se não tivermos sua contribuição, há ainda outras maneiras para chegarmos a uma compreensão do todo. (BECKER, 1994, p. 104,105)

Começamos a montar o nosso mosaico (BECKER, 1994), mostrando a importância e a presença da comida de rua no centro do Rio de Janeiro desde o século XIX, quando os chamados escravos de ganho vendiam alimentos no espaço público e eram obrigados a dividir o dinheiro que recebiam com seus senhores. No primeiro capítulo, *A comida de rua no centro do Rio de Janeiro: marca da cidade*, apresentamos a historização da comida de rua por meio de gravuras, fotografias antigas e recentes, com o intuito de traçar uma breve linha do tempo sobre o tema, as comensalidades que estabelece, suas peculiaridades, sendo uma característica marcante da urbe. No entanto, não temos a pretensão de apresentar, de forma detalhada, uma linha histórica sobre o centro do Rio de Janeiro, já que nossa pesquisa tem como campo de investigação a área de Comunicação Social.

Ainda assim, consideramos fundamental refletir sobre o tema, buscando a interação com o objeto de estudo, interpretando sua importância e significado perante a sociedade. Sabemos que nós, pesquisadores da área de Humanas, nem sempre somos bem interpretados, quando expomos nossa investigação, principalmente para aqueles de linhas mais "duras" do campo do conhecimento. Quantas vezes percebemos nas expressões dessas pessoas: "Essa pesquisa serve pra quê?"

Corroboramos com a perspectiva de atenção às questões do cotidiano (MAFFESOLI, 2008, 2010), em que a compreensão dos objetos ocorre na relação com a vida comum, sendo o trabalho do estudioso refletir sobre o que está, ao mesmo tempo, oculto e flagrante

(MAFFESOLI, 2008). Um dos caminhos sugeridos por Maffesoli (2008) e que utilizamos nesta pesquisa é [...] "a idéia de que é preciso ver bem longe no passado para poder enxergar adiante no futuro. Talvez isso nos permita falar de uma sociologia compreensiva" (MAFFESOLI, 2008, p. 5).

É exatamente essa concepção metodológica que traçamos para elaborar o primeiro capítulo desta pesquisa: a comida de rua está presente no espaço público desde a chegada da família real portuguesa ao Brasil, no início do século XIX, em que as relações de comensalidade e de escravidão de atores sociais marcavam presença. No início do século XX, ela era vendida em quiosques construídos em calçadas e ruas no centro do Rio de Janeiro, em que operários, pedestres, imigrantes, desempregados e autônomos se encontravam para beber, beliscar e papear (CHALHOUB, 2012).

Acontece que esses espaços de lazer, de comensalidade, e os cortiços, habitações populares, não eram bem-vistos pelo poder público e pela elite. Inclusive, eram alvos da política saneadora e do "bota fora" realizados pelo Estado durante o governo Pereira Passos (1902-1906).

Notamos que a preocupação com a higienização da cidade com o intuito de transformá-la na Paris dos Trópicos permaneceu firme e forte durante a gestão do prefeito Eduardo Paes (2013-2016), para atender às solicitações do Comitê Olímpico Internacional (COI) e sediar as Olimpíadas Rio 2016. Mesmo com tantas mudanças físicas no centro do Rio de Janeiro, como a demolição da Perimetral e a revitalização da Praça Mauá, vendedores de comida de rua permaneceram ocupando espaços públicos redesenhados, aproveitando brechas (DE CERTEAU, 1994), visto que esses alimentos são fonte de subsistência para esses trabalhadores ambulantes que circulam pela urbe. Essa comensalidade em trânsito pela cidade faz parte da cultura do carioca, acostumado a ocupar as ruas e celebrar nelas.

Com a pandemia da Covid-19, novas comensalidades e sociabilidades surgem com o crescimento exponencial dos entregadores de aplicativo, presentes cotidianamente no espaço público, independentemente de dia, hora, condições climáticas. Isso acendeu o alerta quanto à precarização do trabalho e à falta de direitos trabalhistas e sociais vivenciadas por esses profissionais.

Como o assunto é muito amplo, novo, podendo suscitar uma série de discussões econômicas, sociais, políticas, ideológicas, decidimos abordar, no segundo capítulo, o cenário da uberização do trabalho como uma questão globalizada que atinge profissionais que não conseguem recolocação no mercado formal e precisam "optar" por ser um empreendedor neoliberal. Nesse segundo capítulo, *A Uberização 'vendida' como próprio negócio*, iniciamos

a discussão sobre o tema por meio do filme *Você Não Estava Aqui*, com direção do britânico Ken Loach e roteiro de Paul Laverty, que estreou no Brasil em fevereiro de 2020. O longa-metragem apresenta a dominação da tecnologia na contemporaneidade, que ocasiona a desestruturação da vida do indivíduo, que vive apenas em função do trabalho, além de fazer críticas sociais ao modelo capitalista neoliberal no Reino Unido.

Defendemos o cinema não apenas como forma de entretenimento, mas também como objeto de investigação científica, de ferramenta metodológica, visto que apresenta aspectos da realidade, de representação social, de multiplicidades do olhar que possibilitam amplitude e aprofundamento do conhecimento. Seguimos o caminho metodológico apontado por Becker (2009), que percebe o cinema como uma maneira de falar sobre a sociedade tanto em filmes documentários como em narrativas fílmicas ficcionais, que "[...] frequentemente contêm observações que merecem ser lidas sobre como a sociedade é construída e funciona" (BECKER, 2009, p. 16).

O autor percebeu a importância de abordagens além de formatos científicos determinados, "engessados" e de formas inventadas, utilizadas por profissionais em disciplinas cientificamente reconhecidas, por isso identifica a relevância de iniciativas promovidas por outros atores, como artistas e leigos. Dessa forma, Becker (2009) desconstrói o paradigma defendido por sociólogos e cientistas sociais de que as formas que utilizam para falar sobre a sociedade são as melhores, as únicas ou ainda que o trabalho deles protege contra todos os tipos de erros que poderiam ser cometidos. Ele enfatiza que esse tipo de discurso é "apenas uma tomada do poder profissional clássica" (BECKER, 2009, p. 19).

Becker (2009) apresenta modos artísticos de fazer representações da sociedade, como obras de ficção, arte dramática, filmes, fotografias, bem como outros relatos sobre a sociedade relacionados à ciência, como mapas, tabelas, modelos matemáticos, etnografia. A nossa investigação tem o intuito de abordar duas questões centrais nesse segundo capítulo: a precarização do trabalho, a uberização da vida de um motorista-entregador no Reino Unido, que está sempre correndo para atender aos comandos de um *scanner*, que o leva à exaustão e à análise de quatro cenas de comensalidade apresentadas na produção audiovisual. É interessante notar como a comida assume o ritmo da vida dos personagens; ela está em trânsito, é insossa, em alguns momentos resumida a um *snack* ou a um sanduíche entre uma entrega e outra.

Corroboramos com o pensamento de Howard Becker (2009) de que filmes de ficção também pleiteam promover análise e suscitar comentários sobre as sociedades que apresentam. Tal situação é claramente percebida no longa de Ken Loach, ao abordar o

capitalismo neoliberal que "vende" a ideia de liberdade, de flexibilidade, de ser o próprio patrão, mas que impõe ao indivíduo a responsabilidade por seu fracasso ou sucesso. Além disso, demonstra o poder de gigantes corporações tecnológicas.

Na perspectiva de Becker (2009), relato ou representação social fazem mais sentido quando inseridos em um contexto organizacional em que se divide o trabalho de ordenamento entre produtores (pesquisadores) e usuários, em que os primeiros ficam responsáveis pelo conteúdo, seleção, organização e os últimos, pelo "recebimento" do material escolhido, formatado e definido pelos primeiros. Mas afinal, qual é o destino dos nossos produtos, ou seja, dos nossos objetos de estudo? Becker (2009) apresenta uma pista:

> Latour diz que o destino de um argumento ou achado científico está sempre nas mãos de usuários posteriores: eles decidem se será rejeitado ou acatado e incorporado ao corpo de fatos aceitos por todos nessa ciência. É sempre uma questão relevante quais usuários tomam essas importantes decisões (BECKER, 2009, p. 31).

No terceiro capítulo, analisamos o episódio 1[13] de *Motoboys: os Heróis da Quarentena*, com Jackson Faive protagonizado pelo humorista Marco Luque, publicado no *youtube* em 03 de abril de 2020, no começo da pandemia da Covid-19 no Brasil. Nesse momento inicial, ainda não havia a obrigatoriedade do uso de máscaras, e a orientação de infectologistas e de autoridades era a permanência das pessoas em casa, para garantir o isolamento social e evitar a proliferação do vírus. A proposta é analisar e problematizar o discurso do vídeo, que defende e reivindica ao expectador a importância e o protagonismo do trabalho dos entregadores de aplicativo em São Paulo durante a pandemia. Portanto, o intuito é abordar o discurso neoliberal, da precarização do trabalho e da informalidade em um cenário local. Além disso, o crescimento no número de entregadores de comida por *delivery* nesse período da pandemia acendeu o alerta quanto à uberização do trabalho, trabalhadores das plataformas, que, sem oportunidades formais de emprego (carteira assinada, FGTS, INSS), tiveram que optar por essa fonte de renda.

Além de refletirmos sobre o episódio 1 de *Motoboys: os heróis da quarentena,* peça principal de análise, decidimos incluir reportagens da Folha de São Paulo, fazendo contrapontos em relação à narrativa ficcional. Percebemos que algumas questões pontuais, que, mesmo apresentadas de forma sutil e bem-humorada por Jackson Faive, são situações reais vivenciadas por esses profissionais. Uma delas é exatamente a alimentação.

[13] O episódio 1 *Motoboys: os Heróis da Quarentena* foi veiculado no dia 03 de abril de 2020, no Canal do *Youtube.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KOcYxycL8fg&t=6s>. Acesso em: 30 ago. 2020.

A escolha de um periódico de São Paulo ocorreu em virtude da potência e da representatividade da atividade dos *motoboys* na maior cidade do país. Isso porque, ao analisarmos publicações de jornais, como Extra e O Globo, sediados no Rio de Janeiro, identificamos o breve espaço disponibilizado para discorrer sobre a atuação dos entregadores de aplicativos durante a pandemia da Covid-19.

As reportagens e os artigos veiculados no *site* da Folha de São Paulo[14] foram selecionados a partir de março de 2020, início do isolamento social em função da Covid-19, até agosto de 2021. No entanto, vale ressaltar que não utilizamos todo o conteúdo coletado, catalogado sobre os entregadores de aplicativo, mas, sim, as matérias jornalísticas que abordem algumas questões iluminadas na narrativa ficcional de Marco Luque. Essa atitude metodológica foi tomada em função da grande quantidade de material coletado, o qual, para ser analisado, necessitaria de uma outra tese.

Utilizamos, como procedimento metodológico nesse capítulo, análises de discursos produzidos com base no *corpus* de reportagens publicadas no Jornal Folha de São Paulo, no período citado anteriormente. Utilizou-se como arcabouço teórico a Análise de Discurso de Eni Orlandi (2009), tomando como base o conceito de silenciamento (ORLANDI, 2007).

Vale ressaltar que a Análise de Discurso oferece diversas possibilidades de interpretação. Sendo assim, é fundamental que o investigador escolha conceitos e procedimentos adequados ao objeto de pesquisa. Conforme Orlandi, "as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós" (ORLANDI, 2009,p. 20). Portanto, esses vocábulos formam um discurso que não é neutro, criado com o objetivo de atender a determinados interesses.

Quando partimos para a análise dos discursos em um texto, é importante levarmos em consideração a existência de interesses em várias esferas, como disputas de poder, de ideologias, de silenciamentos. De acordo com a autora, a análise do discurso trabalha, "refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua" (ORLANDI, 2009, p. 16).

No entanto, é importante salientar que a abordagem da análise dos discursos por meio do conceito de silenciamento de Orlandi (2007) é mais desafiadora, visto que, "quando se trata do silêncio, nós não temos marcas formais, mas pistas, traços. É por fissuras, rupturas, falhas, que ele se mostra fugazmente" (ORLANDI, 2007, p. 46).

[14] Artigos e reportagens coletados através do site da Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br/> Acesso em: 31 jan. 2022.

Na perspectiva de Orlandi (2007), a política do silenciamento "diz que – como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito – ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo 'outros' sentidos. Isso produz um recorte necessário no sentido. Dizer e silenciar andam juntos" (ORLANDI, 2007.p. 53).

Além da análise do vídeo humorístico de Marco Luque associada às matérias da Folha de São Paulo, complementamos nossa reflexão sobre o trabalho precarizado desses profissionais no panorama local com o movimento #BrequeDosApps, formado por ciclistas e *motoboys*, entregadores de aplicativos de comida, liderado pelo *motoboy* Paulo Lima, mais conhecido como Galo. A iniciativa surgiu depois que foi bloqueado pelo *Uber Eats*, aplicativo de entrega, segundo ele, de forma injusta.

É interessante pontuar que as narrativas de Jackson Faive e de Galo são as mesmas. Se o primeiro trata com pitadas de humor a rotina dura dos entregadores, o segundo tem uma fala cortante, incisiva, ousada, baseada em leituras de intelectuais de esquerda, em músicos de *hip hop* e da dura realidade da periferia de São Paulo. Entretanto a dupla reinvidica respeito pelos entregadores de aplicativo e valorização desses trabalhadores que "dominaram" as ruas da cidade em meio à pandemia da Covid-19.

No quarto capítulo, retomamos as diversas comensalidades em trânsito pela urbe. Em "Comensalidades em trânsito: sentidos e significados da relação com a comida de (na) rua na pandemia da Covid-19", retratamos as várias formas de comensalidade do nosso cotidiano: comer e andar, comer dentro do carro, comer em pé, comprar e levar, comer em casa, receber a comida por meio de entregadores de aplicativo. Para tanto, seguimos os passos de Canevacci (1993), que sugere, como metodologia, "querer se perder" na cidade, quando o investigador, ao entrar no campo, percebe-se como um estrangeiro, desenraizado e tem a oportunidade de adquirir novos conhecimentos. Vale ressaltar que não realizamos uma etnografia, mas, sim, uma pesquisa exploratória na Praça Mauá, Cinelândia e na Praça XV, para tentar compreender as diversas formas de comensalidade, materializando esses momentos por meio de alguns registros fotográficos.

Notamos que, com o coronavírus, uma série de protocolos sanitários invadiram nossa relação com a comida: obrigatoriedade do uso de máscaras em ambientes abertos e fechados, a utilização de álcool em gel 70% e a oferta do produto para os clientes. Em função dessa mudança de cenário em relação ao objeto de estudo, a pergunta norteadora da pesquisa agora é: como se dão as relações sociais e quais são os sentidos atribuídos à comensalidade e à comida de (na) rua desde os escravos de ganho no século XIX até os entregadores de aplicativo de *delivery* em tempos de Covid-19?

É importante destacar que a tese tem um panorama visual muito potente. Ele complementa os caminhos reflexivos do texto, aprofunda o conteúdo e proporciona um "mergulho" na investigação, já que compõem todos os capítulos da pesquisa.

Já o procedimento bibliográfico tem como objetivo alcançar a fundamentação teórica em torno dos temas pertencentes ao quadro teórico-conceitual da tese, com base no levantamento de referências bibliográficas: artigos, dissertações, teses e livros. A busca foi possível por meio do sistema da Rede Sirius – Rede de Bibliotecas UERJ –, que possui um acervo de publicações catalogadas de forma on-line, facilitando a consulta e a localização de títulos de interesse, para planejamento de empréstimos e de leituras, bem como a utilização de conteúdos disponibilizados na web e a aquisição de títulos. É importante salientar que essa etapa metodológica percorre todo o cronograma de pesquisa, sendo organizada em fichamentos de livros e autores por assuntos de interesse.

Ao pensarmos na construção do texto da tese por esses quatro aspectos principais, construímos fragmentos imagéticos para se refletir sobre as comensalidades em trânsito desde o século XIX, com os escravos de ganho, até os entregadores de aplicativo na contemporaneidade, o papel da uberização da vida, da precarização do trabalho, da reformulação da relação com a comida em tempos de pandemia da Covid-19. Tudo isso apresenta como um caleidoscópio formado por fragmentos coloridos que criam uma imagem-mosaico desse tema tão amplo e instigante.

3 COMIDA DE RUA NO CENTRO DO RIO DE JANEIRO: MARCA DA CIDADE

Quando você for convidado pra subir no adro
Da fundação casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se os olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
Caetano Veloso

Este capítulo não tem a pretensão de apresentar, detalhadamente, uma linha histórica sobre o Centro do Rio de Janeiro, visto que essa análise já foi realizada de forma primorosa por diversos pesquisadores na literatura brasileira (ABREU, M. 2013), (MOTTA, 2004). Além disso, a nossa tese tem como campo de investigação a área de Comunicação Social, e não a História. Portanto, essa parte inicial do texto tem como premissa destacar, de forma breve, por meio de gravuras e fotografias, características e peculiaridades marcantes desse território em que a comida de rua sempre marcou presença, sendo uma característica peculiar da cidade do Rio de Janeiro.

3.1 Nos tempos do Império e da República Velha

O Brasil Império compreende o período entre a Independência do Brasil (1822) e a Proclamação da República (1889). Antes de abordarmos esse intervalo temporal, é importante voltar um pouco na história, mais precisamente em 1808, momento da chegada da Família Real ao Rio de Janeiro.

> Com a transferência da sede da monarquia para o Rio de Janeiro em 1808,

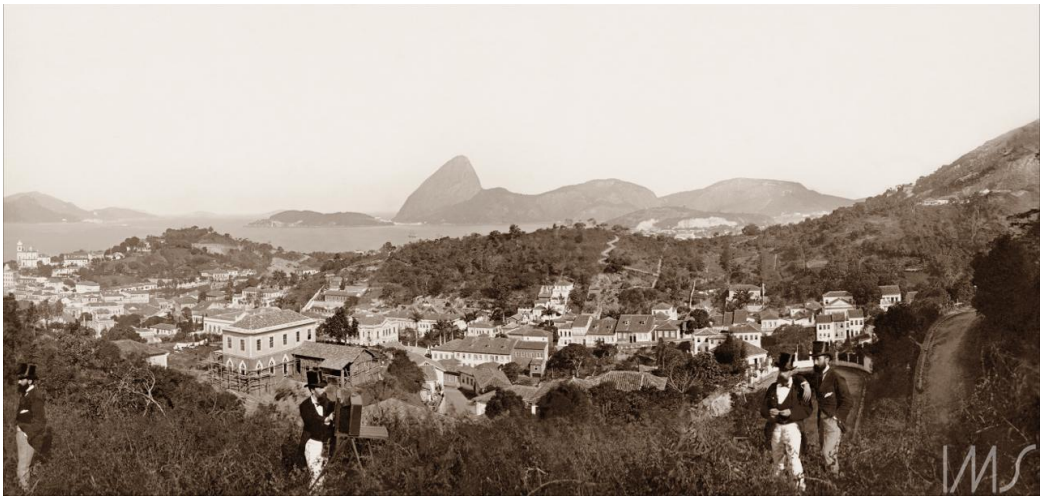
> consolidou-se a idéia de construir um império na América Portuguesa. Ao substituir Lisboa, à qual cabia fornecer sentido e significado às "capitanias separadas", a cidade deveria se tornar o baluarte da construção desse império (MOTTA, 2004, p. 9).

A estrutura urbanística da cidade precisou ser adaptada em virtude do cenário do poder imperial. A partir de 1816, integrantes da Missão Artística Francesa ficaram responsáveis pela construção de fachadas neoclássicas e arcos triunfais, para dar ao Rio de Janeiro ares de uma capital europeia (MOTTA, 2004).

Com a ruptura política com Portugal em 1822 e a obrigatoriedade de implementação do Estado brasileiro, havia a necessidade da construção de uma estrutura político-territorial centralizada e unificada no Rio de Janeiro, com o intuito de criar uma identidade nacional para conferir ao Brasil um espaço na civilização (MOTTA, 2004). Era fundamental o esquecimento do olhar provinciano; afinal, o Rio de Janeiro era a capital imperial. Para tanto, deveria ser responsável pela implementação de uma base política, mas também estabelecer hábitos, padrões de comportamento, de gosto, com uma proposição unificadora e de homogeneidade que correspondessem aos requisitos da Corte.

A preocupação com as perspectivas econômica, urbana, industrial eram evidentes nesse período. O crescimento da lavoura de café no Vale do Paraíba alavancou ainda mais a economia, responsável pela exportação do produto até 1890. A cidade-capital, porém, ultrapassava esses limites, sendo percebida também como símbolo de identidade e de representação de valores do país (MOTTA, 2004).

Figura 1 – Panorama parcial do Rio de Janeiro



Fonte: Marc Ferrez, Circa 1885, Coleção: Gilberto Ferrez, Acervo: IMS.

Além de um espaço civilizado como citado anteriormente, os habitantes do Rio de

Janeiro também deveriam seguir a cartilha da unidade, da ordem, do controle, visto que a cidade deveria ser a "vitrine" de um país cosmopolita, deixando no passado os ares provincianos.

> Para além de discussões entre historiadores e literatos sobre a origem e formação do povo brasileiro – branco, índio, negro, mestiço -, era necessário que se estabelecessem estratégias políticas de controle e subordinação, especialmente da população da capital, cuja proximidade física representava constante fonte de preocupação para a elite dirigente. Heterogêneo em sua composição, o povo que habitava o Rio de Janeiro deveria ser, ao mesmo tempo, unificado e hierarquizado. (MOTTA, 2004, p.15).

Importante ressaltar que, até os anos de 1850, uma situação muito comum era a presença de muitos escravos transitando pelas ruas do Rio de Janeiro, na medida em que a capital era um centro redistribuidor. Uma boa parcela deles era formada pelos escravos de ganho, como bem define Luiz Carlos Soares (1988):

> Estes desenvolviam as mais diversas modalidades de comércio ambulante, carregando as suas mercadorias em cestos e tabuleiros à cabeça, ou transportavam, sozinhos ou em grupos, os mais variados tipos de carga, ou ainda ofereciam os seus serviços em quaisquer eventualidades, até mesmo ao transporte de pessoas em seus ombros pelas ruas da cidade nos dias chuvosos (SOARES, 1988, p. 108).

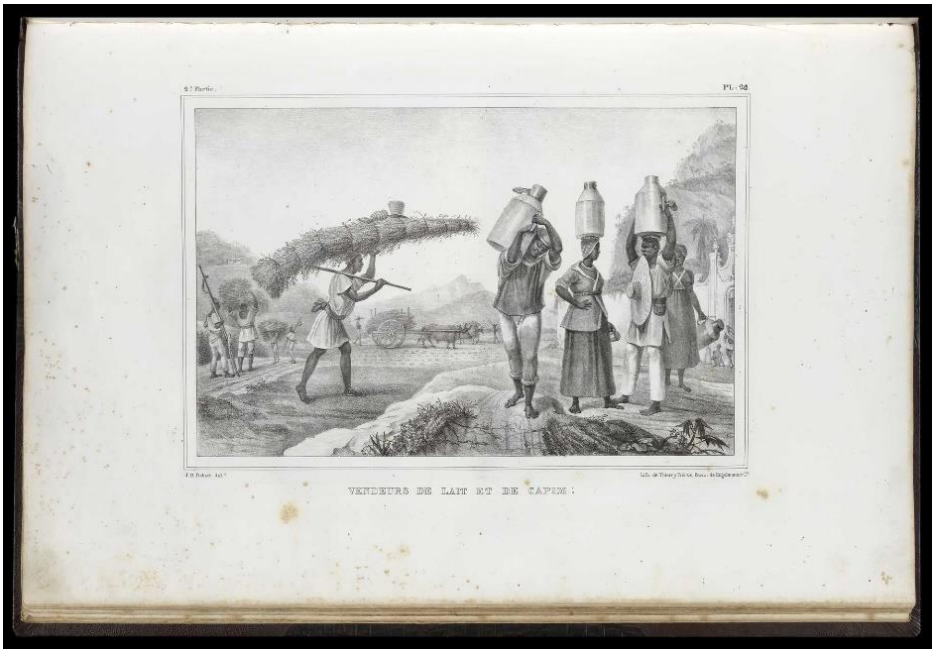
Os escravos de ganho eram obrigados por seus senhores a irem à rua para realizar as tarefas mencionadas. Nem escravos idosos, doentes ou inválidos eram poupados. Eram mandados pelos senhores a praticar a mendicância no espaço público, nas portas das igrejas e tinham que repassar parte do dinheiro arrecado no fim do dia para seus "donos" (SOARES, 1988).

Figura 2 – Escravos de ganho

Fonte: Debret, Jean Baptiste.

Os cativos mais jovens também entregavam, no fim do dia, parte da quantia arrecadada e previamente determinada pelos senhores. Alguns proprietários exigiam o pagamento semanal, e outros, em menor número, o repasse do ganho de forma mensal. “Com o dinheiro arrecadado pelos escravos de ganho, muitos senhores conseguiam seu sustento e da família” (SOARES, 1988, p. 108). Muitos vendedores ambulantes cativos, ou seja, escravos, vendiam suas mercadorias no passeio público, sobretudo em praças e portas de igrejas.

Figura 3 – Vendedores Ambulantes pb



Fonte: Debret, Jean Baptiste.

Já os escravos ou as escravas de ganho que comercializavam frutas, verduras e legumes eram chamados de quitandeiros(as) e colocavam seus produtos em grandes cestos abertos, carregados na cabeça (SOARES, 1988). Selecionamos algumas fotografias que eternizam esses momentos da venda de produtos e de sociabilidade entre esses atores sociais na capital do Império.

Vale ressaltar que colocamos como epígrafe deste capítulo a letra da música Haiti, de Caetano Veloso. Nela, podemos perceber uma relação estreita entre o conteúdo da composição e a situação dos escravos de ganho e das quitandeiras no século XIX, bem como dos ambulantes nos séculos XX, XXI e dos entregadores de aplicativos, que ainda retrataremos ao longo deste texto. Eles vivenciam essa realidade dura e difícil descrita na letra de Caetano.

Em virtude da fartura de imagens disponíveis nos acervos do Instituto Moreira Sales [15] e da Biblioteca Nacional [16], consideramos que elas são fundamentais para enriquecer o conteúdo de nosso estudo. Elas possibilitam ao leitor a oportunidade de visualizar esses vendedores ambulantes de comida e de produtos que ocupavam o espaço público, sendo uma marca social da cidade do Rio de Janeiro que se mantém viva até os dias de hoje. A escolha dos registros foi um grande desafio, em virtude da gama de opções, da beleza e da expressividade dos atores sociais captados pelas lentes, principalmente, de Marc Ferrez.

Figura 4 – Quitandeiras

Fonte: Acervo Instituto Moreira Sales, 1875.

Além de verduras, legumes, frutas e ovos, os escravos também comercializavam doces, refrescos, café e comidas nas ruas da cidade. Dessa forma, notamos que a existência e a venda da comida de rua no espaço público fazem parte da história, se ampliando com o crescimento populacional no século XIX. Nesse período, as tias baianas, com seus tabuleiros de quitutes, fixavam seus pontos de venda principalmente em locais de grande circulação de pessoas, como praças, estações de trem e portas das gafieiras. Nos tabuleiros das "tias", havia um cardápio recheado de sabores, mas também se criava uma rede de relações, um lugar de troca de confidências e uma forma de elas conseguirem arrecadar recursos para pagar suas

[15] Disponível em: <https://ims.com.br/acervos/pesquise-nos-acervos/#fotografia>. Acesso em: 20 jul.2020.
[16] Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/acervos>. Acesso em: 20 jul. 2020.

alforrias. Podemos notar isso na imagem a seguir:

Figura 5 – Vendedora ambulante

Fonte: Coleção Brício de Abreu, 1875.

Unidade, ordem e civilização foram os pilares para a construção do Rio de Janeiro como a cidade-capital do Império (MOTTA, 2004). Entretanto, o que se via nas ruas era uma situação bem diferente. Vendedores ambulantes pobres, sujos, ex-escravos, que comercializavam desde comida a vários tipos de produtos, como cestos de palha, panelas, frigideiras, aves, jornais, utensílios de costura. Eles representavam uma resistência aos padrões impostos pelo Estado, encontrando brechas (DE CERTEAU, 1994) no espaço público para circular em busca de seu sustento e de suas famílias.

O comércio informal era uma resistência aos ideais de uma "Paris dos Trópicos", em que o Rio de Janeiro se espelhava no modelo europeu, com o olhar voltado para a modernidade. Nesse período, século XIX, por causa da grande concentração de população negra na cidade, em virtude da abolição e da chegada de sujeitos provenientes da Bahia em busca de trabalho, a comida de rua proporcionava um lugar de encontro, um ambiente para a transmissão de valores inerentes às origens desses indivíduos que divergiam da ordem do Estado. É o que podemos observar nos registros fotográficos a seguir:

Figura 6 – Ambulantes vendiam de tudo nas ruas do Rio de Janeiro

(a)

(b)

(c)

(d)

Legendas: (a) – Vassoureiro; (b) – Vendedora de miudezas; (c) – Jornaleiros crianças; (d) – Vendedor de panelas e frigideiras
Fonte: Gomes Junior, 1899 circa, Acervo IMS

Figura 7 – A comercialização dos produtos era a forma de sustento

(a)

(b)

(c)

Legenda: (a) – Vendedor ambulante de cestos de palha; (b) – Ambulante de frutas; (c) – Vendedores de aves.
Fonte: Marc Ferrez, Coleção Gilberto Ferrez, 1895

É importante ressaltar que, durante o período Imperial (1822-1889) e da República Velha, além de vendedores ambulantes, com a existência da comida no passeio, a comensalidade entre os sujeitos era uma peculiaridade, uma marca da cidade. Isso incomodava muito o Estado, já que a população era considerada "revolucionária" e "agitada", o que tornava a capital um espaço de improvisação (MOTTA, 2004). Abaixo, o registro de barraquinhas e de ambulantes de comida em pleno centro político e econômico da capital da República brasileira.

Figura 8 – Rua 1º de março

Fonte: Gutierrez, Juan (189?)

Outro ponto de encontro de trabalhadores informais, de comensais, era no Mercado da Praia do Peixe, no centro do Rio de Janeiro. Esse espaço de comércio informal, o lado africano da cidade, reunia negras com seus turbantes para amortecer o peso dos balaios cheios de mercadorias e a existência do quiosque[17], espaço de comensalidade, de lazer popular que também fazia parte da rotina cotidiana do trabalhador. Confira as fotos desse espaço de

[17] A importância do quiosque como espaço de comensalidade e de lazer popular durante o início do século XX será abordada no próximo item deste capítulo.

comércio popular a seguir:

Figura 9 – Mulheres negras e seus balaios na parte externa do Mercado de Peixe

Fonte: Juan Gutierrez (189?) Acervo Museu Histórico Nacional

Figura 10 – Mercado da Praia do Peixe e Alfândega ao fundo

Fonte: Marc Ferrez, 1890. Coleção Gilberto Ferrez. Acervo IMS

Vale ressaltar que, nas últimas décadas do século XIX e na primeira década do século XX, houve um aumento populacional expressivo na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Chalhoub (2012, p. 43), "este crescimento populacional acelerado está estreitamente vinculado à migração de escravos libertos da zona rural para a urbana, à intensificação da imigração e a melhorias nas condições de saneamento". Portanto, é um momento de profundas mudanças sociais e econômicas, associadas à transição de relações do tipo senhorial-escravista para relações sociais do tipo burguês-capitalista na cidade (CHALHOUB, 2012).

É importante salientar que, por meio da emancipação dos escravos e do movimento imigratório, surgiu o homem livre "da propriedade dos meios de produção, isto é, despossuído – que será a figura essencial da formação do mercado capitalista de trabalho assalariado" (CHALHOUB, 2012, p. 46). Dessa forma, esse sujeito social (o trabalhador assalariado), seja ele o imigrante pobre ou o escravo liberto, será a mola mestra para erguer a República brasileira.

No próximo item deste trabalho, abordaremos um espaço de lazer popular muito comum em calçadas e ruas no centro do Rio de Janeiro no início do século XX, que não era bem-visto por políticos e nem pela imprensa da época. Ele era associado à sujeira, à pobreza, uma "vergonha" para o cenário carioca: os quiosques.

3.2 Quiosques: sociabilidades e comensalidades no espaço público carioca

A comida de rua no início do século XX era comercializada principalmente em quiosques: pequenas armações de ripas de madeira, com toldo de zinco em formato hexagonal, construídas em calçadas e ruas no centro da cidade, em que operários, pedestres, imigrantes, desempregados e autônomos se encontravam para beber, beliscar e colocar a conversa em dia (CHALHOUB, 2012). Esses espaços de lazer popular na capital da República eram duramente criticados por políticos e cronistas da época. Eram considerados como um local insalubre, imundo, de bebederia de desocupados, de "pé-rapados", um absurdo para uma cidade que passava por uma revitalização do espaço público em busca de uma imagem de cidade moderna, uma "Paris dos Trópicos".

> Então os fregueses do antro em derredor, recostados, à vontade, os braços na platibanda de madeira, que sugere um balcão; os chapéus derrubados sobre os olhos, fumando e cuspinhando o solo. Cada quiosque mostra, em torno, um tapete de terra úmida, um círculo de lama. Tudo aquilo é saliva. Antes do trago, o pé-rapado cospe. Depois, vira nas goelas o copázio e suspira um ah! que diz satisfação, gozo e

> conforto. Nova cusparada. E da grossa, da boa... Para um cálice de cachaça há, sempre, dois ou três de saliva. A obscenidade vem depois (EDMUNDO, 1957, p. 115).

O cronista Luiz Edmundo descreve com riqueza de detalhes e critica veemente esses estabelecimentos comerciais. Afinal, iam na contramão da imagem de uma cidade moderna, cosmopolita, nos moldes do estilo de vida europeu.

Figura 11 – Quiosques ao longo da Praça XV de Novembro

Fonte: Marc Ferrez, 1897. Coleção Gilberto Ferrez. Acervo IMS

Figura 12 – Quiosque na Rua Frei Caneca, no centro do Rio de Janeiro

Fonte: Augusto Malta, 1906. Acervo: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.

Inicialmente, os quiosques foram criados para vender postais, bilhetes de loteria e jornais, mas, rapidamente, passaram a ser pontos de jogo do bicho, em que os fregueses se reuniam para apostar e aproveitavam para colocar a conversa em dia, acompanhada de bebidas e tira-gostos (SEBADELHE, 2015). Aos poucos, as opções do cardápio aumentaram: sardinha frita, broas, lascas de porco, queijo. Para acompanhar, o frequentador podia escolher entre café ou vinho (CHALHOUB, 2012).

Figura 13 – Quiosque no Mercado da Praça XV de Novembro

Fonte: Augusto Malta, 1911. Acervo IMS

Figura 14 – Quiosques no Largo da Sé, atual largo de São Francisco de Paula

Fonte: Augusto Malta, 1909. Coleção Gilberto Ferrez. Acervo IMS

Outro ponto interessante a ser ressaltado é que os quiosques não tinham um horário fixo de funcionamento, mostrando que trabalho e diversão estavam ligados ao cotidiano. "Os frequentadores costumavam beber e papear nos quiosques nos horários de intervalo ou descanso do trabalho, entre uma visita e outra, seja nas primeiras horas do dia ou no cair da tarde, como diz Chalhoub, 'nos interstícios da jornada de trabalho' (2001, p. 258)" (MAIA (*in memorian*), CHAO, 2020, p. 15).

Esse comportamento dos frequentadores dos quiosques não agradava nem um pouco aos donos do dinheiro, já que eles interrompiam a rotina de produção do trabalho. Muitas das vezes, depois de algumas doses da "branquinha", as conversas "esquentavam", os ânimos se acirravam e a prosa descontraída transformava-se em briga, com direito à presença da polícia e a registro na delegacia.

Em função disso, os quiosques também foram alvo da política de higienização do Prefeito Pereira Passos (1902-06)[18], que esperava uma oportunidade para resolver o problema desse espaço de lazer e de comércio popular que "sujava" a imagem da cidade, já que ocupava calçadas e ruas em pleno centro da capital. Segundo relatos da época, "'homens de negócios' resolveram agir por conta própria: munidos de latas de querosene e caixas de fósforos, atearam fogo em inúmeros quiosques do centro da cidade" (CHALHOUB, 2012, p. 258). Além disso, Pereira Passos proibiu a venda de vários produtos por ambulantes, o que prejudicou as fontes de trabalho e de renda de atores sociais que dependiam exclusivamente da atividade para sobreviver.

3.3 A reforma Pereira Passos e a higienização da "Paris dos Trópicos"

No início do século XX, com o crescimento da economia brasileira, o aumento das exportações de mercadorias e da visibilidade do país no cenário internacional, não era cabível, segundo autoridades da época, manter a imagem da cidade associada à desordem, às doenças, a habitações precárias e em condições anti-higiênicas. A fonte desses males era os habitantes do centro do Rio de Janeiro, ou seja, os cariocas[19]. Portanto, Abreu, R. (2000) refere-se a uma perspectiva negativa do vocábulo relacionado aos mulatos, habitantes dos cortiços, que eram considerados pela sociedade da época como preguiçosos, malandros, o que os tornou um dos

[18] A reforma de Pereira Passos e higienização da cidade do Rio de Janeiro serão abordadas no próximo subitem deste capítulo da tese.

[19] Segundo Abreu, R. (2000), a construção dessa identidade se faz em situações muito particulares e de formas diversificadas, levando-se em consideração aspectos como lugar, tempo e posição.

alvos da política saneadora e do "bota fora" realizados pelo Estado.

Corroborando com esses argumentos, o prefeito Francisco Pereira Passos (1902-1906) foi responsável pela urbanização nos bairros do centro e da zona sul da cidade. Mandou derrubar habitações populares – os chamados cortiços –, desapropriou terrenos para o alargamento de avenidas e para a realização de obras de embelezamento, como, por exemplo, no Passeio Público, na Praça XV e no Largo do Machado (ABREU, M., 2013).

De acordo com os primeiros pesquisadores interessados em analisar o cenário urbano na cidade, o cortiço foi considerado, no século XIX, como o lugar da pobreza, abrigo de vadios, malandros e residência de alguns trabalhadores (VALLADARES, 2000).

> Além de ser um *habitat* de vagabundos e criminosos, o cortiço era identificado como um espaço de epidemias, de proliferação de doenças e de vícios. Para sanear esses locais, ações do poder público foram implementadas na cidade. Primeiramente, leis que proibiam a construção de novos cortiços foram sancionadas, depois a destruição do maior deles, o "Cabeça de Porco" e a reforma urbanística do Prefeito Pereira Passos, que, durante o seu mandato (1902-1906), pretendia higienizar a cidade, principalmente o velho centro, com suas ruas estreitas, habitações insalubres, sem água e rede de esgoto (NEUSTADT, 2013, p. 126).

Além disso, em meados de 1904, a cidade convivia com casos de varíola, mas as classes populares rejeitavam a vacina produzida com o líquido de feridas de vacas doentes, porque acreditavam no boato de que quem se imunizasse ficaria com fisionomia bovina. Diante disso, o governo federal contratacou e enviou ao Congresso um projeto que determinava a obrigatoriedade da vacinação em todo o país. A lei foi aprovada em 31 de outubro de 1904 [20]. Somente o cidadão que comprovasse a imunização teria acesso a contratos de trabalho, certidões de casamento, matrículas em escolas[21], entre outros.

A população não concordou com a determinação do então presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves e foi às ruas do Rio de Janeiro protestar. Não queria ter a casa invadida e ser obrigada a tomar a vacina contra a vontade. As manifestações estenderam-se por dias em novembro de 1904, com conflitos entre militares do exército, estudantes e populares, com episódios de tiroteios, assaltos, fechamento do comércio, fato conhecido como a Revolta da Vacina. Com o total de 945 prisões, 461 deportados, 110 feridos e 30 mortos em menos de duas semanas de confrontos, Rodrigues Alves foi obrigado a desistir da vacinação obrigatória.

---

[20] Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1900-1909/lei-1261-31-outubro-1904-584180-publicacaooriginal-106938-pl.html>. Acesso em 28. jan. 2022.

[21] Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/revolta-da-vacina-2> Acesso em: 28. jan. 2022.

Já a reforma urbana idealizada e executada por Passos tinha como objetivo substituir a imagem de uma cidade atrasada, suja, foco de pestes, por uma capital segura, moderna, limpa, que atrairia investimentos, avanços tecnológicos e imigrantes (SILVA, REZENDE, 2017).

> O "delírio demolidor da gestão de Pereira Passos", além de abrir novas avenidas, alargar ruas, demolir casas e cortiços para a construção de prédios majestosos inspirados na arquitetura francesa, importou a cultura e os costumes europeus, absorvidos artificialmente pela elite carioca (MAIA (*in memorian*), CHAO, 2020, p. 7).

Uma dessas construções pomposas, inspiradas na arquitetura francesa, foi a do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, localizado na Praça Marechal Floriano, esquina com a Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco. Obras de pintores e escultores renomados da época, como Eliseu Visconti, Rodolfo Amoedo e os irmãos Bernardelli, decoravam o espaço. Vitrais e mosaicos foram produzidos por artesãos europeus. Com escadarias de mármore, o Municipal era palco, inicialmente, apenas para companhias e orquestras estrangeiras, principalmente italianas e francesas[22]. As obras começaram em janeiro de 1905 e tiveram duração de quatro anos e meio.

Figura 15 – Theatro Municipal em construção

Fonte: Autor Desconhecido (1905)

[22] Disponível em: < http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/theatro-municipal-do-rio-de-janeiro-2>. Acesso em: 12 out. 2020.

Figura 16 – Theatro Municipal em obras

Fonte: Marc Ferrez. Acervo: IMS

Figura 17 – Theatro Municipal inaugurado

Fonte: Marc Ferrez, 1909. Coleção Gilberto Ferrez. Acervo IMS

É importante ressaltar que o processo de estruturação urbana se volta exclusivamente para a perspectiva econômica, em que o papel do Estado é “apenas de mediador de conflitos potenciais entre os agentes privados” (ABREU, M., 2013, p. 15). Portanto, os interesses econômicos suplantam interesses sociais, culturais e cabe ao poder público ser o intermediário

dos embates existentes no espaço e buscar soluções para que a sociedade não seja prejudicada (ABREU, M., 2013).

Podemos perceber que, no processo de transformações urbanas durante a gestão de Pereira Passos, não foram levados em consideração os interesses das classes mais pobres, como as que viviam em cortiços no centro da cidade. Por causa da falta de recursos para custear a locomoção entre o local de trabalho e de moradia, esses trabalhadores se fixaram na área central, por ser a mais importante em termos econômicos, políticos e culturais. "Nesse contexto, o Estado tem tradicionalmente apoiado os interesses e privilégios das classes e grupos sociais dominantes, via a adoção de políticas, controles e mecanismos reguladores altamente discriminatórios e elitistas" (ABREU, 2013, p. 15).

Vale lembrar que o objetivo dessas intervenções urbanas no início do século XX era de internacionalizar a imagem do Rio de Janeiro como uma "Cidade-ordem", "Cidade pujante", "Cidade maravilhosa", valorizando suas belezas naturais e tentando "apagar" suas mazelas sociais e econômicas, nas quais a maioria da população estava inserida. Com o intuito de ilustrar de forma breve as "cirurgias urbanas" (ABREU, M., 2013) realizadas durante a gestão de Passos, apresentamos, a seguir, imagens da construção da Avenida Central, atual Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro.

Figura 18 – Avenida Central com vista para o Sul

Fonte Marc Ferrez, 1903. Coleção Gilberto Ferrez. Acervo: IMS.

Figura 19 – Avenida Central (Av. Rio Branco com Rua Sete de Setembro)

Fonte: Augusto Malta[23]. Acervo: AGCRJ.

Figura 20 – Avenida Central na altura da Rua do Ouvidor com Rua Miguel Couto, Rio de Janeiro

Fonte: Negativo de vidro Marc Ferrez, 1906. Coleção Gilberto Ferrez. Acervo IMS.

Com inspiração nas vias largas, dos grandes *boulevards* franceses, a Avenida Central,

[23] Augusto Malta (1864-1957) foi o fotógrafo oficial da prefeitura do Rio de Janeiro entre 1903 e 1936 e o principal fotógrafo que registrou a transformação urbana da cidade nas primeiras décadas do século XX.

hoje Avenida Rio Branco, era um dos principais pontos comerciais da cidade. Ela unia a Praça Marechal Floriano ao mar.

Outro momento marcante do projeto de modernização da então capital da república brasileira foi o início do fornecimento de energia elétrica em 1905. Com o avanço, houve uma significativa expansão no número de salas de cinema no centro da cidade, o que atraiu a população em busca de lazer. Com isso, posteriormente a região foi batizada de Cinelândia. A seguir, temos algumas imagens históricas de salas de cinema que fazem parte da trajetória da sétima arte no país.

Figura 21 – Cinematographo Rio Branco, Rio de Janeiro

Fonte: Autor desconhecido, 1907. Acervo Iconographia

Figura 22 – Cine Pathé inaugurado em 1907

Fonte: Marc Ferrez, 1918. Acervo: IMS

Podemos notar que o projeto de modernização da capital do país suplantava a perspectiva das transformações urbanas. A chamada *Belle Époque* carioca buscava "afrancesar" a então capital da República com novas modas e costumes.

> Foram feitos esforços e até mesmo projetos de lei para que os hábitos e vestes da população, especialmente a que frequentava as áreas reformadas da cidade, se coadunasse com a modernidade buscada para a capital do país. A busca pela modernização das aparências teve como consequência significativa demanda por informações de moda. (FEIJÃO, 2013, p. 64)

Diante disso, as senhoras da elite carioca buscavam os modelitos com inspirações francesa e inglesa em revistas de moda. Queriam confeccionar seus vestidos e trajes de passeio para sair às ruas da cidade mais importante do país.

Neste texto, decidimos não abordar a perspectiva conflituosa que a implantação dessas transformações urbanas provocou no início do século XX, na então capital do país, visto que esse não é o recorte de nossa pesquisa. Ainda assim, acreditamos que essa informação deva ser citada, já que a população não foi consultada pelo Estado quanto à realização dessas mudanças, impostas, muitas das vezes, de forma agressiva, como na demolição dos cortiços ou na queima dos quiosques.

Corroboramos com o pensamento de Abreu, M. (2013), quando afirma:

> O processo de estruturação urbana precisa ser estudado de maneira mais abrangente. É necessário que se examine, a cada momento, a interação que se estabelece entre os processos econômicos, sociais e políticos que se desenvolvem na cidade, e a forma pela qual o espaço se estrutura. Espaço e sociedade precisam ser analisados conjuntamente para que a complementaridade entre processo e forma fique evidente. Isso implica, de um lado, estudar como, numa sociedade historicamente determinada, o espaço urbano é elaborado, ou seja, como os processos que têm lugar nas cidades determinam uma forma espacial (ABREU, M., 2013, p. 16).

É importante destacar que as décadas de 1920 a 1960 foram consideradas os anos dourados da economia carioca. Foi o momento em que o Rio de Janeiro, capital do país, era o centro político-administrativo e econômico, por isso ditava a moda e os costumes da sociedade brasileira (LESSA, 2000).

No entanto, com a transferência da capital da República para Brasília, em 21 de abril de 1960, o Rio de Janeiro, que foi sede do governo por 140 anos, foi dividido em estado e município, criando-se o estado da Guanabara. Com isso, a cidade perdeu o protagonismo econômico, político, além das "[...] perdas de renda substanciais, tendo em vista o gasto público e a massa salarial que ali não mais se realizara" (SILVA, 2004, p. 41).

Em 1974, houve um novo baque com a fusão do estado da Guanabara ao Rio de Janeiro, tornando-se um único território, com queda de receita governamental. A partir dali, teria apenas um apertado orçamento para gerir uma cidade que estava "acostumada" com fartos recursos do Estado.

> Também como consequência deste baixo dinamismo econômico, o desempenho demográfico apresentado pela região metropolitana do Rio de Janeiro começa a perder o vigor a partir de 1970, frutos da diminuição da qualidade de vida, oferta de emprego e capacidade de geração de renda (LOUREIRO, 2006).

Dessa forma, o Rio de Janeiro começa a sentir as consequências de ter perdido a capital da República, com o esvaziamento da atividade econômica, a perda da renda dos funcionários públicos transferidos para Brasília e a ausência de investimentos da iniciativa privada. A falta de oportunidades de trabalho levou os habitantes da cidade a buscarem novas fontes de renda por meio do trabalho informal. Isso provocou o crescimento no número de ambulantes nas ruas, a precarização das condições de trabalho e o crescimento das favelas urbanas. Muitos desses problemas se potencializaram ao longo do tempo e ainda fazem parte do cotidiano do Rio de Janeiro.

No início dos anos 2000, a cidade teve como prefeito Eduardo Paes (2009-2012), que propôs uma nova urbanização no centro, com a revitalização da região do porto, a derrubada

do viaduto da Perimetral e outras intervenções que modificariam de forma expressiva a paisagem da cidade. Em busca da reeleição, Paes voltou na história da então capital do país e tentou vincular sua imagem a do prefeito Pereira Passos. Para tanto, às vésperas de iniciar a campanha para a reeleição, havia especulações de que ele iria se vestir à moda do ex-colega durante a inauguração da primeira etapa das obras da zona portuária do Rio de Janeiro. Ele desconversou em matéria publicada na época pelo jornal O Globo, no dia 09 de julho de 2012[24], intitulada "Em campanha, Paes tenta vincular sua imagem às transformações feitas por Pereira Passos", mas admitiu que gostaria de ser lembrado como o antigo engenheiro.

> — Isso (a fantasia) foi de brincadeira — desconversa o prefeito, dias depois, ao falar sobre como gostaria de ser lembrado: — Um urbanista à la Pereira Passos com um coração à la Pedro Ernesto (que foi interventor entre 1931 e 1935 e prefeito de 1935 a 1936, lembrado por grandes feitos na saúde e na educação). Sob o ponto de vista da modernização da cidade, de grandes intervenções que possam melhorar e recuperar o Rio, acho que tem muita coisa acontecendo como aconteceu no governo Passos. (O GLOBO, 2012)[25]

Aconselhado por assessores, o então prefeito e candidato à reeleição Eduardo Paes realmente desistiu da ideia de se paramentar à moda Pereira Passos. Um ator assumiu o papel, conforme foto abaixo.

Figura 23 – Ator com roupas de Passos ao lado do prefeito durante a inauguração da 1ª fase das obras na zona portuária do Rio

Fonte: Marcos Tristão, O Globo.

[24] Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/em-campanha-paes-tenta-vincular-sua-imagem-as-transformacoes-feitas-por-pereira-passos-5433676> Acesso em: 18 out. 2020.

[25] Ibidem.

Ainda assim, Pereira Passos (1902-1906) não foi esquecido por Paes, muito pelo contrário. Ele colocou uma placa em homenagem ao político no reformado Jardim do Valongo, no centro do Rio de Janeiro.

Nosso foco no próximo item deste capítulo é abordar algumas contribuições da nova reurbanização dessa parte da cidade sob o comando do então prefeito Eduardo Paes (2009-2016) em um período em que o Rio de Janeiro foi anfitrião de um dos maiores eventos esportivos do mundo: as Olimpíadas Rio 2016.

3.4 A reurbanização com Eduardo Paes e a Cidade Olímpica

Se a reforma urbana no início do século XX tinha a finalidade de internacionalizar a imagem do Rio de Janeiro como uma "Cidade-ordem", "Cidade pujante", "Cidade maravilhosa", com suas belezas naturais, chegando ao século XXI surge a "Cidade Olímpica", a anfitriã das Olimpíadas Rio 2016. Para atingir o objetivo e elevar a cidade ao status de sede de um megaevento esportivo, era necessário fazer mudanças expressivas na paisagem, como desaparecer com uma parte do passado que, para alguns e para Paes, enfeiava a Cidade maravilhosa: o viaduto da Perimetral.

Vale lembrar que, desde a época de sua construção, a obra passou por entraves e polêmicas. Em 1946, a ideia inicial era que ela não tivesse qualquer elevação, mas o projeto desenvolvido pela prefeitura não foi à frente. Uma nova versão do plano geral da construção surgiu em 1955. Dessa vez, a via expressa já contava com trechos elevados. O primeiro deles foi inaugurado em 1960 e fazia a ligação entre as Avenidas General Justo e Presidente Vargas[26].

[26] Informações retiradas do site Diário do Rio. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-do-elevado-da-perimetral/>. Acesso em 19 out. 2020.

Figura 24 – Imagem do Viaduto da Perimetral

Fonte: Agência O Globo, 23.07.2012.

É importante salientar que a Perimetral era uma das principais vias expressas da cidade. Ela possibilitava acesso direto ao Aeroporto Santos Dumont, à Ponte Rio-Niterói, fazia conexões com as Linhas Vermelha e a Amarela, com a Rodovia Washington Luís, com a Ponte e com a Via Dutra. O elevado também facilitava a vida do motorista que precisava se deslocar para a Baixada Fluminense, ou mesmo paras as zonas norte, sul e oeste da cidade, bem como para o centro do Rio. Abaixo, um registro da via expressa na Praça XV.

Figura 25 – Viaduto da Perimetral na Praça XV. Ao fundo, a Igreja da Candelária

Fonte: Márcia Foletto, Agência O Globo, 25 nov. 2011.

Outra crítica constante ao Viaduto da Perimetral era em relação ao aspecto estético. A via expressa impedia a vista da cidade, escondia sua beleza, tanto para o turista que chegava de navio, como de quem estava em terra e queria avistar o mar.

Acontece que a ideia de botar abaixo a Perimetral não foi do então prefeito Eduardo Paes. Essa "cirurgia urbana" já vinha sendo pensada e debatida desde o final dos anos 1990 e início dos anos 2000.

> A partir da gestão do ex-prefeito Luiz Paulo Conde (1997-2000), o projeto passou a ser debatido com frequência. Contudo, faltavam recursos. Em 2010, com as parcerias que possibilitaram a revitalização da Zona Portuária, essa ideia pôde começar a sair do papel. (DIÁRIO DO RIO) [27]

Começou a sair do papel, dividiu opiniões e criou muita polêmica entre os cariocas, os moradores da cidade e especialistas nas áreas de engenharia e urbanismo. Esse foi o caso de Weber Figueiredo, professor de Engenharia do Cefet-RJ e professor aposentado da Uerj, que criticou veementemente a demolição do Elevado da Perimetral.

> A estética deve ser um item na hora da construção, não da destruição de um bem comum. É um contrassenso querer demolir um equipamento público gigantesco, sólido e de grande utilidade, alegando uma questão visual que é altamente objetiva. [...] Demolir é a cultura do desperdício. Ao invés disso, poderiam estudar a possibilidade de implantar, entre as pistas, uma estrutura de circulação do trem de levitação magnética, ligando o Galeão ao Santos Dumont [28].

As críticas e a sugestão de Weber Figueiredo não foram levadas em consideração pelos responsáveis pela implantação da segunda etapa do Porto Maravilha. A demolição do Viaduto da Perimetral era o marco inicial para essa fase do projeto que criou dois museus, duas avenidas, dois túneis, além de novos prédios e serviços na zona portuária do Rio de Janeiro.

A derrubada da Perimetral começou na madrugada de 05 de fevereiro de 2013, com a retirada da primeira viga de aço da rampa do elevado, puxada por um guindaste, na altura da Rua Antônio Lage, próximo ao Moinho Fluminense, conforme foto abaixo publicada no

---

[27] Trecho da matéria intitulada "História do Elevado da Perimetral", publicada pelo Diário do Rio, em 5 maio de 2016. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-do-elevado-da-perimetral>. Acesso em 19 out. 2020.

[28] Trecho da entrevista do professor de Engenharia do Cefet-RJ e professor aposentado da Uerj, Weber Figueiredo, publicada em 22 de dezembro de 2012, no *site* da Faculdade de Engenharia da Uerj, disponível em: <http://www.eng.uerj.br/noticias/1356198273-A+Polemica+Demolicao+do+Elevado+da+Perimetral>. Acesso em: 20 out. 2020.

jornal O Globo.

Figura 26 – Primeira viga retirada da Perimetral

Fonte: Gustavo Stephan, O Globo, 05.02. 2013.

O então prefeito Eduardo Paes acompanhou de perto, em plena madrugada, o início do fim da Perimetral. Concedeu entrevista à imprensa, defendendo a remoção em meio a poeira, guindaste, engenheiros, operários, fotógrafos, ou seja, uma parafernália urbanística e espetaculosa. "A Perimetral foi um equipamento de degradação da Região Portuária e do Centro, e sua derrubada é simbólica na revitalização dessa área. Ela representa a retomada da alma do Centro da cidade", argumentou Paes[29].

A partir daí, o centro do Rio de Janeiro transformou-se em um canteiro de obras. A mudança no trânsito na região foi impactante. Circular de carro era um teste de paciência para os motoristas, que, a cada dia, encontravam novos bloqueios nas vias, conforme a derrubada do viaduto ia avançando.

Como alternativa, a prefeitura construiu a Via Binário do Porto, que teve um papel importante no escoamento do tráfego da Perimetral durante o processo de demolição do elevado. Inaugurada em 02 de novembro de 2013, a via expressa tem 3.500 metros de extensão e foi construída paralelamente à Avenida Rodrigues Alves.

Além das consequências na mudança da rotina de quem precisava circular por aquela região, de carro ou a pé, as implosões do Viaduto da Perimetral foram cercadas de muito barulho, poeira e de feitos inusitados, como o sumiço de seis vigas de sustentação da construção.

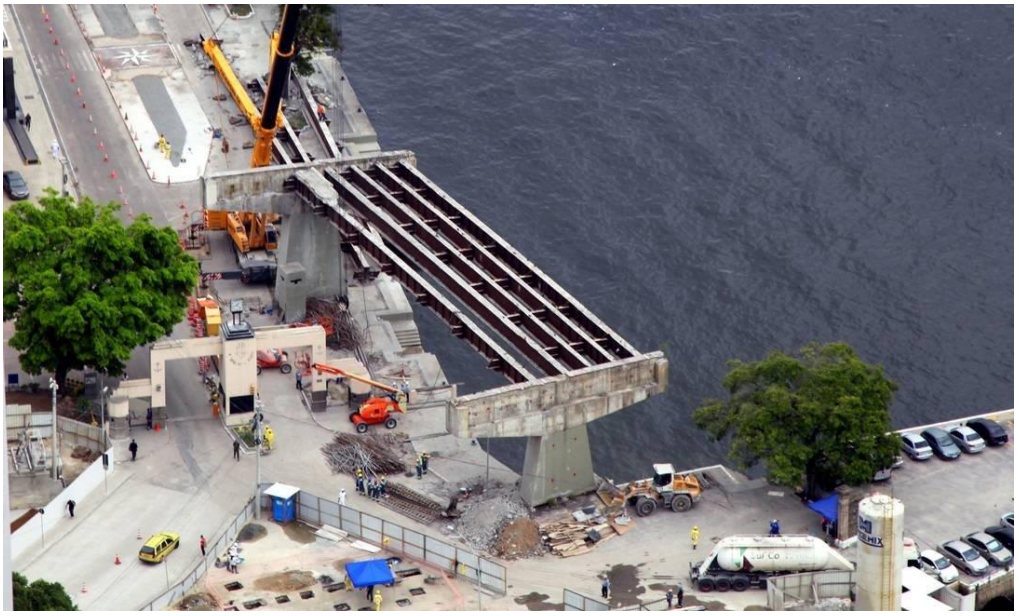
[29] Trecho da entrevista do então Prefeito Eduardo Paes publicada na edição de O Globo, em 5 fev. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-retira-primeira-viga-de-aco-da-perimetral-7493526>. Acesso em: 20 out. 2020.

Figura 27 – Implosão de parte da Perimetral na altura da Praça XV

Fonte: Custódio Coimbra, O Globo, 20 abr. 2014.

Vale ressaltar que a população da cidade do Rio de Janeiro não foi consultada em relação às mudanças impostas pelo Estado, em função de sediar as Olimpíadas Rio 2016, como a derrubada do Viaduto da Perimetral, a revitalização da zona portuária do Rio com a remoção de habitações, a transformação da Avenida Rio Branco em um grande *boulevard*, a implemetação de um "novo" bonde, o Veículo Leve sobre Trilhos circulando pelas ruas do Centro, para citar apenas alguns exemplos. Abaixo, uma imagem área da retirada das últimas vigas do viaduto, em dezembro de 2014.

Figura 28 – Imagem aérea mostra as últimas vigas da Perimetral entre a Praça XV e a Cidade do Samba



Fonte: Genilson Araújo, Agência O Globo, 2014.

Durante a elaboração deste capítulo, percebemos a riqueza e a beleza de imagens relacionadas à nova Praça Mauá, bem como de outros dois locais emblemáticos do centro do Rio de Janeiro que já foram citados em nossa pesquisa: a Praça XV de Novembro e a Cinelândia. Sendo assim, consideramos oportuna a inclusão de imagens antigas e recentes mais especificamente depois da demolição do Viaduto da Perimentral, marco histórico da transformação e da revitalização da região, para dar ao leitor a dimensão da grandiosidade dessas "cirurgias urbanas" vividas por um pedaço (MAGNANI, 1996) tão histórico, simbólico e de tanta representatividade da cidade do Rio de Janeiro.

Iniciamos a galeria de fotos pela Praça Mauá, que, depois da revitalização urbanística, passou a ser chamada de Porto Maravilha, Boulevard Olímpico ou Orla Conde, em homenagem ao arquiteto e ex-prefeito da cidade, Luiz Paulo Conde (1997-2000). Ele iniciou estudos e debates sobre a demolição da Perimetral para a construção de um grande *boulevard* na zona portuária, tendo como inspiração uma iniciativa espanhola. Nas figuras abaixo, registros da Praça Mauá antes e depois da derrubada do Viaduto da Perimetral.

Figura 29 – Vista aérea do Rio de Janeiro da Praça Mauá para a Zona Sul, tendo ao fundo o Pão de Açúcar e, do lado direito, o edifício "A Noite"

Fonte: Augusto Malta, 1929, Coleção Cem anos no Brasil. Acervo IMS.

Figura 30 – Porto Maravilha: Imagem da Praça Mauá sem o Elevado da Perimetral

Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro.

Figura 31 – Em dezembro de 2019, a zona portuária ganhou uma nova atração: a roda gigante[30]

Fonte: Zô Guimarães, Folhapress.

[30] O equipamento é considerado a maior roda gigante da América Latina, com 88 metros de altura, e mais uma atração para o visitante do Porto Maravilha.

Figura 32 – À esquerda, os galpões revitalizados. À direita, VLT em uma das estações instaladas na zona portuária do Rio

Fonte: André Mota [31].

Agora, as imagens se referem a outro ponto importante na história e na memória de cariocas, moradores da cidade e turistas: a Praça XV de Novembro ou, como é mais conhecida, apenas Praça XV. Abaixo, na primeira figura, o Mercado Municipal, concluído em 1907. O entreposto comercial da Praça XV tinha 20 mil metros quadrados, estrutura de ferro importada da Europa e quatro torres.

Figura 33 – Mercado Municipal e o entreposto comercial da Praça XV em 1907

Fonte: Agência O Globo.

[31] Disponível em: <https://www.vltrio.com.br/#/galeria>. Acesso em: 20 out. 2020.

Figura 34 – Em outro ângulo, a Praça XV em 1907

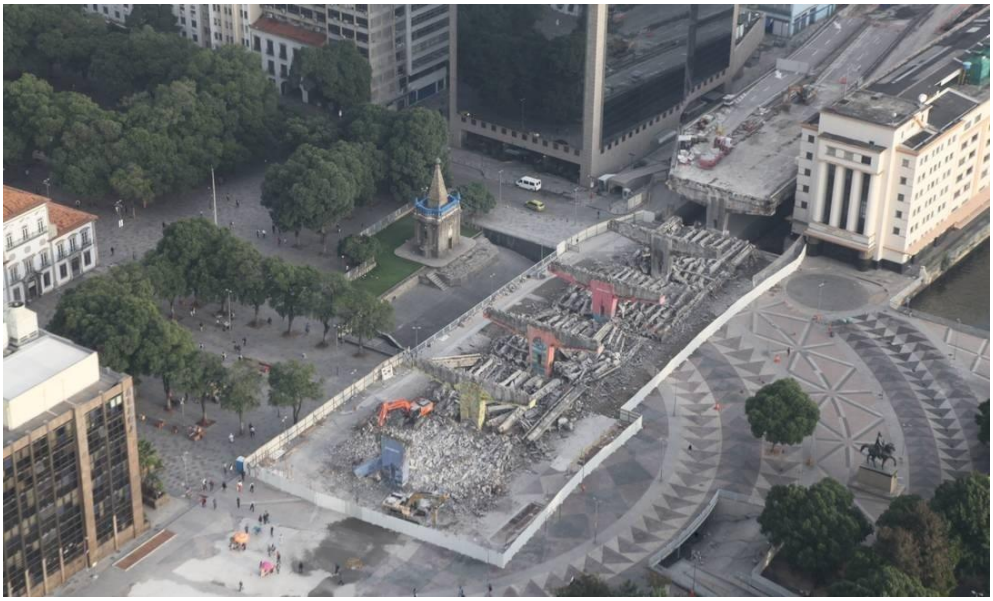
Fonte: Augusto Malta, 1907, Rio de Janeiro. Acervo: IMS

Figura 35 – Feira de Antiguidades debaixo do Viaduto da Perimetral, na Praça XV, funcionava todos os sábados. Ambulantes vendiam de tudo naquele espaço.

Fonte: Internet [32]

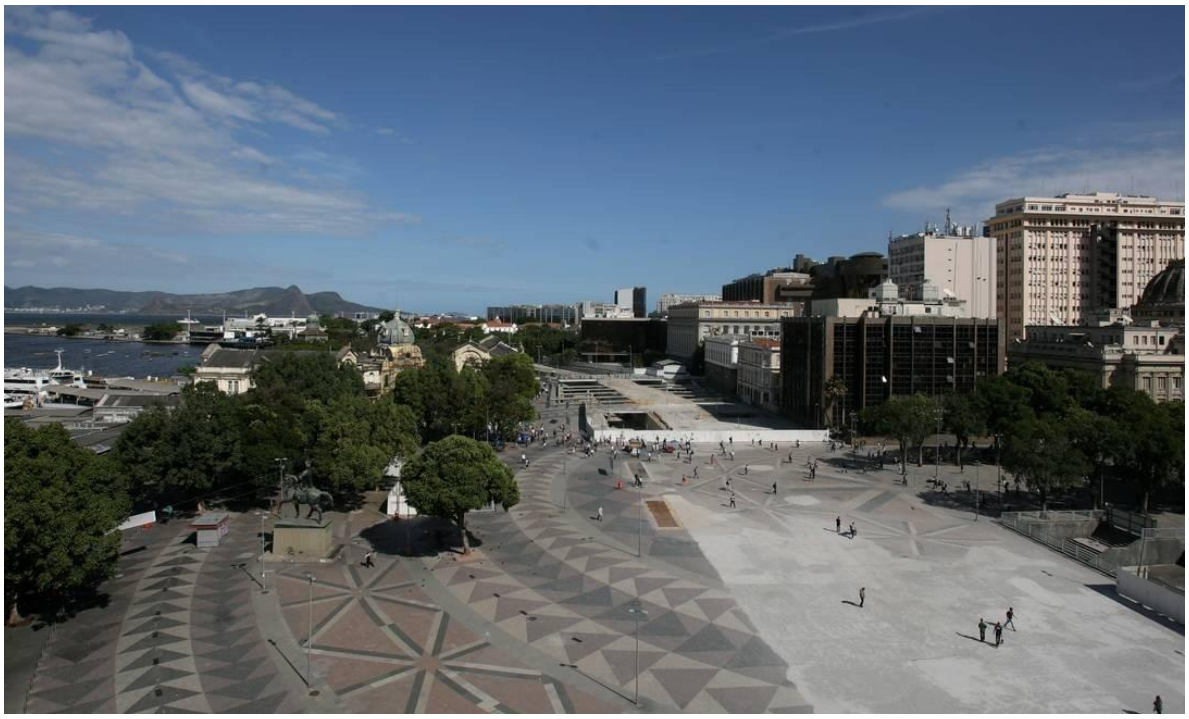
[32] Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303506-d4236117-Reviews-Feira_da_Praca_XV-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html>. Acesso em: 22 out. 2020.

Figura 36 – O novo visual da Praça XV sem as sombras do Elevado da Perimetral[33]



Fonte: Genilson Araújo, 2014[34]

Figura 37 – Nova vista da Praça XV, livre dos pilares e das sombras do antigo Viaduto da Perimetral.



Fonte: Luiz Ackermann, Agência O Globo, 2 dez. 2014.

[33] No entorno da Praça XV, estão o Museu Histórico Nacional, o Palácio Tiradentes e a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Sem a construção, a vista da Baía de Guanabara ficou mais impactante.

[34] Todos os pilares do Elevado foram retirados até dezembro de 2014.

A última parada de nosso *tour* fotográfico em pontos tão importantes, simbólicos e representativos do centro do Rio de Janeiro termina na Praça Marechal Floriano. Em função da grande quantidade de cinemas que abrigava, acabou batizada de Cinelândia.

Figura 38 – Praça Marechal Floriano

Fonte: Augusto Malta, 1920. Acervo IMS.

Figura 39 – Praça Marechal Floriano já transformada em Cinelândia

Fonte: Álbum do Rio de Janeiro, c. 1935, Biblioteca Nacional digital, domínio público

Figura 40 – VLT[35] foi criado para facilitar a circulação de turistas que queiram visitar prédios históricos do centro, como o Theatro Municipal.

Fonte: André Motta[36]

Figura 41 – Veículo Leve sobre Trilhos na Parada Cinelândia

Fonte: Alex Ferro[37]

[35] Inspirado no antigo bonde, que circulava pelas ruas do centro durante o tempo do Império, o Veículo Leve sobre Trilhos, ou o VLT como é mais conhecido, é o modal que começou a circular em 5 de junho de 2016 e faz a integração com a rodoviária, o aeroporto Santos Dumont e vários outros pontos importantes da cidade.

[36] Disponível em: <brasil2016.gov.br> Acesso em: 22 out. 2020.

[37] Disponível em: <https://www.vltrio.com.br/#/galeria>. Acesso em: 23 out. 2020.

No próximo item desta pesquisa, voltaremos a abordar especificamente os ambulantes de comida de rua no centro do Rio de Janeiro, que, como já citamos no início deste capítulo, representam uma marca da cidade desde o Brasil Império. Desta vez, vamos mencionar a perspectiva econômica, ou seja, como a venda desses alimentos é fonte de renda para muitas famílias brasileiras.

3.5 Fonte de renda para a população: marca social

Durante a escrita deste capítulo, passamos por uma grande mudança em nossas vidas: um inimigo invisível chamado coronavírus provocou a paralisação de escolas, fechou restaurantes, lojas, empresas... Em alguns casos, foi possível virtualizar atividades como as aulas em escolas e universidades; o teletrabalho ou *homeoffice* em vários setores foram implementados em grandes empresas e nas redações de todos os veículos de comunicação na cidade do Rio de Janeiro. Nem todos, porém, conseguiram.

A proposta dessa introdução é apresentar brevemente o cenário econômico em que o Rio de Janeiro e, é claro, o Brasil estão inseridos desde março de 2020, momento em que foi detectado o primeiro caso de coronavírus no país. A interrupção das atividades, que seria de apenas 15 dias, se estendeu por meses. E a conta começou a chegar!

Em 04 maio de 2020, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) começou a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios – PNAD COVID 19 –, com o objetivo de fazer um levantamento sobre o número de pessoas com sintomas associados à doença e monitorar os impactos da pandemia da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro [38]. Nesse contexto, nos interessamo pelo aspecto do trabalho em que o levantamento, realizado por telefone em todo o território nacional, teve como recortes os seguintes itens: desocupação, renda, afastamentos, trabalho remoto e outros efeitos da pandemia no trabalho. O resultado do primeiro estudo referente ao mês de maio apontou que o Brasil atingiu o marco de 28,6 milhões de pessoas que buscavam por um emprego, mas não conseguiram se inserir no mercado em função da falta de vagas oferecidas ou por medo de contrair a doença[39].

Uma nova pesquisa divulgada pelo órgão no dia 17 de julho de 2020 revelou que o

[38] Todas as informações relacionadas à PNAD COVID-19 podem ser obtidas no site do IBGE. Disponível em: < https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>. Acesso em: 23 out. 2020.

[39] Dados da pesquisa PNAD COVID-19 referentes ao mês de maio de 2000 estão disponíveis no site do IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27972-pandemia-dificulta-acesso-de-28-6-milhoes-de-pessoas-ao-mercado-de-trabalho-na-ultima-semana-de-maio>. Acesso em: 23 out. 2020.

desemprego tinha aumentado e atingido o maior índice com o fechamento de 1,5 milhão de vagas em todo o país. Na ocasião, o IBGE também apresentou a primeira edição de um estudo sobre os impactos da pandemia nos negócios. Os dados não são animadores: 522 mil empresas suspenderam as atividades ou fecharam após o início da crise por causa da pandemia da Covid-19.

> O problema atingiu de forma mais intensa pequenas empresas do setor de serviços, que é um grande empregador e sofre mais com as restrições à abertura de estabelecimentos comerciais. Nesse segmento se enquadram, por exemplo, bares, restaurantes, hotéis e atividades culturais. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

Desde maio de 2020, o IBGE apresentou estatísticas semanais sobre a situação do mercado de trabalho diante da epidemia no Brasil. O resultado do último estudo com essa periodicidade foi divulgado no dia 23 de outubro de 2020. A pesquisa apontou que o desemprego tinha batido um novo recorde, com 13,5 milhões de desempregados no mês de setembro de 2020, aproximadamente 3,4 milhões a mais que em maio, representando um crescimento de 33,1 % no período [40]. Maria Lúcia Vieira, coordenadora da pesquisa PNAD Contínua COVID-19, esclareceu que a alta no desemprego ocorreu em função de um maior número de pessoas terem voltado a procurar por uma recolocação no mercado de trabalho, diante da flexibilização do isolamento social no país.

Diante desse breve panorama apresentado, podemos notar que muitas pessoas que já estavam desempregadas ou tinham sido desligadas de suas funções nos últimos meses tiveram que criar oportunidades para sobreviver. Uma dessas opções foi a venda de alimentos nas ruas da cidade. Não há necessidade de um estudo aprofundado para perceber o aumento expressivo no número de ambulantes vendendo alimentos em calçadas, praças, esquinas de ruas não só no centro do Rio de Janeiro como em toda a cidade, sendo alternativa de ocupação para quem não consegue uma vaga com carteira assinada.

Vale relembrar que a presença de ambulantes de comida de rua é uma marca da cidade, independentemente do tempo. Seja no início do século XIX ou nos dias de hoje, o corpo do ambulante está no espaço público, driblando as determinações impostas pelo Estado. Sennett (2003) tentou compreender como as questões relacionadas ao corpo foram retratadas na arquitetura, no urbanismo e na vida cotidiana. Para o autor, urbanistas e arquitetos modernos perderam a conexão com o corpo ao planejar o espaço.

---

[40] Informações retiradas do *site* do G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/23/no-de-desempregados-diante-da-pandemia-aumentou-em-34-milhoes-em-cinco-meses-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2020.

> A cidade tem sido um *locus* de poder, cujos espaços tornaram-se coerentes e completos à imagem do próprio homem. Mas também foi nela que essas imagens se estilhaçaram, no contexto de agrupamentos de pessoas diferentes – fator de intensificação da complexidade social – e que se apresentam umas às outras como estranhas. Todos esses aspectos da experiência urbana – diferença, complexidade, estranheza – sustentam a resistência à dominação (SENNETT, 2003, p. 24).

Essa resistência à dominação citada por Sennett (2003) pode ser percebida na maneira com que esses trabalhadores se apropriam do espaço urbano, sem levar em consideração as lógicas deterministas do Estado. Evidentemente que essa ação pode acarretar tensões, já que ambulantes de comida de rua dividem esse território (HAESBAERT, 2004) com camelôs que vendem produtos dos mais variados tipos e finalidades, com agentes do poder público – que, às vezes, têm papéis civilizador e coercitivo das atividades –, com pedestres apressados, interessados apenas em chegar a seus destinos, com moradores em situação de rua, assim criando fronteiras simbólicas, fluidas e que têm um caráter de negociação dentro da cidade. Portanto, podemos notar que, além de enfrentar dificuldades de recolocação no mercado de trabalho, os ambulantes de comida de rua têm que conviver com uma série de desafios diários para conseguir levar o sustento para a família.

Michel Agier (2013) elucida a questão das fronteiras como fato social no espaço urbano, já que são instáveis e em constante transformação. Ou seja, a ocupação da cidade por ambulantes de comida de rua ocorre de forma "negociada" entre os atores sociais que dividem e interagem naqueles locais, em que, muitas das vezes, relações de troca são estabelecidas para garantir a permanência.

Georg Simmel (1973) afirma que a organização interna da interação na urbe tem como base uma hierarquia extremamente complexa, que envolve simpatias, indiferenças e aversões (SIMMEL, 1973, p.128). Apesar de o autor (SIMMEL, 1973) se referir à modernidade, essas questões ainda estão presentes nas relações sociais contemporâneas.

No entanto, notamos também que a presença desses atores sociais no espaço público possibilita a polifonia da cidade (CANEVACCI, 1993), suas linguagens múltiplas, nas quais a comida de rua está inserida. Afinal, comunica a diversidade da urbe, em que ela é ofertada para consumidores de todos os gostos, não apenas com o objetivo de saciar a fome, mas também de ser uma oportunidade de pausa. Cria-se, então, um território (HAESBAERT, 2004) "gastronômico" de sociabilidade e de comensalidade em pleno centro do Rio.

3.5.1 Os ambulantes: corpos em movimento

Antes de iniciar efetivamente as reflexões quanto ao corpo do ambulante de comida de rua no centro do Rio de Janeiro, consideramos de extrema relevância voltar na história e relembrar conceitos relacionados ao corpo. Nesse contexto, é fundamental trazer a perspectiva de Descartes (1596-1650), em que percebe o corpo como uma máquina composta por músculos e nervos, em uma estrutura mecânica. Ele faz uma analogia a outras engrenagens, como a de um relógio, ou seja, o corpo de um homem com sinais vitais.

> Difere tanto do corpo de um morto quanto um relógio ou outro autômato (isto é, outra máquina que se mova por si mesma), quando está montado tem em si o princípio corporal dos movimentos para os quais é instituído, com tudo que é necessário para sua ação, difere do mesmo relógio, ou outra máquina, quando está quebrado e o princípio de seu movimento cessa de agir. (DESCARTES, 1998, p. 30)

Descartes (1596-1650) apresenta uma negação aos sentidos. O corpo é percebido como um relógio perfeito, cada órgão tem uma função específica. E alma? Como ela é entendida? No livro *As Paixões da Alma* (1998), o autor afirma que Deus anima o corpo a partir da glândula pineal, sede da alma. Com seu olhar cartesiano que coloca em "caixinhas" muito bem-organizadas, definidas, separadas sobre as questões do homem, Descartes afirma que alma e corpo não se misturam, ou seja, não há conexão entre essas duas instâncias, sendo substâncias independentes, com sensações corpóreas e pensamento se apresentando de formas diferentes.

Ao refletir sobre o pensamento de Descartes que percebe o corpo como algo cartesiano, mecânico, relacionando esses conceitos ao ambulante, é possível inferir que ele atende às demandas da engrenagem e é uma mera peça quase invisível do sistema. Por outro lado, na visão de Baruch de Espinosa (1632-1677), corpo e alma são partes do mesmo ser provenientes de uma mesma substância denominada como Deus, vida ou natureza. Portanto, no mesmo período histórico, século XVII, temos duas visões tão antagônicas em relação ao corpo humano.

Se Descartes (1596-1650) percebe o corpo como partes separadas, Espinosa (1632-1677) olha-o como uma unidade conjunta com equilíbrio de ações internas interligadas por órgãos. Para tentar compreender melhor o pensamento espinosano, é relevante trazer a contribuição de Marilena Chauí (2000), pesquisadora e referência no assunto. De acordo com Chauí (2000), na visão de Espinosa (1632-1677), o corpo humano é uma unidade estruturada.

> Não é um agregado de partes, mas unidade de conjunto e equilíbrio de ações internas interligadas de órgãos, portanto é um *indivíduo*. Sobretudo é um indivíduo dinâmico, pois o equilíbrio interno é obtido por mudanças internas contínuas e por relações externas contínuas, formando um sistema de ações e reações centrípeto e centrífugo, de sorte que, por essência, o corpo é relacional: é constituído por relações internas entre seus órgãos, por relações externas com outros corpos e por *afecções*, isto é, pela capacidade de afetar outros corpos e ser por eles afetado sem se destruir, regenerando-se com eles e os regenerando. O corpo, sistema complexo de movimentos internos e externos, pressupõe e põe a *intercorporeidade* como originária. (CHAUÍ, 2000)[41]

Aprofundando as reflexões de Espinosa (1632-1677), Chauí (2000) enfatiza que o pensador nega que corpo e alma sejam substâncias finitas. Para ele, seriam mudanças ou expressões únicas da atividade imanente de uma substância singular e infinita.

> [...] A comunicação corpo e alma, de um lado, e, de outro, a singularidade do homem como unidade de um corpo e de uma alma são imediatas. Em outras palavras, a união corpo e alma e a comunicação entre eles decorre direta e imediatamente do fato de serem expressões finitas determinadas de uma mesma e única substância, cujos atributos se exprimem diferenciadamente numa atividade comum a ambos (CHAUÍ, 2000)[42].

É interessante ressaltar que Espinosa (1632-1677) apresenta uma importante contribuição filosófica que rompe com a visão cartesiana de Descartes. Em sua análise, corpo e alma são ativos ou passivos juntos e por inteiro, em igualdade de condições e sem relações hierárquicas entre si, ou seja, nem o corpo comanda a alma e nem a alma comanda o corpo (CHAUÍ, 1995).

Espinosa (1632-1677) defende a ideia de um corpo relacional, afetivo, que incorpora os afetos e que também é afetado quando entra em contato com outros indivíduos. No que tange às relações do corpo do ambulante de comida de rua no centro do Rio de Janeiro, ele é um corpo relacional, afetivo. É protagonista de relações sociais no espaço público.

É importante salientar que ele é tão ágil quanto a cidade contemporânea. Ele empurra rapidamente ou pedala seu triciclo para chegar aos pontos de venda. Ao circular por esse pedaço (MAGNANI, 1996) da metrópole, notamos essa região como um centro nervoso (SIMMEL, 1973), econômico, planejado, funcional, de mobilidade, por meio de transportes públicos, vigiado por agentes de segurança contratados – Centro Presente –, bem como por representantes do Poder público – guardas municipais.

Em meio a essa cidade turbulenta, esses trabalhadores utilizam-se de técnicas

[41] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2008200006.html>. Acesso em: 13 dez. 2019.

[42] Ibidem.

corporais (MAUSS, 1974) para driblar obstáculos e chegar com suas carrocinhas e triciclos até territórios gastronômicos, como em frente à entrada principal do Museu do Amanhã, na revitalizada zona portuária do Rio de Janeiro. Mauss (1974) entende essas técnicas como "as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos" (MAUS, 1974, p. 207). Portanto, segundo o autor, toda a técnica tem uma forma que está relacionada à cultura em que está inserida.

Mauss (1974) faz uma "enumeração biográfica das técnicas corporais", que nada mais é do que seguir as fases do indivíduo, como, por exemplo, as técnicas do nascimento e da obstetrícia, da infância, da adolescência, porém consideramos relevantes, para este trabalho, as técnicas da idade adulta. Nessa perspectiva, o autor (MAUS, 1974) categoriza, detalhadamente, a rotina do sujeito, como, por exemplo, técnicas do sono, do repouso, do movimento. Com relação ao último item, ou seja, técnicas da atividade, focamos nosso interesse nos movimentos de força: "empurrar, puxar, levantar. Todo mundo sabe o que é um *coup de rein*. É uma técnica aprendida, e não uma simples série de movimentos" (MAUSS, 1974, p. 229). Ele enfatiza que não há "maneira natural" no adulto, ou seja, tudo é construído com base em perspectivas histórica e cultural.

> [...] O corpo, que alguns pensaram natural, homogêneo e universal, durante a modernidade, é também resultado de uma classificação social e simbólica (Le Breton, 2009; Mauss, 1974). A própria noção de um corpo distinto da mente e inserido na natureza é uma construção cultural (SIQUEIRA, 2018, p. 3).

Portanto, a concepção de Descartes no século XVII de que o modelo do corpo é a máquina não é suficiente para compreender a complexidade do tema. Inclusive, Le Breton (2013) contextualiza essa comparação do corpo à máquina, visto que o primeiro envelhece, adoece e morre, ao passo que a segunda é permanente, fixa, "nada sente porque escapa à morte e ao simbólico" (LE BRETON, 2013, p. 19). Essa "metáfora mecânica" é criticada pelo autor, pois "ressoa como uma reparação para conferir ao corpo uma dignidade que não poderia ter caso permanecesse simplesmente um organismo" (LE BRETON, 2013, p. 19).

Voltando à questão do corpo do ambulante de comida de rua e seus movimentos pela cidade, esse ator social necessitou apreender técnicas, "educar o andar" (MAUSS, 1974), aplicar movimentos de força para empurrar o triciclo ou carrocinha pesados, cheios de mercadorias (fotos abaixo), em meio às regiões da metrópole, pensadas e planejadas por urbanistas para a *ville* construída em detrimento à *cité* da experiência (SENNETT, 2018).

Figura 42 – Ambulante de comida de rua na zona portuária do Rio de Janeiro

Fonte: A autora, 2019.

Figura 43 – Ambulante de comida de rua empurrando sua carrocinha nas imediações do Museu do Amanhã

Fonte: A autora, 2019.

Judith Butler (2019, p. 81) afirma que, por meio dos estudos sobre as deficiências, é perceptível "que a capacidade de se mover depende de instrumentos e superfícies que tornem o movimento possível, e esse movimento corporal é apoiado e facilitado por objetos não humanos e sua capacidade particular de atuação". Trazendo para o contexto deste estudo, o ambulante necessita do passeio, da rua para circular e da carrocinha ou do triciclo para realizar seu

trabalho.

É interessante perceber, nas duas imagens acima, como ocorre uma adaptação do corpo às circunstâncias do espaço por meio de uma sincronia nos movimentos dos ambulantes: braços esticados, corpo levemente tendendo para frente, pés ágeis, triciclo e carrocinha abrindo o caminho. Vê-se uma "espécie de educação dos movimentos" (MAUSS, 1974), um processo civilizador das ações dos ambulantes de comida de rua (ELIAS, 1994**),** uma disciplina nas ações que proporciona uma docilidade do corpo (FOUCAULT, 2014).

Inferimos que esse trabalhador tem uma destreza ao circular pela cidade, já que se apropria de brechas **(**DE CERTEAU, 1994), pegando atalhos, andando pela contramão, subindo calçadas, não seguindo os caminhos pré-determinados, planejados pelos urbanistas (SENNETT, 2018) para chegar até aos territórios gastronômicos.

> Coloca-se aqui a noção, muito importante tanto em psicologia como em sociologia, de destreza. [...] bem melhor para designar as pessoas que possuem o sentido da adaptação de todos os seus movimentos bem coordenados aos fins, que têm hábitos, que "sabem fazer" algo. É a noção inglesa de "craft", de "elever" (destreza e presença de espírito, hábil), é a habilidade em algo. Mais uma vez estamos bem no domínio da técnica (MAUSS, 1974, p. 220-221).

Depois de utilizar de destreza, o ambulante de comida de rua chega ao seu destino, como na entrada principal do Museu do Amanhã e pelas imediações do Museu de Arte do Rio, na Praça Mauá. Preferimos selecionar apenas esses dois pedaços (MAGNANI, 1996) em função do grande número de trabalhadores informais de comida de rua existentes na região.

Como já citamos neste estudo, a presença da comida de rua no espaço público faz parte da história do Rio de Janeiro, ampliada pelo crescimento populacional no século XIX, em que as tias baianas, com seus tabuleiros recheados de quitutes, ocupavam o centro da cidade, principalmente em pontos de grande circulação de pedestres, como estações de trem e portas de gafieiras. De lá para cá, passaram-se mais de dois séculos, mas a comida de rua permanece extremamente presente no espaço público, sendo comercializada por ambulantes que posicionam, estrategicamente, seus triciclos e carrocinhas em lugares geográficos de mobilidade urbana no centro do Rio de Janeiro. Isto é, eles estão predominantemente nas cercanias de terminais rodoviários, de estações das barcas, do metrô, bem como em frente aos equipamentos culturais da cidade.

Voltando ao recorte de nossa investigação, ao realizarmos uma breve pesquisa etnográfica por meio de observação participante[43] na Praça Mauá, em uma tarde de quinta-

[43] A pesquisa de observação participante foi realizada no dia 17 de outubro de 2019, antes do início da pandemia por Covid-19.

feira ensolarada e quente, ficamos impressionados com a grande quantidade de ambulantes de comida de rua na região. Para se ter uma ideia, em frente à entrada principal do Museu do Amanhã, eles fizeram um grande círculo com as carrocinhas e os triciclos. Com isso, quem quisesse ir ao equipamento cultural precisava, obrigatoriamente, passar entre os carrinhos dos ambulantes para chegar à entrada.

A título de curiosidade, decidimos fazer um levantamento do número de vendedores e os tipos de produtos que eles comercializavam somente nesse trecho em frente ao Museu do Amanhã. Confira o resultado abaixo:

Tabela 1 – Produtos comercializados

Produto	**Carrocinhas/ triciclos**
Açaí	1
Bebidas	7
Cachorro-quente	1
Pipoca	1
Sanduíche X-Tudo	3
Tapioca e Churros	2

Fonte: A autora, 2019.

Notamos que os produtos ofertados são de consumo rápido, ou seja, o freguês pode beber, comer ali mesmo, pois há banquinhos em frente às carrocinhas, sair comendo ou bebendo em seus trajetos, como antes ou depois de sua visita ao equipamento cultural. Esses ambulantes também atendem pedestres que não vão ao Museu do Amanhã, mas que caminham por ali em função da presença de várias empresas instaladas na região.

Entre um freguês e outro, os ambulantes de comida de rua passam o tempo ouvindo música, olhando o celular, conversando de forma descontraída com os colegas, sem pressa, criando um território (HAESBAERT, 2004) "gastronômico" de sociabilidade entre esses atores sociais, em pleno centro do Rio. Interessante ressaltar que se percebe uma desaceleração desse tempo, como se ele passasse mais lentamente (SANTOS, 2008) nesse pedaço (MAGNANI, 1996) da cidade, mesmo estando tão próximo à Avenida Rio Branco, uma das regiões mais movimentadas da metrópole.

Portanto, os ambulantes de comida de rua se apropriaram desse espaço urbano, que não foi planejado para eles. Afinal, a revitalização da Praça Mauá teve o objetivo de atrair,

principalmente, o turista para um novo cartão postal da cidade, inaugurado em setembro de 2015[44].

Percebe-se, claramente, um processo de gentrificação na zona portuária do Rio de Janeiro com a retirada de casas do Morro da Conceição, a reorganização do espaço voltado exclusivamente para uma perspectiva capitalista. Sendo assim, o Poder Público delimitou, projetou e "higienizou" aquela região da cidade. De acordo com Carlos Ribeiro Furtado (2014), esse conceito não é novo.

> O termo "*gentrification* foi criado em 1964 por Ruth Glass para descrever o processo que teve início nos anos 1950, através do qual algumas áreas residenciais deterioradas no centro de Londres, ocupadas pela classe trabalhadora, estavam sendo transformadas em áreas residenciais para a classe média. (FURTADO, 2014, p. 361)

No entanto, apesar da parceria público-privada que reurbanizou essa região da cidade com o intuito de atrair o olhar dos turistas, como já citamos, os ambulantes de comida de rua ocupam esse espaço da urbe. Eles são uma resistência à gentrificação da região, visto que ficam bem em frente a equipamentos culturais: o Museu do Amanhã e o MAR. No caso do Museu do Amanhã, os visitantes têm que, obrigatoriamente, passar entre carrocinhas, triciclos ou dar uma volta bem maior para chegar à entrada. Já no MAR, eles ficam posicionados de forma estratégica, espalhados no passeio em frente ao equipamento cultural, conforme a imagem da figura abaixo.

Figura 44 – Ambulantes de comida de rua fazem um círculo em frente ao Museu do Amanhã.

Fonte: A autora, 2019.

[44] Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/apos-4-anos-praca-maua-no-rio-e-reinaugurada-com- shows-gratuitos.html>. Acesso em: 2 nov. 2019.

Portanto, a *ville* construída dá lugar à *cité* da experiência (SENNETT, 2018). Experiência essa proporcionada pelos ambulantes de comida de rua que reconfiguram a cidade. Eles se reúnem, se sentam em banquinhos de plástico, fazem rodinhas em torno desses espaços gastronômicos e dividem esses territórios temporários enquanto esperam seus clientes (MAFFESOLI, 2012). Essa cena urbana vivenciada pelos ambulantes de comida de rua é uma expressão de comensalidade em que as relações sociais, afetivas e culturais que fazem parte dela precisam ser efetivamente valorizadas.

A espera pelos clientes acontecia em uma típica tarde ensolarada de uma primavera carioca... Ninguém poderia imaginar que, cinco meses depois, sair de casa só deveria acontecer apenas em casos de extrema necessidade, como ir ao supermercado, à farmácia ou para uma consulta médica. Mesmo assim, foi preciso adotar uma série de cuidados, como o uso de máscara, não levar as mãos ao rosto, limpá-las constantemente com álcool em gel 70 por cento, manter distância em relação a outras pessoas, evitar aglomerações, lugares cheios...

Todas essas recomendações dos infectologistas foram feitas com base nas orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), para evitar a proliferação de um vírus novo, conhecido popularmente por coronavírus. E por que estamos tocando nesse assunto? Porque ele está intrinsicamente ligado às mudanças que fomos obrigados a adotar para mantermos a nossa saúde, e a nossa relação com a comida foi totalmente modificada.

Citamos neste texto que a comida de rua é uma característica peculiar ao Rio de Janeiro, diferentemetne de outras cidades do país. Ver pessoas sentadas em banquinhos em volta de uma carrocinha ou triciclo, conversando, tomando uma cerveja, comendo um churrasquinho, um cachorro-quente ou uma tapioca no fim do expediente de trabalho. Comensalidades triviais, naturalizadas do cotidiano carioca, fazem parte de um passado recente.

O medo da contaminação pela Covid-19 fez com que atitudes banais, corriqueiras de nosso cotidiano, fossem modificadas drasticamente. Se não é possível sair de casa para comer em função de todas as restrições apontadas anteriormente, a comida vai até a sua casa.

Nesse contexto, a importância de uma profissão emerge não só no Rio de Janeiro como também em todo o país: os entregadores de aplicativos de *delivery* – os novos ambulantes com a Covid-19. Eles cortam a cidade em bicicletas e motos com suas mochilas coloridas nas costas, levando refeições, lanches, para quem possui o privilégio de poder ficar em casa.

3.6 Entregadores de aplicativos de *delivery*: os novos ambulantes com a Covid-19

Sábado, domingo, feriado, dia santo, pela manhã, na hora do almoço, do lanche, do jantar, de madrugada. Pode ser um dia ensolarado, chuvoso, de vento frio, de temporal não importa, mas eles estão nas ruas da cidade. Surgem firmes e fortes, com suas mochilas coloridas com as palavras: Rappi, *iFood* ou *Uber Eats.*

No período de isolamento social, os entregadores de aplicativos de *delivery* foram apontados como profissionais de linha de frente, tendo como função levar comida para quem podia ficar em casa. Eles arriscavam a saúde, ficando expostos ao coronavírus, às intempéries nas ruas, para garantir o sustento da família, conforme imagem abaixo.

Figura 45 – Entregador de aplicativo se arrisca na Rua Jardim Botânico, alagada durante temporal no Rio de Janeiro.

Fonte: Reprodução / TV Globo[45]

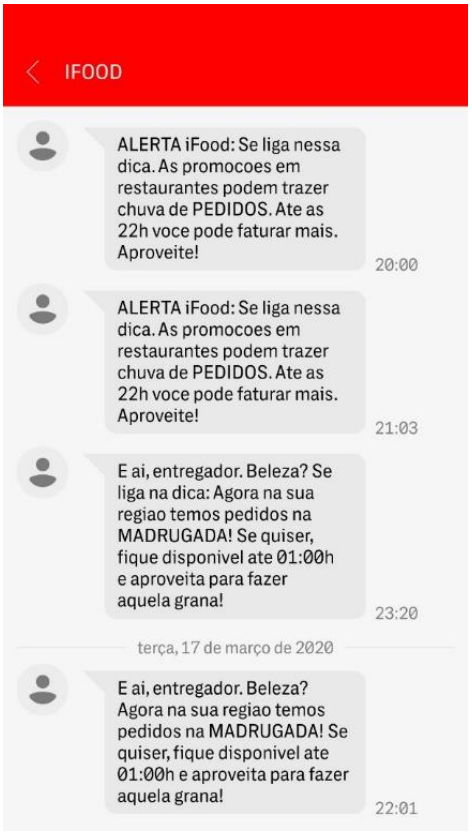
Paralelamente ao crescimento da necessidade da entrega por *delivery* em tempos de pandemia, aplicativos obtiveram lucro com a doença. Uma matéria publicada no dia 23 de março de 2020, no *site The Intercept* Brasil, intitulada ‘Parceria’ de risco – Aplicativos

[45] Uma chuva forte atingiu o Rio de Janeiro no dia 22 de setembro de 2020 e inundou várias regiões da cidade. De acordo com o Centro de Operações da prefeitura, o volume de chuva acumulado em 24 horas foi maior do que o esperado para todo o mês na capital. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/09/22/fotos-rj-tem-chuva-forte-alagamentos-e-vias-interditadas.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2020.

lucram com coronavírus pondo entregadores em risco de contágio[46], mostrou que os governos sustentavam medidas de isolamento, como no estado do Rio de Janeiro em que o então govenador Wilson Witzel assinou um decreto que recomendava que bares, restaurantes e lanchonetes trabalhassem com, no máximo, 30% da capacidade. No entanto, Witzel defendia o *delivery* como uma boa opção para o momento: "a nossa recomendação é que a comida seja comprada através do serviço de entrega", disse o político'[47].

Esse discurso também foi sustentado pelas empresas de aplicativos que estimulavam, por meio de mensagens, que os entregadores saíssem mais às ruas, conforme figura abaixo:

Figura 46 – Prints enviados pelo *I Food* aos entregadores



Fonte: The Intercept Brasil[48]

[46] Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/23/coronavirus-aplicativos-entrega-comida-ifood-uber-loggi/>. Acesso em: 27 set. 2020.
[47] Trecho da entrevista do então governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/23/coronavirus-aplicativos-entrega-comida-ifood-uber-loggi/>. Acesso em 25. out. 2020.

[48] Print de mensagem da IFood para entregadores do aplicativo publicado pelo The Intercept. Op. Cit.

Estímulos para faturar mais, rodar até de madrugada, fazer seu próprio horário foram algumas afirmações apresentadas por essas empresas a esses trabalhadores. Eles não tinham qualquer vínculo empregatício, ajuda de custo, plano de saúde e nem seguro de vida, caso sofressem um acidente de trânsito durante uma entrega.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua divulgada pelo IBGE, no dia 28 de agosto de 2020, revelou que o desemprego atingiu mais pretos do que brancos e pardos no segundo semestre de 2020. Foi o primeiro levantamento que levou em conta três meses completos de pandemia no Brasil.

A população preta teve taxa de desocupação de 17,8%. Era de 15,2% de desempregados no primeiro trimestre. "Entre os brancos, a taxa aumentou de 9,8% para 10,4%, enquanto entre os pardos o crescimento foi de 14% a 15,4%. Dessa forma, a diferença percentual de taxa de desemprego entre brancos e pretos alcançou um recorde histórico", afirma trecho da reportagem publicada no *site* da Folha de São Paulo[49]. Ainda de acordo com as estatísticas do IBGE, atualmente, a maioria da população brasileira é parda (46,8%), seguida por brancos (43,6%) e pretos (8,6%).

Figura 47 – Entregador de aplicativo alugando bicicleta do Itaú no Rio de Janeiro.

Fonte: A autora, 2020.

Apesar de essa parte do estudo não tratar efetivamente de dados econômicos, a questão foi abordada no item 3.5 deste texto, chamou-nos muito a atenção, ao circular pela cidade do

[49] A reportagem completa pode ser lida em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/08/desemprego-atingiu-mais-pretos-que-brancos-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 25 out. 2020.

Rio de Janeiro, o crescimento expressivo no número de entregadores de aplicativo em motos e bicicletas desde março de 2020. A predominância do perfil dos entregadores é de homens, jovens, pardos ou negros.

A Associação Brasileira do Setor de Bicicletas, Aliança Bike, realizou em 2019, uma pesquisa do perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo na cidade de São Paulo, ou seja, antes da pandemia pela Covid-19. Como metodologia, foram realizadas 270 entrevistas estruturadas aplicadas em seis regiões diferentes da cidade. Os dados são muito interessantes e reveladores quanto ao perfil desses profissionais na maior cidade do país: "ele é brasileiro, homem, negro, entre 18 e 22 anos de idade, morador das periferias com ensino médio completo, que estava desempregado e agora trabalha todos os dias, de 9 a 10 horas por dia, com ganho médio mensal de R$ 992,00"[50] (PESQUISA DE PERFIL DOS ENTREGADORES CICLISTAS DE APLICATIVO, 2019). Apesar de o levantamento ter sido realizado em São Paulo, em 2019, podemos perceber que há semelhanças físicas em relação aos entregadores ciclistas em tempos de pandemia na cidade do Rio de Janeiro, conforme registros abaixo:

Figura 48 – Entregador ciclista de aplicativo aguardando a próxima chamada

Fonte: A autora, 2020.

Figura 49 – Entregador ciclista de aplicativo a caminho de mais uma entrega.

Fonte: A autora, 2020.

[50] Disponível em: <https://aliancabike.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Apresentac%CC%A7a%CC%83o-entregadores.pdf >. Acesso em: 25. out. 2020.

As imagens acima também corroboram com o mais recente estudo realizado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), com entregadores de aplicativos ciclistas e motociclistas da Bahia e do Recife, divulgado no dia 17 de dezembro de 2021. A pesquisa "Condições de Direitos e Diálogo Social para Trabalhadoras e Trabalhadores do Setor de Entrega por Aplicativo em Brasília e Recife" constatou que 68% desses profissionais se reconhecem como pretos (16%) ou pardos (52%). Outra questão identificada no estudo é que grande parte dos entregadores são homens (92%), solteiros (51%) e jovens, com idade entre 19 e 30 anos (49%)[51].

Mais uma realidade apontada pela análise dos dados é a permanência da precarização da atividade e a má remuneração desses profissionais. Afinal, a jornada média de trabalho é de 65 horas por semana e com renda mensal média de R$ 1.172,62, valor abaixo do salário mínimo, fixado em R$1.212,00 a partir de 1º de janeiro de 2022.

É importante ressaltar que a questão dos entregadores por aplicativos no Brasil ainda será desenvolvida e aprofundada ao longo do item cinco desta tese. Neles, teremos a análise do episódio 1 de *Motoboys: os heróis da quarentena*, com o *motoboy* Jackson Faive, interpretado pelo humorista Marco Luque.

[51] Informações disponíveis em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/12/15/estudo-entregadores-aplicativos-plataformas-oit-cut.htm>. Acesso em 3 jan. 2022.

4 A UBERIZAÇÃO “VENDIDA” COMO PRÓPRIO NEGÓCIO

Nosso interesse neste capítulo dirige-se a alguns aspectos que marcam relações sociais mergulhadas em recentes processos de uberização do trabalho, fenômeno que vem atingindo trabalhadores em abrangência global e que assume contornos dramáticos no âmbito da desigualdade social local. Inseridos em cenários de desemprego crescente, os sujeitos seguem recorrendo ao que tem se apresentado como um “próprio negócio”, na forma de um empreendimento mediado por plataformas digitais. Como expressão representada da vida nessas condições, tomamos o filme *Você Não Estava Aqui*, de Ken Loach, buscando compreender, com base em cenas de comensalidade presentes na obra cinematográfica, signos que marcam relações sociais intrafamiliares, com vizinhos e clientes dos serviços prestados pelo personagem principal.

O *trailer* do filme *Você Não Estava Aqui*, de Ken Loach traz, logo em suas cenas iniciais, apresenta a família reunida em torno de uma mesa de almoço ou jantar. A comida é partilhada. A mãe (Abby, interpretada por Honey Wood) tem um sorriso no rosto. A voz do pai (Ricky, interpretado por Kris Hitchen), ao fundo diz: “Nós precisamos arriscar. [...] Henry ganha £200 por dia. Posso ser tão rápido quanto ele”. Ao que Abby retruca: “Sim, mas trabalhando 14 horas por dia, seis dias por semana. Não nos veríamos mais.”

À medida que o *trailer* segue seu curso, situações em tensão crescente vão passando pela tela. Um prato de comida vai parar no chão, empurrado pelas mãos de Rosie, uma das idosas cuidadas por Abby. Já trabalhando com entregas e diante do cliente – que segura um pequeno pedaço de algo que parece uma fatia de pão de forma –, Ricky recebe uma dura negativa, o que lhe custa perdas financeiras. Numa cena de discussão difícil entre Ricky e seu filho, vê-se sobre a mesa apenas um pacote de *snack* aberto, com algumas poucas sobras em seu interior. Depois, nessa mesma sala de jantar, a família briga, agressões físicas ocupam a cena e vê-se um pequeno pedaço da mesa, agora vazia. Segue o *trailer*: a mãe, sentada à mesa, tem a filha em seus braços e apenas um copo pousa sobre o aparador de pratos. A tensão e os riscos no trabalho do pai aumentam. Mais adiante, em sofrimento profundo, sozinha e desolada, Abby está à mesa, onde permanece o pacote de *snack* e suas sobras.

A comida farta e quente da refeição em família vai minguando ao longo do *trailer*, transmutando-se em pequenas porções de mercadoria fria: aquele pacote plástico com sobras de *snack* vindo de alguma linha global de produção em massa. A mesa esvazia-se, passando a compor o cenário de momentos cada vez mais pesados em discórdia e dor. As cenas da mesa, da comida e da comensalidade vêm como símbolos de mudanças na sociedade: das refeições

estruturadas em casa e ao redor da mesa aos beliscos de produtos comestíveis industrializados, ingeridos a qualquer momento, em qualquer lugar. Não mais a comensalidade que tem a presença da família sentada e de pratos vários sobre a mesa; agora, são os tempos da comida no fluxo veloz do trânsito, das entregas rápidas por meio de plataformas. Das vidas, das culturas, das subjetividades marcadas pela produção artesanal ao consumo de massa, cada vez mais individualizado, fugaz: a modernidade líquida, no dizer de Zigmunt Bauman (1999; 2001; 2005).

Decidimos iniciar o capítulo com trechos do *trailer* do filme, buscando inserir o leitor na atmosfera densa, de um cotidiano sofrido, amargurado, exaustivo de profissionais que, depois da crise econômica de 2008 na Inglaterra, não conseguiram recolocação no mercado de trabalho formal. São obrigados a optar por atividades laborais sem vínculo empregatício e desprovidos de benefícios sociais para dispor de remuneração e tocar a vida adiante.

Segundo dados do *Office for Nacional Statics* (ONS) da Grã- Bretanha, o número de pessoas sem trabalho no país chegou a mais de 2,4 milhões de indivíduos em junho de 2009. A taxa de desemprego atingiu 7,8% da população, a maior registrada desde 1995, de acordo com matéria jornalística publicada no *site* da BBC News Brasil, em 12 de agosto de 2009.[52]

Vale ressaltar que há similaridades entre a realidade britânica e o contexto brasileiro, visto que o fechamento de postos de trabalho no Brasil ocorre de forma avassaladora na contemporaneidade. De acordo com o IBGE, o número de desempregados atingiu 14,8 milhões de pessoas no primeiro trimestre de 2021. É o maior contingente de desocupados de todos os trimestres da série histórica, iniciada em 2012. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, divulgada no dia 27 de maio de 2021.

Nesse contexto, os atores sociais, em busca de sobrevivência, acabam aceitando atividades sem vínculo empregatício, sem direitos sociais. É o caso dos entregadores de *delivery*: *motoboys*, ciclistas, trabalhadores uberizados, que prestam serviço por meio de plataformas digitais globalizadas, como, por exemplo, *IFood*, *Uber Eats* e *Rappi*.

Escolhemos o filme *Você Não Estava Aqui* para analisar esse cenário de novas nuances no mercado de trabalho mediado pelas plataformas digitais, porque, no Brasil, ainda não existem produções cinematográficas que abordem a temática. Apesar de ser um filme que apresenta a realidade do Reino Unido, ele retrata as transformações globais do mundo do trabalho, e o nosso interesse se dá pela universalidade dessa questão. O drama retratado na

[52] Nível de desemprego na Grã-Bretanha é o maior desde 1995. Matéria publicada em 12 de agosto de 2009. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/08/090812_desempregogbfn>. Acesso em: 3.out. 2021.

película poderia se passar em São Paulo, Buenos Aires, Lima ou Bogotá.

Não pretendemos fazer uma análise fílmica, técnica, mas tentar perceber e refletir como Loach (2020), nessa narrativa, descortina e traz em alguns momentos, de forma nua e crua, a violência, o sofrimento desses sujeitos que perderam o emprego, que não conseguiram recolocação no mercado de trabalho formal e que tem, como única opção, a uberização da vida.

4.1 A Trajetória de Ken Loach

Nascido em Nuneaton, na Inglaterra, o cineasta inglês Kenneth Loach, de 85 anos, completados em 2021, tem uma filmografia voltada principalmente para reflexões relacionadas às questões sociais de indivíduos abandonados, desassistidos pelo Estado britânico. Seu cardápio de produções engloba filmes de ficção, documentários e docudramas para séries de televisão, tendo como foco realidades cotidianas da classe trabalhadora britânica.

Antes de optar pelas artes e utilizar o cinema como forma de resistência ao discurso neoliberal, Loach fez Direito no St. Peter's College, em Oxford, mas ainda na universidade começou a se interessar por teatro. Depois de se formar em 1957, ele ingressou na Força Aérea Real e iniciou sua carreira nas artes dramáticas; primeiro, como ator em companhias de teatro regionais e, depois, como diretor na televisão pública, *British Broadcasting Corporation* (BBC)[53].

Ken Loach chegou a ser criticado por trabalhar em uma emissora de TV estatal, já que sua visão de mundo confrontava com a ideologia do Reino Unido. Ainda assim, Loach aproveitou o espaço para emergir discussões presentes no cotidiano britânico, que não eram mencionadas em veículos de comunicação. Nos anos 60, ele foi responsável pela direção de vários docudramas para a série de TV *The Wednesday Play*. Uma das produções intitulada *Cathy Come Home* (1966) abordou o desemprego, a falta de moradia e a separação de uma família da classe trabalhadora[54].

A abordagem e a discussão desses temas foram tão impactantes e marcantes, que, em 2000, ou seja, 34 anos depois, *Cathy Come Home* ficou em segundo lugar na lista dos 100 melhores programas da televisão britânica da história. O diretor Kenneth Loach é conhecido

[53] Informações disponíveis em: <https://www.britannica.com/biography/Ken-Loach>. Acesso em: 2 abr. 2021.

[54] Ibidem.

por utilizar o cinema como arma política e por suas produções críticas ao governo burocrático do Reino Unido. Ele dirigiu, até o ano de 2020, mais de 50 trabalhos, sendo apontado como um dos maiores cineastas da Europa.

Seus filmes, geralmente, discutem o fim do Estado e do bem-estar social; problematizam a emergência do pensamento neoliberal. Os representantes do neoliberalismo afirmam que o financiamento dos encargos sociais e a participação do Estado na garantia dos direitos sociais saem muito caro para as empresas, afetando a competitividade, atrapalhando o mercado, diminuindo o lucro das empresas e a "prosperidade". Com isso, o pensamento neoliberal propõe uma diminuição drástica nos gastos sociais, menor participação do Estado na vida econômica, manutenção do desemprego visando ao enfraquecimento das entidades que representam os trabalhadores, fortalecimento dos bancos e do setor financeiro, redução de impostos sobre empresas e grandes fortunas, aumento de impostos sobre o comércio e sobre os trabalhadores, promovendo o afastamento do Estado para que o próprio mercado se fortaleça (CHAUÍ, 1999).

Nesta parte da tese, apresentaremos apenas os principais filmes e premiações do cineasta britânico Kenneth Loach. Desse modo, o leitor pode ter uma breve noção do brilhante e denso trabalho desenvolvido por ele.

Retomando a trajetória de produções audiovisuais, em 1969 Ken Loach lança *Kes*. O filme retrata a história de Billy Casper, interpretado por David Bradley, um adolescente de 15 anos que passa por violências física e psicológica em casa e na escola constantemente. Ele acha um pequeno falcão, acaba se afeiçoando ao animal e lhe dá o nome de Kes[55].

Daí em diante, foram dezenas de filmes sob sua direção: Vida em Família (1971), *Black Jack* (1978), O Vigia (1980), Agenda Secreta (1990), *Ladybird, Ladybird* (1994), Terra e Liberdade (1995), Meu Nome é Joe (1998), Pão e Rosas (2000), Ventos de Liberdade (2006) – sua primeira Palma de Ouro no Festival de Cannes –, entre tantos outros.

Em 2014, Loach apresentou o filme *Jimmy's Hall* no Festival de Cannes. Chegou a afirmar que seria seu último trabalho, mas, ao ser questionado durante a entrevista coletiva com a imprensa, ele deu uma nova versão: "Eu disse isso em um momento de enorme pressão, com muito material ainda por rodar. Mas depois chegou o final.... De modo que vamos ver o Mundial de futebol e voltamos a falar disso depois" (LOACH, 2014)[56]. Realmente, foi um até breve, e que até breve!

[55] Informações disponíveis em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-4551/>. Acesso em: 3 abr. 2021.

[56]Entrevista de Ken Loach. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/22/cultura/1400752995_123294.html>. Acesso em: 4 abr. 2021.

Em 2016, Ken Loach voltou a subir ao palco do Festival de Cannes para receber a maior premiação, a Palma de Ouro, a segunda na sua carreira, pelo filme *Eu, Daniel Blake*. A obra cinematográfica conta a estória de um carpinteiro viúvo que teve um ataque cardíaco e precisava contar com benefícios do Estado para sobreviver. Tem-se, então, o seu calvário para conseguir o auxílio com o preenchimento de formulários intermináveis, a falta de empatia de atendentes do serviço público britânico, seja pelo telefone ou presencialmente, a morosidade do sistema, tudo que não contribuía para que ele tivesse sua solicitação respondida. Além da Palma de Ouro no Festival de Cannes, *Eu, Daniel Blake* recebeu várias outras premiações, como o Prêmio BAFTA de cinema como Melhor Filme Britânico (2017), César de melhor Filme Estrangeiro (2017) e foi vencedor do *Hellenic Film Academy Award for Best Foreign Language Film* (2017).

A vida e a obra de Ken Loach foram retratadas pela diretora Louise Osmond no documentário *Versus: The Life and Films of Ken Loach*. Lançado em 03 de junho de 2016, a narrativa audiovisual conta a trajetória de Loach a partir do set de filmagem de *Eu, Daniel Blake*[57], ao qual Osmond teve acesso exclusivo. A partir daí, ela traça uma linha histórica de sua carreira na direção de peças teatrais, na produção para a TV até a sua premiada carreira em longa-metragens.

Em 2019, Ken Loach produziu mais um longa-metragem: *Você Não Estava Aqui*. Nele, trouxe à tona a precarização do trabalho, mediada pela tecnologia, responsável por rastrear, por meio de um *scanner*, todos os passos de Ricky, protagonista do filme, um motorista-entregador uberizado, que mal consegue comer, ir ao banheiro entre uma entrega e outra.

> Poucos filmes ficcionais falaram com tamanha clareza e de maneira tão contundente sobre as consequências desse novo mundo do trabalho precário. Loach tem em sua forma de fazer filmes um sentido de 'missão', que alguns desabilitadores modernos, como se fosse um representante da sociedade contra o Estado. (MENDONÇA, 2020)[58]

Em entrevista ao jornal *El Pais*, durante o lançamento do filme *Você Não Estava Aqui*, em San Sebástian, Loach deixou claro não ser contrário à web, mas, sim, à forma como é utilizada pelos donos da tecnologia, fazendo alusão às plataformas de comércio eletrônico.

[57] Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/bbcfilm/films/versus-the-life-and-films-of-ken-loach>. Acesso em: 4 abr. 2021.

[58] Thiago B. Mendonça é crítico de cinema, diretor, roteirista e colunista da Revista Época. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/coluna-voce-nao-estava-aqui-de-ken-loach-a-uberizacao-do-trabalho-24284015>. Acesso em: 25 ago. 2021.

> A Internet é uma ferramenta de conhecimento neutro e isso é um grande avanço, mas se for usada para controlar os empregados, como se vê no filme, é um desastre para o trabalhador. Não é um problema da ciência, mas sim de quem controla essa ciência, dos proprietários da tecnologia (LOACH, 2019)[59].

Salientamos que o tema abordado no longa-metragem tem uma perspectiva universal, já que vivemos em uma sociedade globalizada, com iniciativas que começam em países desenvolvidos como a Inglaterra e os Estados Unidos e chegam até as nações subdesenvolvidas, como é o caso do Brasil. Tomamos o cinema não apenas como forma de entretenimento, mas também como objeto de investigação científica, visto que apresenta aspectos da realidade, de representação social, de multiplicidades do olhar que possibilitam amplitude e aprofundamento do conhecimento.

Consideramos importante sublinhar que o lançamento de *Você Não Estava Aqui* no Brasil ocorreu em fevereiro de 2020, um mês antes do início da pandemia da Covid-19. Diversas dessas mazelas e dificuldades apresentadas na narrativa audiovisual ficcional já se expressavam em algum grau em nosso país. Tal quadro se acentuou de modo mais severo em função tanto do curso natural da doença inesperada, quanto da particular condução dada ao evento no plano federal, em alguns estados e certos municípios, o que muito dificultou seu controle. As limitações impostas pela crise de uma economia que já vinha combalida associadas ao fechamento de muitas empresas e à redução de postos de trabalho durante a epidemia trouxeram aumento exponencial do número de trabalhadores atuando nos serviços de entregas ou transporte via aplicativos. Diante da escassez de vagas regulares e com "carteira assinada", esse tipo de trabalho é, para muitos, a única saída para o sustento de suas famílias, assim como no filme.

4.2 Filme *Você Não Estava Aqui*

Sou otimista, os povos sempre resistirão.

Ken Loach

A produção cinematográfica que tem como título original *Sorry We Missed you* apresenta a dificuldade da recolocação no mercado de trabalho britânico de um profissional que "já fez de tudo", tendo como principal atividade a função de pedreiro. Os obstáculos para conseguir uma vaga e o sonho de "ser seu próprio chefe" foram os motivos que levaram

[59] Entrevista de Ken Loach ao jornal *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/31/cultura/1572512849_607957.html>. Acesso em: 4 abr. 2021.

Ricky até a PDF, *Parcels Delyyered Fast*!, uma transportadora que terceiriza os serviços por meio de motoristas-entregadores uberizados.

A primeira cena do longa-metragem de Ken Loach mostra o momento em que Ricky leva seu currículo ao responsável pelo depósito, Mahoney, em busca de uma oportunidade como um motorista-entregador uberizado.

> Você não é contratado aqui. Você vem "a bordo". Dizemos que você "embarca". Não trabalha para nós. Trabalha conosco. Não dirige para nós. Você realiza serviços. Não há metas. Você atende aos padrões. Não há salários, e sim honorários. Está claro? [...] Você não bate ponto. Fica disponível. Você assina conosco e se torna um motorista franqueado. Mestre do seu próprio destino, Ricky. [60]

O longa-metragem apresenta, de forma bastante incisiva, a rotina de Ricky, um motorista-entregador uberizado que precisou comprar uma van, endividando-se, ao buscar opções de trabalho e "ser empreendedor", discurso hegemônico dos países capitalistas neoliberais na contemporaneidade. Essa uberização apresentada como "um próprio negócio" será discutida neste capítulo da tese, com base numa perspectiva geral, ou seja, percebemos que, em pleno século XXI, recriam-se modalidades de trabalho informal, intermitente, precarizado, "flexível" (ANTUNES, 2020). O discurso oficial que sustenta essa lógica é baseado nas ideias de "liberdade individual", "direito de escolha", "autonomia no trabalho" e valorização do "empreendedorismo", transformando o sujeito em responsável por sua própria sobrevivência (muitas vezes precária) e silenciando as perdas dos direitos trabalhistas, a proteção social, a seguridade social e a possibilidade de uma vida digna depois da aposentadoria. Em nome das liberdades individuais, as conquistas coletivas do século XX vêm sendo, agora, suprimidas e transformadas em responsabilidade dos indivíduos.

A decisão de Ricky, protagonista do longa-metragem, de aceitar a função de motorista-entregador uberizado impacta intensamente a rotina e o convívio da família, composta pela esposa, Abby, cuidadora de idosos, e de seus dois filhos adolescentes, Lyza Jane e Seb.

Antes de abordarmos alguns aspectos relevantes do filme, é importante destacar que essa obra ficcional é uma representação, uma visão da realidade britânica pela percepção de mundo do diretor Ken Loach. Sendo assim, é cara trazer a definição de representação por Sandra Pesavento (2008, p. 40): "[...] é conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre ausência e presença, a correspondência não é da ordem do mimético ou da transparência. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de

[60] Cena em 00:01:51.

reflexo, mas uma construção feita a partir dele".

As representações estão relacionadas ao simbólico. Vão além do que apresentam, têm sentidos escondidos que, construídos nas perspectivas histórica e social, acabam se internalizando no inconsciente coletivo. Por isso, se mostram de forma tão natural que prescindem reflexão (PESAVENTO, 2008).

Ao tratarmos do conceito de representação, é fundamental dar um passo adiante e refletir sobre o imaginário. Essa palavra povoa o vocabulário cotidiano na contemporaneidade, é frequentemente dita aqui e ali, como um antônimo ao real, ao verdadeiro. Nosso objetivo, porém, é tratar o imaginário, utilizando como referencial as Ciências Humanas.

Ao longo do século XX, vários intelectuais se interessaram pelo tema, mas, neste estudo, nos ancoramos nas proposições teóricas, de forma breve, de três deles: Gaston Bachelard (1884-1962), Gilbert Durand (1921-2012) e Michel Maffesoli.

O filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962), pioneiro no assunto, acreditava que o imaginário se materializa quando pensamos, sonhamos ou vivemos a matéria. "O imaginário não encontra suas raízes profundas e nutritivas nas imagens; a princípio, ele tem necessidade de uma presença mais próxima, mais envolvente, mais material" (BACHELARD, 1998, p. 126).

Gilbert Durand (1921-2012), discípulo de Bachelard, desenvolveu uma extensa pesquisa sobre a produção cultural humana, principalmente das imagens que surgem de narrativas religiosas, de grandes obras da literatura e da arte.

> Gilbert Durand trabalhou na confluência da tradição literária romântica e da antropologia, tendo escrito uma obra-prima: As Estruturas antropológicas do imaginário. A sua reflexão recuperou o que tinha sido deixado de lado pela modernidade e indicou como o real é acionado pela eficácia do imaginário, das construções do espírito. (MAFFESOLI, 2001, p. 75)

Durand, antropólogo e mestre de Maffesoli, argumentava que o imaginário pode ser definido como "[...] conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens* [...], a estrutura essencial na qual se constituem todos os processamentos do pensamento humano" (DURAND, 1997, p. 14). Em entrevista concedida à Revista Famecos, intitulada "O imaginário é uma realidade" e publicada em agosto de 2001, o sociólogo Michel Maffesoli iluminou e esclareceu definições fundamentais para compreendermos uma ínfima parcela de seu pensamento. De forma precisa, ele desvendou uma delas: o imaginário.

> O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra – estátua, pintura – há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. Esta é a ideia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de "algo mais", uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário (MAFFESOLI, 2001, p. 75).

Nesse contexto, qual será o algo mais, a aura, o imaginário do filme de Ken Loach, em *Você Não Estava Aqui*? Para tentarmos descobrir, nos debruçamos sobre a entrevista concedida ao jornal *El país*, em setembro de 2019, durante o lançamento do longa no Festival de cinema de *San Sebastián*, na Espanha e publicada no *site* do veículo[61], em que o diretor britânico comentou a obra artística. Ao longo da conversa, ele preferiu não utilizar o termo escravo, já que, em sua visão, "tem outras conotações", porém, segundo ele, atualmente há outras terríveis maneiras de exploração, resultado da economia de livre mercado, mediada pelas grandes corporações.

> Apenas uma geração atrás, você tinha um emprego e os empresários obtinham lucros, é claro, mas era um emprego seguro, você podia recorrer aos sindicatos, podia ficar doente porque estava protegido, podia sair de férias e trabalhava oito horas por dia. Seu salário permitia que você vivesse de maneira digna. O que ocorreu de forma inevitável em uma economia de livre mercado é que as grandes corporações competem entre si para vender suas mercadorias, e competem com os preços. Como conseguir que o preço seja mais baixo que o da concorrência? Muito simples, pagando menos para os trabalhadores. (LOACH, 2019)[62]

No livro *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*, Ricardo Antunes (2020) analisa o cenário do mercado de trabalho britânico que implementou o *zero hour contract*, ou seja, o contrato de zero hora[63]. Nele, profissionais ficam à disposição da empresa, sem direitos sociais garantidos e carga horária definida.

> Quando há demanda, basta uma chamada e os trabalhadores e as trabalhadoras devem estar on-line para atender o trabalho intermitente. As corporações se aproveitam: expande-se a "uberização", amplia-se a "pejotização", florescendo uma nova modalidade de trabalho: o escravo digital. Tudo isso para disfarçar o assalariamento (ANTUNES, 2020, p. 25).

É interessante perceber como o diretor Ken Loach e o roteirista Paul Laverty

[61] Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/31/cultura/1572512849_607957.html>. Acesso em: 11 mar. 2021.

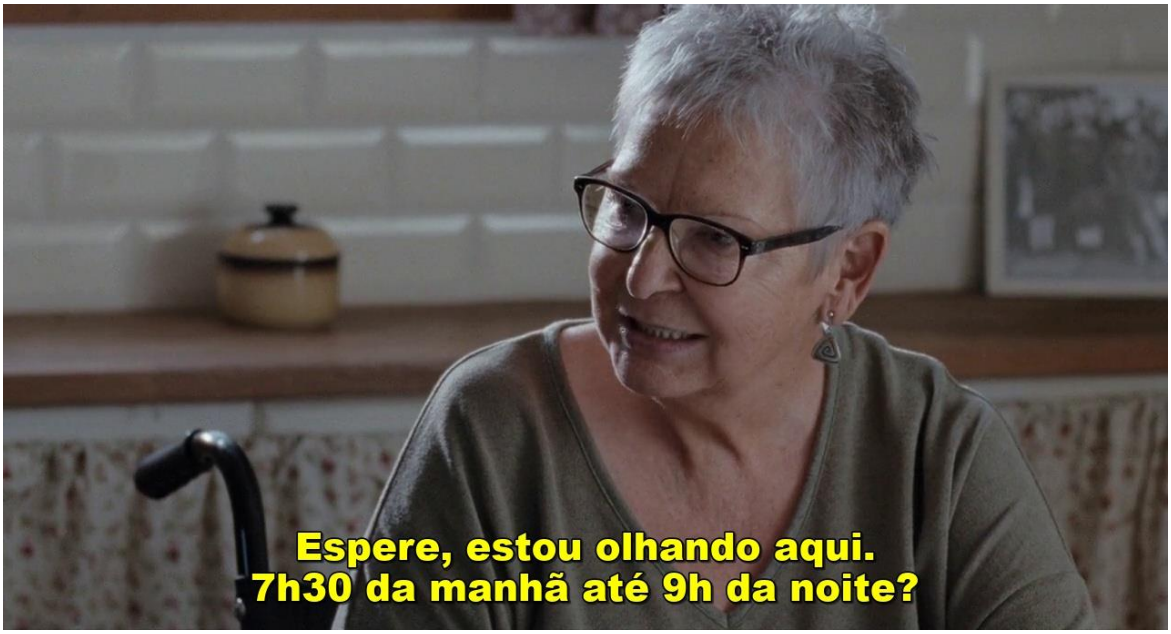
[62] Ibidem.

[63] Tradução de Ricardo Antunes (2020).

retrataram as agruras do capitalismo neoliberal britânico a partir de um diálogo aparentemente banal, despretensioso entre a cuidadora Abby e a idosa Mollie. Em um de seus atendimentos, vem à tona a rotina diária de Abby e seu contrato de trabalho.

Mollie pergunta à Abby que horas seria a sua próxima visita[64]. Abby afirma que tem um intervalo de duas horas para o próximo atendimento e que, por isso, poderia bater papo. O diálogo segue, e a idosa afirma que espera que ela seja paga pelas atividades que realiza. Abby conta que possui o contrato de "Zero Hora" e que pagam apenas pelas visitas. Mollie questiona o tempo que a cuidadora passa no transporte, e Abby afirma que é ela quem paga o custo da condução. Mollie fica surpresa com a informação e, ao olhar a planilha de visitas e verificar a extensa carga horária de trabalho de Abby, Mollie afirma, conforme imagem abaixo:

Figura 50 – Mollie fica indignada com a carga horária de trabalho de Abby



Fonte: Reprodução do Filme

Ainda durante o diálogo, a idosa questiona Abby sobre o que havia acontecido com a jornada de 8 horas. Entretanto, a pergunta de Mollie fica no ar, sem resposta. A cena termina, e a trama segue, apresentando outra questão do filme relacionada ao filho adolescente de Abby, Seb.

Como citamos, logo na abertura do longa Ken Loach (2019) já apresenta o protagonista, Ricky, na luta por uma oportunidade de trabalho. O cenário "vendido" pelo

[64] Cena em: 00: 37: 12

responsável do depósito, Maloney, é uma grande vantagem, uma liberdade para o motorista-entregador uberizado, visto que não teria a obrigação de bater ponto em um horário fixo, definido pela empresa. No entanto, precisava ficar disponível, como se essa situação fosse muito interessante e confortável.

Antes de abordamos outras questões apresentadas no longa-metragem que consideramos importantes de serem destacadas e analisadas no texto, apresentamos um fragmento da entrevista do roteirista do filme, Paul Laverty, concedida ao jornal *El País*, que resume a tônica do filme de Loach, conhecido diretor por "cutucar" e fazer críticas sociais ao modelo capitalista neoliberal no Reino Unido. "Nosso filme olha para o caos da vida dominada pela tecnologia. É sobre essa falsa ilusão de liberdade" [65].

Essa falsa ilusão de liberdade é retratada logo no início da narrativa audiovisual, quando Mahoney, responsável pelo depósito, afirma a Ricky que ele seria "mestre do seu próprio destino". Entretanto, com a evolução da estória, é possível notar que o mestre é outro: os algoritmos que controlam todos os passos do motorista-entregador uberizado, por meio de um *scanner*, seu "algoz" diário que o transforma em uma máquina, a qual deve apenas se preocupar com o fato de que as encomendas cheguem sãs e salvas no horário determinado pela tecnologia nas casas dos clientes. Se Ricky vai dormir ao volante por cansaço, não se alimentar, não ter tempo de ir ao banheiro e trabalhar 14 horas por dia, seis dias na semana, são situações irrelevantes, não interessam à selva do livre comércio. "Esse modelo de negócio de entregar tudo na casa das pessoas é irracional, prejudica as relações em comunidade, prejudica o meio ambiente. O capitalismo é mestre em esconder seu lado feio, em esconder a dor" (LAVERTY, 2020)[66].

Em se tratando de esconder a dor e o lado feio do capitalismo, consideramos importante trazer as contribuições do filósofo sulcoreano Byung-Chul Han (2017), um crítico veemente da forma com que o capitalismo organiza o trabalho, principalmente como assume, no neoliberalismo, a ideia do sujeito de desempenho e de que o indivíduo é livre para fazer suas escolhas.

> O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É o senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à

[65] Trecho da entrevista do roteirista Paul Laverty publicada no jornal *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-02-28/nosso-filme-olha-para-o-caos-da-vida-dominada-pela-tecnologia-e-sobre-essa-falsa-ilusao-de-liberdade.html>. Acesso em: 1 abr. 2021.

[66] Ibidem.

> liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam (HAN, 2017, p. 20-21).

Han (2017) esclarece que uma das armas do neoliberalismo é justamente forjar uma exploração que pareça liberdade, ou seja, uma forma de exploração sofisticada e difícil de combater. A perspectiva da positividade excessiva impera e defende a ideia de que, com vontade e foco, se consegue, já que tudo é possível pelo esforço individual.

Bauman chama nossa atenção para o avanço das tecnologias e o surgimento de novas formas de produção de bens e serviços dentro das sociedades globais: a passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo. Essa última faz a promessa:

> [...] de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua insatisfeito; mais importante ainda, quando o cliente não está 'plenamente satisfeito'. (BAUMAN, 2007, p. 63).

Ou seja, a não satisfação dos desejos desse indivíduo gera a infelicidade e a busca constante por novos produtos, sendo, assim, o volante da economia voltada ao consumidor.

Esse modelo de sociedade impulsiona as linhas de montagem, as lojas e, com a evolução das tecnologias digitais, possibilita as compras *on-line*, facilitando o acesso ao consumo, bem como a entrega desses itens no endereço solicitado, no conforto do lar ou no trabalho, por intermédio de entregadores uberizados. Nesse novo contexto, registra-se a ampliação da importância da tecnologia digital no início do século XXI com as nossas informações captadas por meio de "[...] redes que misturam o universo dos dados do mundo digital (coleta extrativista) com a esfera da vida social real, em meio às várias estruturas que se cruzam" (MORAES, 2020, p. 2). Tais estruturas são corporificadas pelas plataformas digitais, pelas redes sociais, que promovem a massificação do consumo de produtos, como os alimentícios, por exemplo.

Nesse cenário, novas modalidades do trabalho se materializam por meio da disseminação das ideias de que se trata de um "negócio próprio" ou da chance de que "eu seja meu próprio patrão"; algo como uma grande oportunidade, para atores sociais que necessitam de uma fonte de renda. Esses profissionais acabam renunciando ao convívio familiar, às relações sociais, à comensalidade cotidiana, para atender à voraz demanda determinada pelos donos da tecnologia. No discurso oficial, o sujeito desempregado, que luta para sobreviver, ao ingressar no mundo do trabalho uberizado, seria transformado em "empresário de si" ou "dono do seu próprio negócio", ou seja, um autêntico capitalista empreendedor.

Essa relevância das tecnologias influenciou, de forma avassaladora, o nosso cotidiano até mesmo monitorando nossos passos, a forma de consumo e nossos gostos por meio de algoritmos. Não é à toa, nem por coincidência, que aparecem em nossos *smartphones*, *notebooks* ou qualquer outra plataforma de acesso à internet, anúncios, sugestões de filmes, de notícias que têm relação com nossas buscas na *web*.

Paralelamente a esse contexto de avanço tecnológico, em cenários marcados por crises econômicas em âmbito mundial, o mercado de trabalho vem sendo fortemente impactado com fechamento de empresas, de vagas fixas, pelo surgimento de atividades temporárias com utilização de serviços terceirizados, uberizados (MORAES, 2020) e redução brutal de direitos trabalhistas, fenômenos que se tornaram comuns nos dias de hoje. Essa nova modalidade do trabalho (ANTUNES, 2020) é retratada no filme de Loach.

De acordo com o sociólogo Ricardo Antunes (2020), a uberização ocorre como uma camuflagem de relações assalariadas, que assumem a aparência do trabalho do empreendedor, do prestador de serviços, mas sem qualquer direito. São modalidades de trabalho intermitente, em que os profissionais são chamados e só recebem exclusivamente pelas horas trabalhadas.

Tom Slee (2017), no livro traduzido para a edição em português como *Uberização: a nova onda do trabalho precarizado*, começa suas reflexões sobre as promessas da Economia do Compartilhamento, apresentadas por volta dos anos de 2013, 2014, como uma excelente alternativa para atores sociais tomarem controle de suas vidas e se transformarem em microempresários. Além disso, ela era uma opção sustentável para o comércio, objetivando fazer melhor uso de recursos subaproveitados, ou seja, "podemos ser menos materialistas, dando sentido a nossas vidas mais pelas experiências do que pelas posses..." (SLEE, 2017, p. 35).

Discurso bonito na teoria, mas, na prática, a situação é bem diferente. Se a promessa era a liberdade desses sujeitos para que tomassem as rédeas das próprias vidas, a realidade é outra para aqueles que trabalham para essas companhias da Economia do Compartilhamento. Nelas, houve a retirada de proteções e garantias conquistadas depois de muita luta desses trabalhadores e o surgimento de subempregos arriscados e com condições precárias (SLEE, 2017).

Notamos essa modalidade do trabalho em sua nova roupagem e nomenclatura, a uberização, que atua por meio de novas tecnologias a substituírem velhas formas de exploração, situação muito bem captada e descrita pelo diretor britânico Ken Loach em sua narrativa fílmica. Portanto, agora o chefe é outro, invisível: a tecnologia corporificada em um *scanner* que traça trajetos, monitora cada movimento, cada parada, fixa prazos exíguos de

entrega de encomendas para esse profissional, explorado pela precisão e rigidez determinada em algum lugar.

Ricardo Antunes ressalta que, no capitalismo avançado, a tendência é que o processo de produção tenha cada vez mais a presença de robôs e máquinas digitais. Com isso, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são o suporte básico dessa nova etapa de integração real do trabalho ao capital.

> Como consequência dessa nova empresa flexível e digital, os intermitentes globais tendem a se expandir ainda mais, ao mesmo tempo que o processo tecnológico-organizacional-informacional eliminará de forma crescente uma quantidade incalculável de força de trabalho que se torna supérflua e sobrante, sem empregos, sem seguridade social e sem nenhuma perspectiva de futuro (ANTUNES, 2020, p. 40).

Já Muniz Sodré[67] analisa o mundo do espaço das redes, uma forma virtual de vida, denominada por ele de "bios virtual". Segundo o pesquisador, é como se a vida tivesse migrado literalmente para o virtual, gerando efeitos ocasionalmente caóticos em relação aos costumes e às instituições da sociedade civil. Essa imbricação – em que não sabemos onde começa o virtual e onde termina o material, intimamente relacionada à Quarta Revolução Industrial, fase na qual estamos inseridos na contemporaneidade – traz a vida controlada por algoritmos. "Essa georreferencialização é um dos principais instrumentos do domínio. Essa localização topográfica que o sistema hoje por meio desses instrumentos faz de cada um de nós: saber onde estamos" (SODRÉ, 2021).

No caso de *Você Não Estava Aqui*, há várias cenas em que Ricky, protagonista, motorista-entregador uberizado, corre para cumprir o horário de entrega determinado pelos algoritmos. Para atingir a meta, comer e ir ao banheiro são atividades que ficam em segundo plano em um dia com 14 horas de trabalho ininterrupto.

Interessante ressaltar que Loach e Laverty (2020) enfatizam, em vários momentos da trama, a presença da tecnologia, sua importância no cotidiano desses trabalhadores como uma aliada, uma facilitadora das atividades. Não estamos aqui para desmerecer a contribuição que a tecnologia trouxe às nossas vidas, muito pelo contrário, é uma realidade palpável. Ela foi criada pelo homem para agilizar processos, ser uma aliada, mas, com o passar do tempo, o sujeito concedeu "poderes" a ela que vão muito além de uma parceria de sucesso.

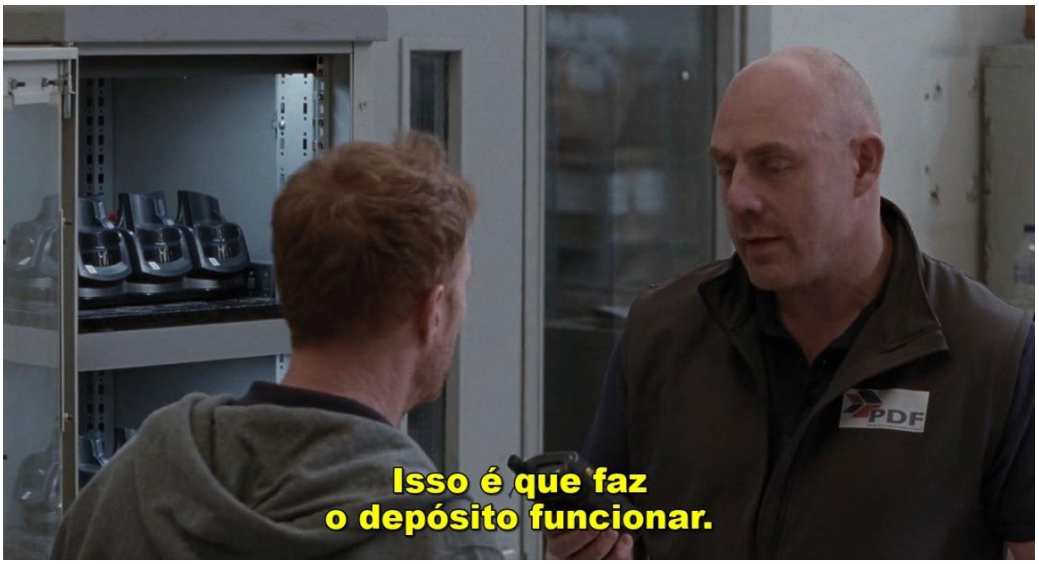
---

[67] Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, autor de cerca de 40 livros publicados nas áreas de Comunicação e Cultura, em Aula Magna intitulada "Espaço e Sociabilidade", proferida de forma virtualizada no dia 18.03.2021 ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://www.facebook.com/PosGraduacaoemGeografiaUFF/videos/291262635692175>. Acesso em: 11 abr. 2021.

Logo no início do filme, por volta dos 9 minutos, a tecnologia aparece como protagonista corporificada em um *scanner*, aparelho que monitora cada passo do motorista-entregador uberizado. Ele é "vendido" pelo responsável do depósito, Maloney, como um grande aliado, um facilitador do trabalho cotidiano, conforme trecho retirado do longa-metragem:

> Isso é que faz o depósito funcionar. Você usará esse *scanner*, está bem? É precioso e muito caro. Se perder, vai ter que pagar. Cuide dele, e ele cuidará de você. Depois de *scanear* um pacote e colocar na van, ele é seu. Estará no sistema. Poderemos rastreá-lo por cada esquina daqui até a porta da casa. Esta coisa até planeja a rota para você. É brincadeira de criança[68] (MALONEY, 2020).

Figura 51 – Ricky recebendo pela primeira vez o *scanner*: controle constante



Fonte: Reprodução do filme

Interessante ressaltar que há uma preocupação constante em demonstrar, ao longo da narrativa audiovisual, o protagonismo da tecnologia sobre a atividade humana. Isso pode ocorrer por meio do monitoramento dos trabalhadores ou da rotina da circulação de mercadorias desde o depósito da *PDF* até a casa do cliente.

Na imagem abaixo, um profissional escaneia o código de barras do envelope antes de colocar em sua *van*. Depois dessa ação, ele é o responsável pela entrega da encomenda na casa do cliente. Se algo der errado no meio do caminho e a mercadoria não tiver seguro, o motorista-entregador uberizado terá que arcar com o prejuízo e ressarcir o cliente. Dessa forma, o monitoramento do trabalhador uberizado começa já no depósito da transportadora.

---

[68] Cena em: 00: 09: 23

Figura 52 – Motorista-entregador uberizado escaneia uma encomenda

Fonte: Reprodução do Filme

Em vários momentos da trama, Ricky, protagonista do longa-metragem, aparece com o *scanner* nas mãos, preocupado em atender a todas as solicitações impostas pelos clientes por meio de algoritmos, como a escolha do local para a entrega de uma encomenda: no jardim de casa ou na entrada de serviço. Na foto a seguir, Ricky acompanha quase que "hipnotizado" os comandos da máquina.

Figura 53 – Ricky correndo com o *scanner* na mão para tentar cumprir o prazo de mais uma entrega: escravo digital.

Fonte: Reprodução do filme

Durante a entrevista ao jornal *El País*, o roteirista Paul Laverty, conhecido pelos seus filmes de crítica social ao lado do amigo Ken Loach, afirma que seu objetivo, com a produção audiovisual, foi instigar o poder institucionalizado.

> As histórias ajudam as pessoas a enxergar as coisas, mas as coisas só mudam quando as pessoas têm acesso ao poder. Meu objetivo é fazer filmes que desafiam o poder. Infelizmente, a maioria dos filmes a que assisto só reforçam o poder, reproduzem estereótipos, glorificam a riqueza. É preciso um cinema que desafie o poder de um modo radical (LAVERTY, 2020)[69].

Pelo visto, Paul Laverty conseguiu despertar a atenção do público para essa uberização da vida humana retratada na narrativa audiovisual, vivenciada por indivíduos britânicos que perderam o emprego depois da crise econômica de 2008. Em um dos trechos da entrevista ao *El País*, Laverty se alegra pela repercussão que seu trabalho despertou no público. "Tem gente que veio me dizer: 'Poxa, agora eu ofereço um copo de água quando alguém vem fazer uma entrega na minha casa, pergunto se a pessoa quer usar o banheiro" (LAVERTY, 2020) [70].

É importante destacar que o percurso metodológico adotado neste capítulo da tese está detalhadamente apresentado e referenciado no item 2, intitulado Metodologia, disponível a partir da página 27.

4.3 Comida em trânsito

O trabalho excessivo, exaustivo, mal remunerado, exíguo de direitos, mas repleto de deveres para Ricky, reflete diretamente nas suas relações familiares, que vão se desgastando no desenrolar da trama. É importante ressaltar que a comida ou vestígios dela em pratos espalhados pela casa, em um pacote aberto com *snack* em cima da mesa, na fala apressada de Abby deixando recado no celular da filha Liza (interpretada por Katie Proctor) para que aqueça o macarrão no micro-ondas (enquanto corre pela cidade entre os atendimentos como cuidadora de idosos), são apenas breves exemplos da presença da comida em segundo plano, ela não é a prioridade. Ela é tão fria, insossa, sem cor, "sofrida" quanto a vida de seus protagonistas.

A comida segue o ritmo acelerado das tecnologias, serve para "enganar" o estômago. É uma comida em trânsito, "algoritmizada". Nesse sentido, têm destaque quatro cenas de

[69]Trecho da entrevista do roteirista Paul Laverty publicada no jornal *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-02-28/nosso-filme-olha-para-o-caos-da-vida-dominada-pela-tecnologia-e-sobre-essa-falsa-ilusao-de-liberdade.html>. Acesso em: 2 abr. 2021.

[70] Ibidem.

diferentes possibilidades e nuances de comensalidade presentes na obra como signos daquilo que se passa na vida dos personagens, das relações sociais que o diretor Ken Loach apresenta no longa-metragem.

4.3.1 Cenário 1 – Sobras de comida misturam-se ao cotidiano atribulado

Liza, filha do casal Ricky e Abby, acorda durante a noite[71], vai até a sala e encontra os pais dormindo no sofá. A televisão está ligada com som alto. Liza retira da mesa de centro os pratos com sobras de comida. Ao redor, há uma caneca com a inscrição *Dad*, vários papéis espalhados com anotações, uma lapiseira, uma calculadora e uma caixa de "sapatos" cheia de pedaços de papéis.

A comensalidade confunde-se ao cotidiano atribulado, com a vida corrida desses atores sociais em que sobras de alimentos, cálculos e outros objetos ocupam o mesmo espaço. Esse ambiente expressa os modos atribulados de comer desses sujeitos, dessa vida em que o trabalho absorve todo o tempo dos protagonistas do filme, que mal conseguem se encontrar com os filhos e acompanhar seu desenvolvimento.

A sala desarrumada, o sofá que se transforma em cama, a comida improvisada que aparenta pedaços de pizza... Vencidos pelo cansaço, Abby e Ricky acabam dormindo ali mesmo. Enquanto Liza junta as sobras de alimento em um único prato, leva até à cozinha, volta para desligar a televisão e pegar as canecas, o pai acorda. Já passa das 23 horas. Ricky chama a menina para ficar ao seu lado, dizendo: "Venha se aconchegar, meu bebezinho.". Após um momento de descontração, a cena se encerra com Ricky abraçando a filha no sofá em *fade out*[72]. É hora de tentar descansar um pouco, porque, em poucas horas, um novo dia atribulado e corrido, guiado e controlado pela tecnologia, vai começar.

[71] Cena em: 00: 23: 49

[72] *Fade out* consiste no desaparecimento gradual da visibilidade de uma imagem no fim de uma determinada sequência. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/fade+out>. Acesso em: 7 mai. 2021.

Figura 54 – Ricky e Liza abraçados: breve momento de pausa

Fonte: Telecine.

4.3.2 Cenário 2 – Momento de tensão à mesa

O tempo gasto com o trabalho – 14 horas por dia, seis dias na semana – não permite que os pais consigam conviver com os filhos adolescentes, tampouco acompanhar suas rotinas e dificuldades. Em vários momentos da trama, Abby, cuidadora de idosos, aparece andando pela cidade a pé, de ônibus, correndo entre um atendimento e outro, para cumprir a exaustiva carga de trabalho e se comunica com os filhos durante os trajetos, apenas por meio de mensagens no celular, conforme imagem abaixo.

Figura 55 – Enquanto o ônibus não chega, Abby passa mensagem para a filha Liza.

Fonte: Reprodução do filme

Em dado momento do filme, Ricky abre a mochila do filho adolescente Seb que está sobre a mesa de refeições da casa e começa a tirar várias latas de *spray* para grafite[73], uma a uma, enquanto o filho come *snack*. Na mesa, há quatro aparadores de pratos e um copo vazio. Ricky retira todas as latas da mochila, totalizando oito, fica visivelmente impressionado e questiona o jovem como ele conseguiu adquirir o material que utilizava para fazer pichações pela cidade.

Figura 56 – Ricky tira latas de spray da mochila de Seb.

Fonte: Reprodução do filme

[73] Cena em 00: 39: 14.

A princípio, Seb diz que todos os colegas contribuíam, mas a mãe interfere na conversa e pede para que ele fale a verdade. Seb argumenta que, se dissesse, o pai enlouqueceria. Entretanto, Abby reitera que o filho deveria dizer apenas a verdade. Seb, com uma mão no rosto e a outra sobre a mesa com o pacote de *snack* aberto à sua frente, afirma: "Vendi minha jaqueta de inverno" [74]. Quando o pai percebe que era aquela jaqueta cara, de marca, se levanta da cadeira irritado e xinga. A mãe entra na cena, se senta ao lado do filho e diz que a jaqueta tinha custado uma fortuna e que não teria condições financeiras de comprar outra.

A partir daí, a mesa se transforma em espaço de discórdia. Ofensas de pai para filho e vice-versa fazem parte da discussão. Ricky pergunta a Seb se tem ido à escola. O jovem nem responde, apenas balança os ombros de forma desleixada, como se não se importasse. Ricky continua: (voz em *off*) "Quantos dias você faltou no último mês?"[75]. Seb não responde novamente ao pai, apenas gesticula com a mão e com os ombros em atitude de desprezo.

Ricky diz que não sabe o que está acontecendo com o filho, que era inteligente como a irmã Liza, que era o melhor da classe. Abby menciona a possibilidade de o filho estudar em uma universidade.

O comportamento de Seb demonstra sua incredulidade em um futuro promissor, que seja construído com base no seu próprio esforço, em um país com a economia desenvolvida e moeda forte. Essa desesperança por dias melhores não faz parte apenas do cenário britânico. No Brasil, a falta de oportunidades de trabalho e de estudo assola os jovens, principalmente os mais pobres, que, muitas vezes, precisam abandonar os estudos para ajudar no sustento da casa em atividades mal remuneradas e de trabalho informal.

As ações de rebeldia contra o sistema capitalista neoliberal do Reino Unido estão no discurso de Seb, que, além de fazer pichações pela cidade – denominadas por ele de "anúncios" contra propagandas que estimulam o consumo de indivíduos que não têm condições financeiras –, não acredita na importância de fazer um curso de nível superior [76]. "Para quê? E ficar como o irmão do Arpão? Com dívidas? E trabalhar em um *call center* e ficar bêbado nos fins de semana para esquecer os problemas? Claro." – afirma Seb, em tom irônico.

---

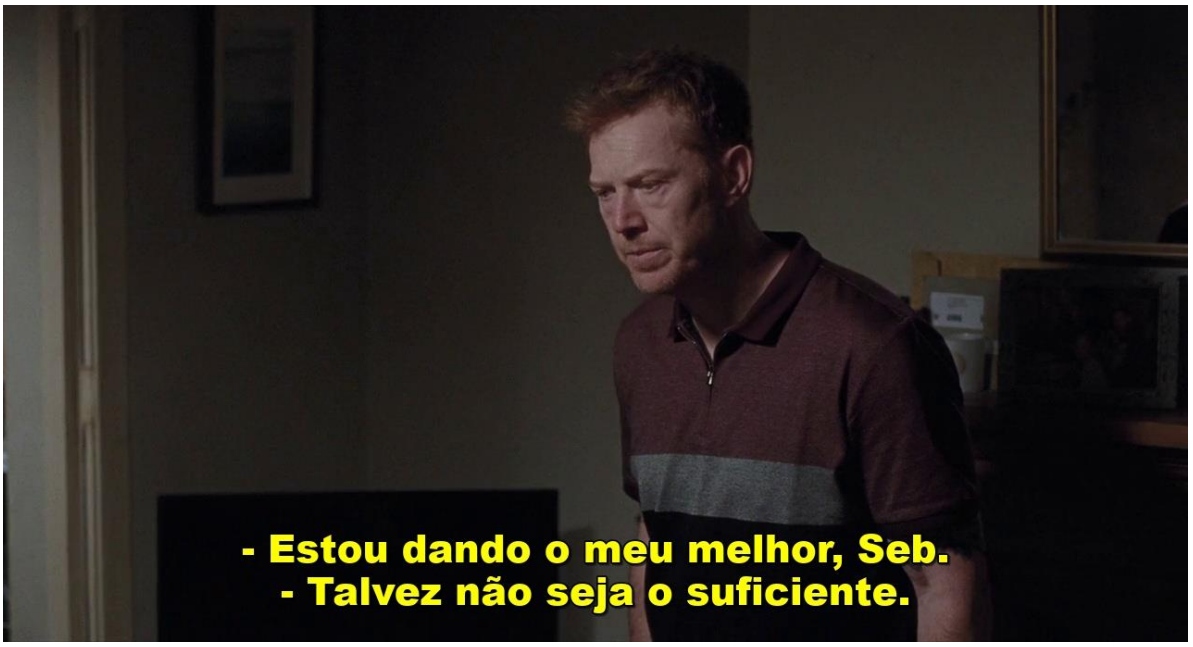
[74] Cena em 00: 39: 44.

[75] Cena em 00: 40: 22.

[76] Cena em: 00: 40: 55.

O desentendimento entre pai e filho avança na cena. Ricky afirma que, não necessariamente, a situação se repetiria com ele, que existiam bons empregos, bastava que se empenhasse, que precisaria se dar uma chance, "[...] Caso contrário, você vai acabar como... Bem, eu não sei..."[77]. Seb retruca que não quer seguir o caminho trilhado pelo pai. Então, Ricky responde: "Sim! Trabalhando em empregos 14 horas por dia, tendo que aturar merda de todo mundo. Pulando de um emprego ruim para outro. Vai acabar como um servente."[78]

Figura 57 – Desentendimento entre Ricky e o filho Seb vira rotina



Fonte: Reprodução do Filme

Nesse trecho da narrativa fílmica, a discussão sobre as difíceis condições do trabalho trazida pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1999) sinaliza o objetivo de iluminar as raízes e consequências sociais do processo globalizador. Na perspectiva de Bauman, a globalização promovida pelo neoliberalismo significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação. No livre mercado neoliberal plenamente desregulado, os direitos sociais são substituídos, um a um, pelo dever individual do cuidado consigo mesmo e de garantir a si mesmo vantagem sobre os demais.

Entre as pessoas que vivem migrando de um projeto para outro, como é o caso de Ricky, ou seja, de atores sociais cujos processos de vida são desmembrados em projetos de curta duração, não há tempo para que descontentamentos difusos se encaminhem para a busca

[77] Cena em: 00: 41: 17.

[78] Cena em: 00: 41: 31.

por um mundo melhor. Esses sujeitos seguem na busca individual por melhores condições de vida e trabalho, sem se importarem com a possibilidade de uma melhora para todos. Não existe projeto coletivo, é cada um por si. Também não há espaço nem tempo para uma visão de sociedade mais justa (BAUMAN, 2005).

Retornando à cena do filme, após o desentendimento com o pai, Seb se levanta e vai para a rua. Abby permanece sentada à mesa. Ela chora, em meio ao pacote de *snack* aberto, às latas de *spray*, a um copo vazio e a apoiadores de pratos desalinhados.

Figura 58 – Abby fica desolada depois do desentendimento entre Ricky e Seb

Fonte: Reprodução do Filme

Com relação à paleta de cores, a cena apresenta os personagens com roupas em tons escuros, predominantemente o marrom. Paredes com a pintura manchada e desbotada pelo tempo retratam um ambiente mal-conservado, que remete também às dificuldades financeiras vivenciadas pela família.

Interessante ressaltar que o diretor Ken Loach e o roteirista Paul Laverty se preocupam com os detalhes na construção do longa-metragem desde a perspectiva cromática, a iluminação sombria, a presença de porta-retratos de memórias afetivas, como fotografias dos filhos ainda pequenos estrategicamente posicionadas na sala de jantar. A mesa, que idealmente é um local de encontro, de reunião, de comensalidade entre famílias, se transforma em espaço de discórdia, de conflito, de tristeza, sendo um reflexo da vida sofrida, triste, automática dessas pessoas, que vivem para trabalhar, em vez de trabalharem para viver.

> [...] Na longa história da atividade humana, em sua incessante luta pela sobrevivência e felicidade social (presente já na reivindicação do *cartismo*, na Inglaterra do século XIX), o trabalho é também uma atividade vital e omnilateral. Mas, quando a vida humana se resume exclusivamente ao trabalho – como muitas vezes ocorre no mundo capitalista e em sua sociedade do trabalho abstrato –, ela se converte em um mundo penoso, alienante, aprisionado e unilateralizado (ANTUNES, 2020, p. 28).

De acordo com o filósofo Byung-Chul Han (2015)[79], vivemos em uma sociedade marcada pelo lema: "Sim, nós podemos.", fazendo uma analogia ao discurso do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Nessa perspectiva, há uma sensação inicial de liberdade, de sermos os únicos responsáveis pelas nossas escolhas, pelo nosso destino. Essa situação é "vendida" e defendida pela performatividade neoliberal (SAFATLE E DUNKER et al., 2021), que cria um modo de existência, uma nova subjetividade, pela lógica do empreendedorismo, o que, no final das contas, se transforma em autoexploração.

> "Sim, você pode" cria uma sensação de liberdade apenas no início. Aqueles que não conseguem alcançar algo ficam deprimidos, envergonhados, retraídos, se sentem culpados por seus fracassos, buscam a culpa dentro de si e não na sociedade. [...] O empresário é livre na medida em que não está sujeito às ordens de outros, mas ele não é realmente livre, pois explora a si mesmo. E a autoexploração é naturalmente muito mais eficiente do que a exploração por outros. Essa é a lógica da sociedade de conquistas e do neoliberalismo. A exploração é anunciada como liberdade (HAN, 2015)[80]

É interessante ressaltar que o neoliberalismo prega intervenções precisas na configuração dos conflitos sociais e na estrutura psíquica dos sujeitos (SAFATLE E DUNKER et al., 2021). Ou seja, mais do que um paradigma econômico, é uma interferência orquestrada que visa mitigar possibilidades de antagonismos que atrapalhem a visão da liberdade do indivíduo relacionada ao empreendedorismo e à livre-iniciativa (SAFATLE E DUNKER et al., 2021). Esse esvaziamento tem como objetivo fazer com que os atores sociais não questionem o paradigma neoliberal e se percebam apenas como operadores de performance (SAFATLE E DUNKER et al., 2021).

4.3.3 Cenário 3 - Entre encomendas e sanduíches

[79] Documentário *Sociedade do Cansaço*, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbPvH515KoY&t=2412s>. Acesso em 24 out. 2021.

[80] Idem.

Liza vai trabalhar com o pai em um sábado. A adolescente acompanha a árdua corrida e a rotina exaustiva de sua atividade. Loach e Laverty (2019) retratam a questão da georreferencialização, do monitoramento e do controle dos algoritmos por meio das falas dos personagens.

Em uma das cenas[81], Liza Jane está na *van*, no trajeto para mais uma entrega, quando começa a acessar as funcionalidades do *scanner* que envia mensagem, faz ligação, fotografa, digitaliza, assina e entra em contato com o cliente. Ela, então, pergunta ao pai Ricky se há outras funções no equipamento. O motorista-entregador uberizado afirma que o aparelho bipa, bipa muito, até se ele ficar fora do carro por apenas dois minutos. É a vida georreferenciada por algoritmos como bem ressalta Sodré (2021)[82].

Figura 59 – Liza Jane verifica as funções do *scanner*

Fonte: Reprodução do filme

É importante salientar também que, na sociedade de plataforma, a comunicação é uma necessidade e fundamental matéria-prima para o trabalho, desenvolvido por meio da utilização da internet e das plataformas das grandes empresas globais (COSTA, 2020). Na narrativa fílmica de Loach, percebemos claramente sua alusão à Amazon, uma das cinco gigantes (Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft) responsáveis pelo oligopólio de informação e comunicação na contemporaneidade.

[81] Início em: 00: 43: 56.

[82]Trecho da palestra de Muniz Sodré na Aula Magna de 2021.1 do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFF (POSGEO/ UFF), realizada de forma virtualizada no dia 18. 03. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/PosGraduacaoemGeografiaUFF/videos/291262635692175. Acesso em 11 abr. 2021.

Figura 60 – Ricky e Liza correndo para cumprir o horário dos algoritmos: monitoramento maquínico

Fonte: Reprodução do Filme

Depois de, literalmente, correr para fazer entregas, seguindo a determinação de horário dos algoritmos, corporificados em um *scanner*, Liza e Ricky param para comer algo. Pai e filha ficam sentados na beirada da *van*, de costas para vários pacotes que ainda precisam ser entregues, apreciando uma bela paisagem formada por montanhas.

Figura 61 – Liza e Ricky em um raro momento de comensalidade: entre uma entrega e outra

Fonte: Reprodução do filme

No cardápio, apenas sanduíches para engolir a seco, enganar o estômago e continuar o trabalho que ainda estava longe de terminar. Nesse breve momento de comensalidade, ainda mastigando, Ricky propõe um jantar diferente em família: "Que tal comida indiana? Sua mãe está de folga hoje". [83] Liza concorda. O pai brinca e pede à filha que pague com a gorjeta que recebeu dos clientes. Liza prontamente nega a proposta e ri.

A narrativa audiovisual retoma um dos assuntos discutidos na trama, como no Cenário 2 deste trabalho: a relação conturbada e difícil com o filho adolescente, Seb, em que Ricky[84] pede à filha que ligue para o irmão, pergunte o que ele gostaria de comer e o convença a ficar em casa naquela noite.

Nesse momento de diálogo, Liza abre o coração[85] e afirma que queria que o pai não precisasse lutar tanto. Ricky se emociona, fica com os olhos marejados e concorda com a filha. Liza agradece o ótimo dia e pergunta se poderia ir novamente. Ricky afirma que sim.

Percebemos, nesse trecho da cena, o momento de encontro entre pai e filha; a comensalidade está ali presente, em meio a sanduíches comidos a seco, sem a presença de uma mesa posta, bem-arrumada, com comida farta. Ao contrário, não há mesa, nem comida saudável, do ponto de vista nutricional. Não há cadeiras, ambos estão sentados na beirada da carroceria da *van*, não há sala de jantar. Ainda assim, sob a paisagem formada por montanhas, é nesse breve momento de pausa que a comensalidade como encontro de sujeitos acontece, como se a aceleração contemporânea entrasse num modo mais lento (SANTOS, 2008), em que as situações realmente importantes da vida ocupassem seu espaço.

[83] Cena em: 00: 48: 45.

[84] Cena em: 00: 48: 58.

[85] Cena em: 00: 49: 09.

Figura 62 – Na correria para atender os algoritmos, a comida (sanduíche) fica em segundo plano

Fonte: Reprodução do filme

No entanto, em meio à breve pausa na rotina cotidiana, as exigências do trabalho voltam à carga com o som do Bip do *scanner*. "Bipam a cada dois minutos", lembra Liza[86]. Ricky afirma que poderiam esperar. Vale lembrar que as primeiras cenas da trama, já mencionadas neste capítulo, acontecem no escritório do encarregado da empresa de transportes PDF[87], em que Maloney apresentava a rotina do trabalho bem diferente da realidade.

Flexibilidade de horário, ausência de metas, promessa de liberdade... Informações sedutoras e enganosas para quem está desesperadamente em busca por uma oportunidade de trabalho. Sennett (2003) traz reflexões em relação ao capitalismo flexível, em que se enfatiza a flexibilidade, a agilidade dos trabalhadores em função de mudanças em curto prazo. Segundo o autor, o discurso do individualismo ataca a burocracia rígida e enfatiza o risco, a maleabilidade, teoricamente dando às pessoas mais flexibilidade para moldar suas vidas. Ocorre que a nova ordem impõe novos controles, em vez de simplesmente abolir as regras do passado. As regras são mais rígidas, as ferramentas de controle mais sofisticadas e as perdas de direitos trabalhistas conformam o pano de fundo.

Nesse sentido, a expressão capitalismo flexível enfatiza a flexibilidade dos horários e ambientes de trabalho, mas amplia os mecanismos de controle e a responsabilização nas

[86] Cena em: 00: 49: 32

[87] PDF significa *Parcels Delyvered Fast!*

conquistas de objetivos e metas. Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam sempre abertos a mudanças em curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais. Ou seja, menos direitos, mais trabalho mal remunerado, consequentemente, mais lucros a seus investidores e executivos e criação de bons empregos para engenheiros de programação e profissionais da área de marketing. Essas são as características das empresas que adotaram a Economia do Compartilhamento (*sharing economy*), também chamada de economia dos bicos (*gig economy*) ou, muito utilizada atualmente, economia sob demanda (*on-demand economy*), como esclarece Slee (2017).

4.3.4 Cenário 4 – Comida Indiana: "Separa os homens dos garotos"

Um sábado à noite diferente... Após um dia de trabalho exaustivo e corrido ao lado da filha, Ricky faz uma surpresa à esposa Abby: um jantar regado à comida indiana. Durante o longa, essa é a única cena em que a mesa é utilizada com sua função principal: a realização de refeições, com a presença de toda a família reunida, em um momento de descontração e alegria, em que o assunto é a comida; único momento de protagonismo do alimento. Há o compartilhamento da comida, inclusive com as mãos, entre Ricky, Abby e os filhos adolescentes.

O diálogo nesse jantar parte do filho Seb: "Pai, você está certo. Isso é uma delícia. Como se chama?"[88]. Ricky responde: "Korma[89].[...] Fica ótimo no Vindalho[90]. Sim, separa os homens dos garotos. Tem que ser duro na queda para aguentar essas coisas". Foi Ricky terminar de falar, que logo sentiu os efeitos da comida queimando sua boca, causando estranheza em seu paladar.

Rick refere-se à comida indiana bem temperada, com muitas especiarias, picante – características da culinária asiática –, bem diferente da cozinha inglesa, mais marcada pela ausência de sal. Essas diferenças e diversidades no preparo da comida possibilitam excelentes trocas culturais, identitárias em que a comida é a protagonista.

Montanari (2013) afirma que o gosto é um produto cultural, ou seja, a sua definição faz parte do patrimônio cultural das sociedades. O autor avança e apresenta duas definições diferentes do termo gosto.

---

[88] Cena em: 00: 49: 54.

[89] Korma é um prato típico indiano de carne ou legumes braseados com iogurte ou creme, caldos e especiarias para o preparo de um molho espesso.

[90] Vindalho é um prato de origem indo-portuguesa, preparado com carne marinada e molho picante.

> Uma é aquela do ‘gosto’ entendido como sabor, como sensação individual da língua e do palato; experiência, por definição, subjetiva, fugaz, incomunicável. [...], mas o ‘gosto’ também é saber, é avaliação sensorial do que é bom ou ruim, do que agrada ou desagrada” (MONTANARI, 2013, p. 96).

O autor ressalta que o gosto é uma experiência cultural transmitida desde o nascimento dos indivíduos, que, com outras variáveis, apoiam na definição de valores de uma sociedade. Daí esse estranhamento de Ricky em provar a comida indiana, que possui características bem diferentes das que seu gosto está acostumado a identificar[91].

Figura 63 – Breve momento de alegria em família regado à comida indiana

Fonte: Internet

Entretanto, a conversa descontraída e o momento de alegria que a comida proporciona no sábado à noite são interrompidos por uma mensagem no celular de Abby: “É Mollie, uma das idosas. Estava em um casamento. O táxi a levou para casa e acharam que o cuidador iria. Ninguém foi.” [92]

[91] De acordo com Massimo Montanari (2008), o órgão do gosto não é a língua, mas o cérebro, órgão culturalmente determinado.

[92] Cena em: 00: 50: 30.

Figura 64 – Nem no sábado de folga, Abby consegue jantar com calma com a família

Fonte: Reprodução do Filme

Ricky questiona por que ela não chama a família. Abby argumenta que não tem o contato. Ele pergunta se não há ninguém de plantão para acudir a idosa. Abby afirma que ninguém responde, que a idosa está presa há três horas na cadeira, sem conseguir ir ao banheiro ou para a cama, e coloca o celular no bolso de trás da calça. Ricky e Seb não concordam com a situação. Abby, porém, se sensibiliza com o problema da idosa. "Se eu não for, não dormirei. Vou pegar um táxi." [93]

Vale ressaltar que Abby estava de folga, não era sua obrigação atender à mensagem e muito menos sair de casa para ajudar a idosa. A questão financeira foi deixada de lado, já que ela não ia receber pelo atendimento, e a solidariedade falou mais alto. Mesmo em uma vida tão dura, sobrecarregada de trabalho, penosa, Abby se comove e abandona o exíguo convívio familiar para atender ao chamado.

Durante a entrevista concedida ao jornal *El País*, Ken Loach comentou seu trabalho de imersão para tentar compreender a realidade de indivíduos que iria retratar na tela, como as cuidadoras de idosos.

> As pessoas que vamos conhecendo na vida são as que nos servem de inspiração. Para onde quer que você olhe, há tantas histórias para contar, e o mais maravilhoso é poder contá-las. Durante a preparação deste filme, conhecemos mulheres que cuidavam de idosos com uma generosidade e um carinho muito maior do que aquilo

[93] Cena em 00: 50: 56.

que lhes pagavam. (LOACH, 2019) [94]

Podemos inferir que a pesquisa realizada por Loach e sua equipe, utilizando instrumentos de análise etnográfica, possibilitou um novo olhar para as margens, ao avesso dos valores estabelecidos, em que o reprimido se torna portador de sentido. Essa é a visão da Escola dos Annales, que permitiu mudanças e inovações no discurso, tendo como fundadores Marc Bloch e Lucien Febvre (1920).

Essa Nova História concentra-se na busca das tradições, ao valorizar o tempo que se repete, nas voltas e reviravoltas dos indivíduos, abandonando os movimentos voluntaristas de mudança em direção à memória cotidiana das pessoas comuns (DOSSE, 2003). A preocupação com os estudos da história econômica, social, globalizante é abandonada, colocando-se, em seu lugar, um viés cultural, simbólico, em que a importância se encontra nas histórias miúdas, na sociedade fragmentada, em situações banais, sendo interessantes instrumentos para se tentar compreender o dia a dia de um determinado grupo social.

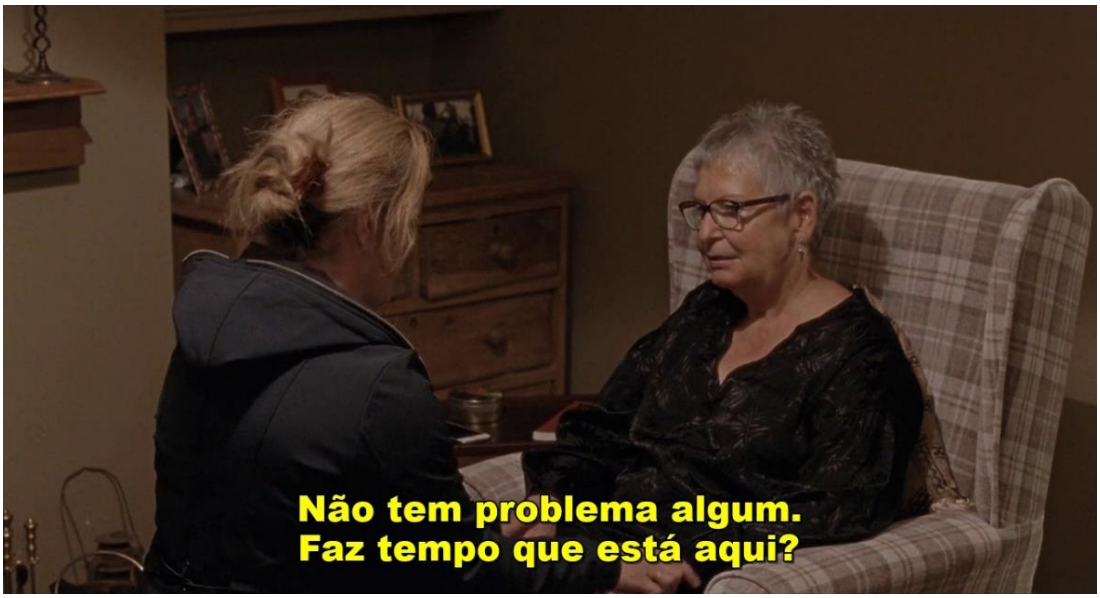
Esse carinho das cuidadoras de idosos que Ken Loach percebeu durante seu trabalho de pesquisa, conseguiu retratar na personagem de Abby, que, apesar da vida cansativa, corrida, sofrida que passa, andando de ônibus por toda a cidade, de um endereço para outro, não perde a delicadeza e o cuidado com as idosas, como foi o caso de Mollie, que lhe pediu ajuda por ter problemas de locomoção: “Abby, estou feliz em vê-la. Mas lamento ter que te ligar no sábado à noite.” [95]

---

[94] Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/31/cultura/1572512849_607957.html>. Acesso em 30 mar. 2021.

[95] Cena em: 00: 52:09

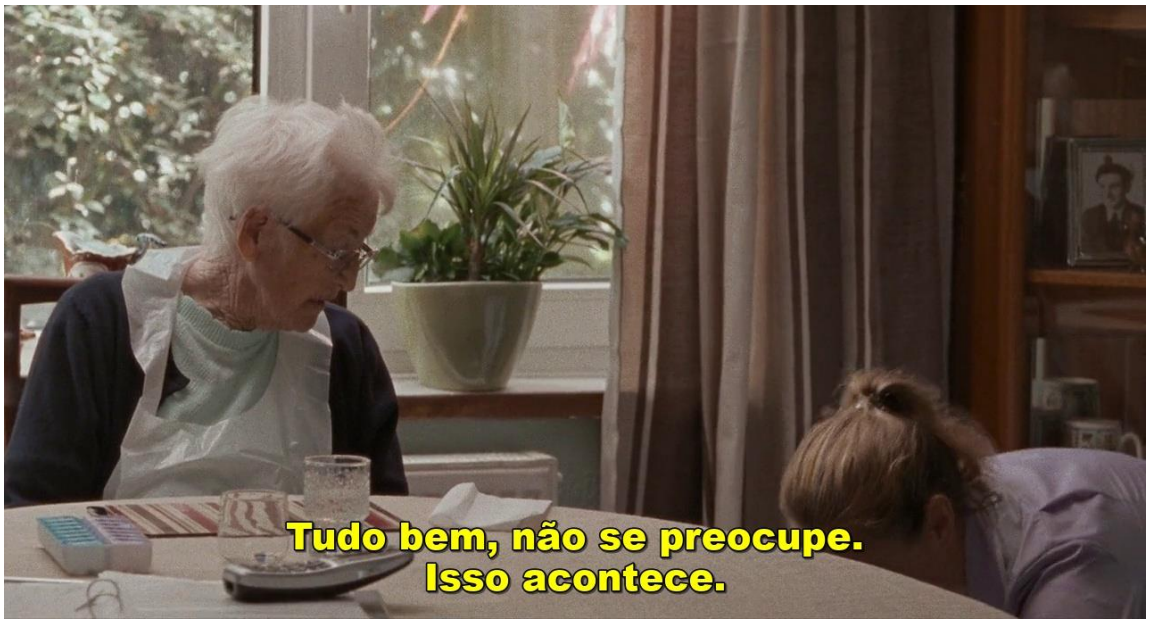
Figura 65 – Abby chega à casa de Mollie para ajudá-la em uma noite de folga



Fonte: Reprodução do Filme

Esse é apenas um exemplo em que a narrativa fílmica de Loach (2019) apresenta o profissionalismo, a dedicação e a amorosidade de Abby para com as idosas. Em outro trecho do longa, há uma cena em que prepara o jantar para Rosie, outra idosa para quem ela faz atendimento domiciliar. Rosie pergunta se ela poderia pentear o seu cabelo, mas Abby diz que não tinha tempo naquele dia. Após a negativa, enquanto Abby se distrai, preenchendo a planilha com as atividades que realizou, a senhora derruba o prato cheio de comida no chão. Abby, pacientemente, pega um pano e limpa tudo.

Figura 66 – Rosie derruba o prato depois da negativa de Abby



Fonte: Reprodução do filme

A película do diretor britânico Ken Loach possibilita a análise e a reflexão sobre diversos temas contemporâneos. Todas as vezes que assistimos à produção audiovisual, encontramos novas nuances, novas perspectivas da narrativa e percebemos o cuidado de Ken Loach e do roteirista Paul Laverty em cada detalhe.

Neste capítulo da tese, tivemos como foco dois recortes específicos: a questão do trabalho mediado pelas plataformas com a precarização de direitos trabalhistas e sociais no Reino Unido e a análise de quatro cenas de comensalidade apresentadas no filme. A seguir, partimos para o cenário brasileiro, tendo como objeto de análise o episódio 1 da série *Motoboys: os Heróis da Quarentena*, protagonizado pelo *motoboy* paulistano Jackson Faive.

5 “CADÊ APLAUSO PÁ NOIZ, JOW? CADÊ? EU QUERO VÊ, MANO”. O IMAGINÁRIO DOS ENTREGADORES DE APLICATIVO DURANTE A PANDEMIA NO EPISÓDIO 1 DE *MOTOBOYS: OS HERÓIS DA QUARENTENA*

5.1 Com vocês, Jackson Faive!

Neste capítulo, analisaremos o episódio 1 da série *Motoboys: Os Heróis da Quarentena*, protagonizado pelo *motoboy* paulistano Jackson Faive, interpretado pelo humorista Marco Luque. O nome Jackson Faive foi escolhido por Luque, tendo como inspiração a banda Jackson, incluindo um sobrenome. O humorista, formado em Artes Plásticas pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), explica o processo criativo e a escolha do nome do personagem. "A galera mais simples tem essas referências, esses nomes mais complicados e pegam os nomes dos artistas. Por isso, eu resolvi criar o Jackson Faive com base nisso”.[96]

A primeira aparição de Jackson Faive foi no projeto “Terça Insana”, idealizado pela atriz e diretora Grace Gianoukas. No espetáculo, nasceram personagens marcantes da carreira de Marco Luque, como o taxista Silas Simplesmente, a diarista Mary Help, Jackson Faive, entre outros. [97]

Depois do sucesso no teatro, Luque foi chamado pela Rádio Mix para apresentar um quadro, contando histórias da rotina diária de Jackson Faive, um dos seus personagens mais conhecidos. Em 2010, o humorista migrou para a TV e integrou a bancada de apresentação do programa CQC da TV Bandeirantes. Na bagagem, levou seus personagens e, claro, o *motoboy* Jackson Faive não poderia faltar.

Em 2016, Marco Luque foi convidado para integrar a equipe do programa Altas Horas da TV Globo, comandado pelo jornalista Serginho Groisman. Nele, comentava assuntos cotidianos por meio de seus personagens icônicos.

Além do teatro, do rádio e da TV, Jackson Faive também faz sucesso na internet, no canal de Marco Luque no *Youtube* [98]. Em tempos de isolamento social em função da Covid-19, o *motoboy* Jackson Faive entrou em cena com uma série de quatro episódios intitulados

[96] Entrevista de Marco Luque ao site band.com.br. Disponível em: <https://entretenimento.band.uol.com.br/noticias/100000763996/luquerevelaorigemdopersonagemjacksonfive.html>. Acesso em: 1 ago. 2021.

[97] Disponível em: <https://www.melinatavares.com.br/clientes/marco-luque/>. Acesso em: 3 ago. 2021.

[98] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KOcYxycL8fg&t=20s>. Acesso em: 5 jan. 2022.

Os Heróis da Quarentena, veiculada em 2020 no *Youtube* [99].

No primeiro episódio, a produção audiovisual ficcional conta apenas com dois cenários: as ruas da cidade de São Paulo e uma garagem de um prédio em que ele apresenta suas histórias cotidianas durante o início da pandemia. Jackson Faive aparece em várias cenas, circulando de moto pelas ruas e avenidas da principal cidade do país, citando, em alguns trechos da narrativa, as dificuldades vivenciadas por esses profissionais, como a invisibilidade e a falta de empatia por parte de alguns motoristas.

> Eu lembro muito bem, a galera enfezada com 'nóiz', por causa das 'nossa' buzininha, pá. Que 'nóiz' incomoda. Tem muita gente achando que 'nóiz' nem era humano, era sub-humano, subespécie, 'memo'. E agora o quê, mano? 'Nóiz' 'tamo' salvando todo o rolê da Crosta terrestre inteira, jow." (FAIVE, 2020)[100]

Jessé Souza (2021) afirma que o racismo vai além da cor da pele e está relacionado à divisão entre humanos e sub-humanos, ou seja, quando um segmento da população é associado à desumanidade[101]. O autor (SOUZA, 2021) enfatiza que o termo é utilizado para outras formas de hierarquização de indivíduos, de classes, que se equivalem ao racismo fenotípico, legitimando pré-reflexivamente a pressuposta superioridade natural de sujeitos em relação à pressuposta inferioridade natural de outros. Essa perspectiva ideológica corrobora com a fala do protagonista Jackson Faive, que percebe e identifica esse preconceito pelo comportamento de indivíduos nas ruas, o qual só se modifica quando esse profissional é importante para o funcionamento da engrenagem capitalista.

Com essa perspectiva, nos ancoramos em Agamben (2010), que traz uma contribuição cara às nossas reflexões quanto ao conceito da vida do *Homo sacer*. Trata-se de um personagem do direito romano antigo que significa vida matável, porém insacrificável, para justificar que essa vida está sujeita a um poder absoluto de morte, dado ao soberano durante o estado de exceção, quando a lei é suspensa e ele tem direito de eliminá-la sem cometer crime. Diante disso, qual é a relação entre o *Homo Sacer* de Agamben (2010) e os *motoboys*, entregadores de aplicativo? Total. É uma atualização dessa percepção em que eles vivem desprotegidos e abandonados política e juridicamente pelo Estado. O autor (AGAMBEN, 2010) afirma que, mesmo sob um regime democrático, constantemente vidas são reduzidas a

[99] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KOcYxycL8fg&t=1s>. Acesso em: 3.ago. 2021.

[100] Cena em :00: 00:44

[101] Um povo dominado pelo racismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FxSAmIcoldM>. Acesso em: 5 jan. 2022.

um estado de nudez, ou seja, a exceção entra em vigência, transformando-as em *homo sacer*, são vidas que não fazem falta.

Elas não fazem falta, porque podem ser substituídas facilmente. Em tempos de Covid-19, houve um crescimento expressivo no número de entregadores de aplicativo em todo o país, em função do desemprego, como uma forma de conseguir alguma renda mais rapidamente. De acordo com Antunes (2021), é uma categoria que foi muito subestimada nos últimos anos, composta, principalmente, por desempregados e pelos informais, em consequência do fechamento de postos de trabalho, como fábricas e bancos[102].

Esses profissionais circulam pela cidade. Seus corpos são vinculados ao trabalho, constantemente expostos às intempéries, à violência urbana, aos acidentes, ao risco à saúde – como a contaminação pelo vírus –, ao trânsito estressante e caótico, apenas para citar alguns dos desafios cotidianos. Esse corpo-máquina (Descartes 1596-1650) não pode parar, precisa atender aos chamados constantes e insistentes dessa sociedade plataformizada, em que as relações sociais se virtualizaram de forma voraz. Ele não se permite parar, atinge seu limite e só pausa quando adoece.

Desde março de 2020, início oficial da presença da Covid-19 no Brasil, o cenário das urbes se modificou com a "invasão" desses trabalhadores em motos. Na maior cidade do país, famosa pela presença desses profissionais, o crescimento veio associado ao aumento no número de acidentes. De acordo com o levantamento do Infosiga SP, sistema do Governo do Estado gerenciado pelo programa Respeito à Vida e Detran de São Paulo, divulgado em julho de 2021, houve um aumento de 45,5% nos acidentes de trânsito com motociclistas na pandemia. "De abril de 2020 para junho de 2021, o número de ocorrências saltou de 4.877 para 7.097. Já em relação a óbitos foi registrado aumento de 13,5%, com 133 fatalidades de trânsito em abril de 2020 e 151 em junho de 2021" [103].

Segundo a matéria publicada no *site* da Veja São Paulo, intitulada "Morte entre motociclistas aumenta 4,5% em 2021 em São Paulo"[104], publicada no dia 21 de dezembro de 2021, um dos fatores que ocasionaram o crescimento no número de mortes é a falta de regulamentação desses trabalhadores. Afinal, andar de moto não é tão simples quanto parece,

[102] Entrevista do professor titular de Sociologia da UNICAMP, Ricardo Antunes, sobre A nova servidão no trabalho da era digital e pós-pandêmica para a Revista Dystopia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=92FwmCFjyBU&t=3s>. Acesso em: 6 jan. 2022.

[103] Informações disponíveis em: <http://www.respeitoavida.sp.gov.br/infosiga-aponta-crescimento-de-455-nos-acidentes-de-transito-entre-motociclistas-na-pandemia/>. Acesso em: 6 jan. 2022.

[104] Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/morte-entre-motociclistas-aumenta-45-em-2021-em-sao-paulo/>. Acesso em: 6 jan. 2022.

como afirma o presidente da Associação dos Motofretistas de Aplicativos e Autônomos do Brasil, Edgar Francisco Silva, entrevistado na reportagem. “Muitos buscaram a profissão devido ao desemprego. O problema é que, sem a devida capacitação, o motociclista está sujeito a riscos, e eles acabam entrando em várias situações delicadas. Pilotar uma moto não é como andar de bicicleta numa ciclovia”[105], garante.

Durante a produção audiovisual, o protagonista Jackson Faive descreve, com humor, os contratempos vividos por esses trabalhadores, utilizando a linguagem dos *motoboys*, contemplando as gírias, o jeito de falar dessa categoria que atua na cidade de São Paulo. Podemos perceber essas similaridades ao pesquisar o líder dos entregadores Antifascistas, Paulo Roberto da Silva Lima, mais conhecido como Galo, que iniciou um movimento em defesa dos direitos dos entregadores de aplicativos de *delivery*, #BrequeDosApps[106].

Outra questão bastante relevante em relação à produção fílmica é a presença de imagens da cidade de São Paulo em vários momentos da narrativa, em que Faive circula em ruas vazias, desertas, com poucos carros, sem pedestres nas calçadas como em um típico feriado, modificando o cenário da metrópole contemporânea, espaço de convivência entre atores sociais. O motivo? É a presença do coronavírus, que obrigou o distanciamento social e a mudança no comportamento dos sujeitos.

> Aí, esse ‘corola víru’ deixou as ‘pista’ o maior suave, mano. ‘Tamo’ dominando a cidade, malandro (risos). É ‘nóiz’, Queiróz (sorrindo)[107] [...] Tá ‘aparecendo’ dia primeiro de janeiro, jow (risos). É ‘nóiz’, Queiróz. Fica em casa, isso é o mais importante. Fica em casa que ‘nóiz’ faz o corre pra vocês.[108]

É uma outra cidade que surge com a aparição da doença retratada no monólogo de Marco Luque e Guilherme Rocha. A mais importante metrópole e mais rica do país, conhecida pela implantação de inovações tecnológicas, médicas, de escritórios de empresas multinacionais, de produções culturais, artísticas, em que a intensidade é a palavra de ordem, nesse momento faz parte de um passado recente.

> É praticamente impossível acompanhar o seu ritmo frenético, impulsionado pela linguagem audiovisual dos meios de comunicação. É uma explosão sígnica que

[105] Entrevista do presidente da Associação dos Motofretistas de Aplicativos e Autônomos do Brasil, Edgar Francisco Silva. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/morte-entre-motociclistas-aumenta-45-em-2021-em-sao-paulo/>. Acesso em: 6 jan. 2022.

[106] O movimento #BrequeDosApps será abordado no item 5.3.

[107] Cena em: 00:00:34.

[108] Cena em: 00: 01:01.

> envolve de uma forma intensa, por meio de arte urbana, estilos musicais, moda e apelos publicitários. É difícil dar conta de assimilar todo o conteúdo desse "mundo" midiático que se transformou as metrópoles (NEUSTADT, 2015).

Nesse momento de início da pandemia retratado na narrativa audiovisual, a cidade "frenética" – cheia de estímulos sonoros e imagéticos e, ao mesmo tempo, a metrópole funcionalista, objetiva, um espaço de fluxos de dinheiro e trabalho (SIMMEL, 1973) – deu lugar a um ritmo lento, sem pressa (SANTOS, 2008), em que é possível observar e contemplar belezas naturais e modificações ambientais, como descreve o *motoboy* Jackson Faive.

> Pô, a marginal 'tá' linda, jow. Nem é mais marginal, já tomou banho (risos). 'Rumou' o cabelo. Já é uma cidadã. Nem é nem mais marginal. Tem que ser cidadã, tem que chamar aquela avenida, mano. Tá linda, mano. O rio 'tá' até mais limpo. Por 'increspo' que 'parível', não tem mais cheiro. 'Tá' da hora, mano. A natureza 'tá' agradecendo, viu. 'Tô' sentindo. 'Tá' calor e não tem mais pernilongo, né? [109]

Figura 67 – O motoboy Jackson Faive circulando pelas ruas de São Paulo

Fonte: Reprodução do filme

O corpo do *motoboy* afeta o "corpo" da cidade, quando percorre seus espaços, corta ruas e avenidas em duas rodas. Conforme Siqueira (2019), a cidade tem dimensões física, sociológica, cultural, psicológica, como um corpo. Nessa complexidade da urbe, nos interessamos em debruçar sobre a perspectiva física com seus espaços e distâncias. A cidade é afetada e afeta os corpos. No caso dos *motoboys*, as grandes distâncias percorridas durante horas e horas de trabalho, em meio a vias esburacadas para conseguir atingir a meta de ganhos, deixam em segundo plano fatores importantes para a manutenção da saúde, como

[109] Cena em: 00:07:00.

horários para a alimentação e o descanso. Esse corpo-máquina se disciplina (FOUCAULT, 2014) e não pode parar, somente quando adoece.

Figura 68 – Motoboy: corpo em movimento pela cidade

Fonte: Reprodução do filme

Notamos, durante a narrativa, a existência do olhar hegemônico em que os *motoboys* são os salvadores da pátria em meio à pandemia, conforme o trecho da fala de Jackson Faive: "Nós tamo aqui salvando o rolê na rua, tá ligado? Não sai de casa não, irmão. Fica em casa, jow. Pede as parada que nóiz entrega, tá ligado, mano? Farmácia, nóiz tamo entregando até lasanha, tudo, velho, tudo"[110]. Na verdade, pretendemos refletir sobre a importância desses indivíduos, mas devemos sublinhar que eles não fazem esse trabalho por nós, de forma fraternal, mas, sim, porque precisam trabalhar para sobreviver.

É importante salientar que a condução do vídeo procura sempre apresentar um discurso positivo (ORLANDI, 2007) em relação à Covid-19, como uma fase momentânea, que será superada e resolvida. A explicação detalhada do percurso metodológico adotado nesta parte da pesquisa pode ser consultada no capítulo 2, Metodologia.

Interessante mencionar que Jackson Faive ressalta também a importância de profissionais que atuam em linhas de frente contra a Covid-19, como médicos, enfermeiros, profissionais da área de saúde, bem como os entregadores de aplicativo. Ele, inclusive, reinvidica esse reconhecimento, solicitando aplausos dos espectadores.

> Cadê aplauso pá nóiz, jow? Cadê? (Ele bate palmas). Cadê? Eu quero vê, mano. Eu

[110] Cena em: 00: 02:35. Trecho da fala do *motoboy* Jackson Faive no Episódio 1 de *Motoboys: Os Heróis da Quarentena*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KOcYxycL8fg>. Acesso em 21 ago. 2021.

> chego na casa do maluco, eu quero aplauso, mano. Eu quero o cara. Chega aqui, oh! (Ele batendo palmas). Aí, malandro, graças a vocês, eu vou rangar. Você entendeu?[111].

Figura 69 – O motoboy Jackson Faive pede aplausos para os entregadores de aplicativo

Fonte: Reprodução do filme

Ainda nesse contexto, Jackson Faive enfatiza os pratos que carrega na mochila térmica colorida pelas ruas de São Paulo: "Graças a nóiz, mano, vocês tão comendo a pizza da noite, vocês tão comendo os hambúrguer, os cheesburguer. Dá até água na boca"[112].

Saindo do campo da ficção para o mundo real, é possível fazer contrapontos entre a narrativa desenvolvida por Jackson Faive e matérias jornalísticas publicadas na Folha de São Paulo relacionadas aos entregadores. Percebemos que algumas questões pontuais, que, mesmo apresentadas de forma sutil e bem-humoradas pelo *motoboy*, são situações reais vivenciadas por esses profissionais. Uma delas é a alimentação. Em uma reportagem publicada no veículo, no dia 23 de julho de 2020, intitulada "Entregadores de app carregam pratos de mais de R$ 100 e almoçam comida fria no meio-fio" menciona a precária alimentação dos entregadores de aplicativo de comida em São Paulo. Afinal, trabalham até 14 horas por dia, comem um sanduíche ou enganam o estômago com biscoitos, entre uma chamada e outra do aplicativo[113]. Segue abaixo o *print* da matéria editada publicada na Folha.

---

[111] Cena em: 00: 02: 55. Trecho da fala do *motoboy* Jackson Faive no Episódio 1 de *Motoboys: Os Heróis da Quarentena*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KOcYxycL8fg>. Acesso em 21 ago. 2021.

[112] Cena em: 00:03:11. Op. Cit.

[113] Matéria da *Folha de São Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/07/entregadores-de-app-carregam-pratos-de-mais-de-r-100-e-almocam-comida-fria-no-meio-fio.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2022

Figura 70 – Matéria da Folha de São Paulo denuncia má alimentação de entregadores

Entregadores de app carregam pratos de mais de R$ 100 e almoçam comida fria no meio-fio

Profissionais se alimentam como podem em meio a jornadas de até 14 horas; muitos passam o dia com bolacha

23.jul.2020 às 23h15
Atualizado: 24.jul.2020 às 18h28

EDIÇÃO IMPRESSA

Ouvir o texto A- A+

Emilio Sant'Anna
Karime Xavier

SÃO PAULO Dentro da mochila térmica do aplicativo vai o prato principal: Ribs on the Barbie —uma peça de costela "preparada em chama aberta como manda a tradição australiana", marinada "com um mix secreto de temperos", e "as saborosas Cinnamon Apple".

E o acompanhamento: Aussie Mac N' Cheese, uma "pasta caracolina com creme de queijos e crumble de crouton".

Num bolsinho do lado de fora da mesma mochila: um sanduíche de pão de forma como apresuntado e queijo. Bebida não acompanha a refeição nesse dia.

Entregadores se alimentam mal durante jornadas exaustivas

Passam das 14h de sábado (18), e o entregador ainda vai fazer mais duas corridas antes de voltar para uma das entradas do shopping Higienópolis (zona oeste de São Paulo), parar por 10 minutos enquanto aguarda uma nova chamada e comer seu sanduíche em cima da moto.

A nota fiscal dos pratos do restaurante Outback Steak House que ele carrega revela que a refeição custou R$ 131,89, já com a taxa de R$ 7,99 pela entrega —valor que não ficará integralmente com ele.

O sanduíche de queijo e apresuntado, claro, não tem nota fiscal, mas ele garante que custou menos de R$ 10 para prepará-lo.

Se o cardápio e o lugar em que os entregadores se alimentam fossem indicativos de status na profissão, ele até que estaria bem. Afinal, não come sentado na calçada e tampouco no meio-fio.

Além disso, o homem, de 38 anos, que pede para não ser identificado, pois diz temer ser cortado do aplicativo, consegue parar e comer.

Para muitos de seus colegas, isso é um luxo. Entregadores ouvidos pela **Folha** afirmam que na maior parte dos dias, ter uma brecha nas jornadas, que chegam a durar até 14 horas, e almoçar é algo inimaginável.

Entre os pratos principais: coxinhas, sanduíches de presunto e queijo, pão com manteiga, marmitas frias de arroz com apenas um acompanhamento, bolachas e salgadinhos em geral. Arroz e feijão? Só quando vou comer na minha mãe, diz o entregador.

"Geralmente, eu paro em algum lugar, compro uma bolacha e vou beliscando durante o dia", diz Kléber Isaias, 45, entregador há apenas três meses e ex-taxista, enquanto apanha a comida de alguém nos fundos do restaurante Nou, em Higienópolis.

Fonte: Folha de São Paulo, 2020.

Outra questão abordada é a invisibilidade desses sujeitos perante a sociedade. Para muitos, eles são úteis até o momento em que o hambúguer, a pizza ou qualquer outro pedido cheguem sãos e salvos. Agora, se a entrega foi feita por um robô ou por um ser humano,

pouco importa. Para alguns, pode parecer uma reflexão um tanto quanto radical, mas, na narrativa de Jackson Faive, é possível perceber esse tom, quando ele aborda a exigência de alguns clientes que não querem contato físico e se "esquecem" de dar uma gorjeta, o que configura uma desvalorização desse profissional.

> Vocês não querem contato, tá ligado? Mas nem por isso nóiz não quer gorjeta. Nóiz quer o contato da gorjeta, na, na, nossa mão, irmão. Nóiz passa gel na gorjeta. Não vão dar gorjeta, porque eu vou facilitar o contato. Ah não ser que você tá com o corola vírus já infectado na nota, aí não dá. Brigadu, dispenso. Mas, fora isso, mano, nóiz passa gel na nota, mano. Entrega, mano.[114]

O entregador não tem opção de escolha. É o cliente que decide se quer ou não contato. É também baseada na avaliação do consumidor na plataforma digital que o profissional recebe mais ou menos chamadas pelos aplicativos. Portanto, ele fica refém da opinião do freguês, caso seja mal avaliado pelo serviço prestado, mensurado por meio de estrelas. Lembrando que a máxima "o cliente tem sempre razão" se encaixa perfeitamente nesse contexto.

> Não tem essa de estrelinha não, vocês só tão mandando estrelinha no aplicativo, a estrelinha vai pro aplicativo, não vai pá nóiz. Nóiz vai fazer o quê com a estrelinha? Jogar Mario card? Nóiz não tá no videogame, nóiz tá na vida real, que, aliás, mano, não tá nada fácil, não. Mas, oh, vai passar, vai passar, jow.[115]

A narrativa do *motoboy* apresenta uma crítica clara ao paradigma implementado pelas plataformas digitais (PDs), ancorado num modelo econômico que capta dados pessoais dos usuários para a extração de valor (MORAES, 2020). Ainda segundo o autor, elas atuam como infraestruturas intermediárias entre diferentes grupos de consumidores, entregadores, motoristas, entre outros. "As PDs representam uma nova forma de intermediação entre o andar das finanças e a produção social no território, ampliando os ganhos da etapa de circulação (da qual faz parte) dentro da tríade marxiana: produção, circulação, consumo" (MORAES, 2020, p. 5).

Nesse contexto, a "estrelinha" citada por Jackson Faive garante às plataformas digitais, como *IFood, Uber Eats, Rappi,* um termômetro do posicionamento do consumidor em relação à marca no mercado, dependendo da avaliação do serviço prestado pelo entregador. Daí o processo de cobrança rigoroso, excessivo das empresas de aplicativo, que, muitas das vezes, atribuem a culpa da má avaliação ao trabalhador.

Os casos de discriminação contra entregadores também são explícitos, principalmente

---

[114] Cena em: 00:04:06.

[115] Cena em: 00:04:25

em função da cor da pele. Veículos de imprensa denunciaram e divulgaram várias situações desde o início da pandemia da Covid-19. Uma delas aconteceu no dia 31 de julho de 2020 com o entregador do *IFood*, Matheus Pires Barbosa, 19 anos, no Condomínio de Valinhos, no interior de São Paulo. Ele foi entregar um pedido e comentou com o cliente, em tom de brincadeira, que colegas desejaram boa sorte, já que o consumidor era conhecido como uma pessoa difícil de relacionamento. O cliente não ficou nada satisfeito com o comentário do rapaz e iniciou agressões verbais, chamando o entregador de lixo, semianalfabeto, favelado. Em seguida, apontou para o seu braço e mostrou a cor de sua pele branca, conforme imagem abaixo.

Figura 71 – Entregador é vítima de racismo em São Paulo

Fonte: Folha de São Paulo

De acordo com a reportagem publicada na *Folha*[116], no vídeo feito por uma testemunha, o cliente, com fala agressiva e aos berros, ofendeu o entregador. "Aqui não vai acontecer nada. Com você, lá para a frente, não sei, morou? Você sabe o que vai acontecer no futuro? Desempregado…Você trabalha de *motoboy*, filho"[117].

[116] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/08/entregador-e-chamado-de-lixo-e-sofre-racismo-de-cliente-no-interior-de-sao-paulo.shtml?origin=folha>. Acesso em: 23 jan. 2022.
[117] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/08/entregador-e-chamado-de-lixo-e-sofre-racismo-de-cliente-no-interior-de-sao-paulo.shtml?origin=folha>. Acesso em: 23 jan. 2022.

No entanto, Matheus Pires Barbosa não se intimidou e ofereceu seu celular para que o homem visse quanto ele recebia com seu trabalho e rebateu: "Eu tenho uma vida fora daqui. Eu posso ter a mesma coisa que o senhor. O senhor conseguiu, por quê? Por que o seu pai te deu ou por que você trabalhou?"[118].

De acordo com Sodré (2021), o racismo pós-abolição é pior do que o racismo escravagista, apesar de não existir a tortura física do escravo. Percebemos, no caso de Matheus, que houve racismo fenotípico e em função da profissão de *motoboy*.

O episódio repercutiu somente no dia 07 de agosto de 2020, depois que a mãe do entregador, Maria Pires, postou o vídeo das ofensas em redes sociais. Em entrevista à Folha de São Paulo, ela afirmou que era a primeira vez que o filho vivenciava uma experiência dessas. "Para mim é a pior coisa do mundo ver meu filho passar por uma situação daquelas, porque a maneira que eu criei meu filho e fui criada, eu aprendi a ter respeito pelo ser humano, não importa classe social ou cor da pele (PIRES, 2020)[119].

O caso foi registrado como injúria racial na delegacia de Valinhos, no dia 31 de julho de 2020. Matheus Barbosa e o agressor prestaram depoimento à Polícia Civil. A matéria da Folha também apresentou a versão da empresa *IFood*, que suspendeu o cadastro do agressor, condenou a atitude do consumidor e ofereceu apoios jurídico e psicológico ao entregador. "Racismo é crime. O IFood condena qualquer forma de preconceito ou discriminação e por isso presta solidariedade e apoio ao entregador Matheus, vítima do crime racial praticado por um consumidor, diz o texto[120].

O episódio 1: *Motoboys heróis da Quarentena* apresentou, de forma bem-humorada, o mundo do trabalho precarizado, mal remunerado, invisível dos entregadores, tendo como recorte territorial a cidade de São Paulo. Entretanto, a realidade apresentada na narrativa fílmica de Marco Luque e Guilherme Rocha poderia ter como cenário qualquer outra região do país, já que as regras das empresas de aplicativo valem para todo o território nacional.

Agora, nosso percurso de análise vai ouvir as estórias de outro *motoboy* paulistano: Paulo Roberto da Silva Lima, o Galo, entregador de comida pelas "quebradas" da maior capital do país, fundador e porta-voz dos Entregadores Antifascistas e idealizador do Movimento #BrequeDosApps.

---

[118] Ibidem.

[119] Ibidem.

[120] Ibidem.

5.2 **Movimento # BrequeDosApps: “Nossas vidas valem mais que o lucro deles!”**

Quando a Covid-19 chegou oficialmente ao Brasil, em março de 2020, o Poder Público estimava que um isolamento social de 15 dias seria suficiente para sanar a doença e retornar à rotina. Só que essas duas semanas se transformaram em meses de fechamento do comércio de rua, *shoppings*, indústrias, bares, restaurantes, só para citar alguns exemplos. Além de ter que conviver com um novo vírus, com uma crise sanitária, muitas empresas precisaram fechar as portas ou reduzir o quadro de funcionários, já que não tinham como arcar com as despesas com as atividades paralisadas e sem previsão de retorno. Essa introdução é para contextualizar que, com o agravamento do desemprego no país em função do coronavírus, a alternativa para muitas pessoas foi arrumar alguma atividade remunerada para garantir a sobrevivência como a função de entregador por aplicativo.

A frase “Fique em casa” dita e repetida inúmeras vezes por especialistas da área de saúde foi atendida por parte da população que pôde adaptar as atividades profissionais para *o home office*, aqueceu a procura pelos serviços de *delivery*, mas não resultou em um crescimento no faturamento dos trabalhadores do setor. Segundo uma pesquisa realizada pela Universidade de Campinas (Unicamp), 59% dos entrevistados perceberam queda na remuneração paga pelas empresas durante a pandemia. O estudo estimou os efeitos da Covid-19 nas condições de trabalho desses profissionais[121]. O aumento nas horas trabalhadas para melhorar os rendimentos e os riscos à saúde também foram questões sinalizadas pelos pesquisadores.

> A grande maioria ou manteve o seu tempo de trabalho ou aumentou. Ao mesmo tempo, houve uma queda da remuneração muito significativa para grande parte dos trabalhadores. Uma profissão que está se tornando cada vez mais arriscada e estão enfrentando praticamente por conta própria os riscos da pandemia, avaliou a pesquisadora Ludmila Costhek Abílio, que participou do estudo.[122]

Diante desse cenário, uma mobilização entre os entregadores de aplicativo começou pelo país. O precursor desse movimento foi Paulo Roberto da Silva Lima, mais conhecido como Galo, paulistano, morador do bairro do Butantã, na Zona Oeste de São Paulo. Ele deixou de ser *motoboy* em 2012, depois de sofrer acidentes graves; teve trabalhos temporários em várias áreas, mas, em 2017, ficou sem renda. Em 2019, ele comprou uma moto à prestação

[121] Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/07/01/covid-19-pesquisa-da-unicamp-aponta-reducao-de-59percent-no-salario-de-entregadores-durante-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 12 jan 2022.

[122] Ibidem.

e voltou a fazer entregas de comida, trabalhando para aplicativos como *IFood*, *Uber Eats* e *Rappi*. Na noite de 21 de março de 2020, dia do seu aniversário, Galo fazia uma entrega quando o pneu da moto furou.

> [...] Eu notifiquei ao suporte e ao cliente. O suporte disse que eu deveria cancelar o pedido. Após eu questionar se isso me bloquearia, eles garantiram que não, contou Lima ao Intercept. Na manhã seguinte, a surpresa: Quando eu fui sair para trabalhar, estava bloqueado.[123]

A partir desse momento, Paulo Lima decidiu denunciar todas as agruras cotidianas dos entregadores, gravou um vídeo sobre a sua situação que viralizou nas redes sociais. Depois disso, concedeu várias entrevistas a veículos de comunicação,[124] participou de *lives* e ficou ativo nas redes. Como consequência, foi bloqueado em todos os aplicativos que estava cadastrado. Galo conta que esse fenômeno é chamado de "bloqueio branco", em que o entregador não é descredenciado, mas não recebe mais pedidos.

Fundador e porta-voz do Movimento Entregadores Antifascistas, Galo começou a reivindicar melhores condições de trabalho para a categoria, como direito à alimentação custeada pelos aplicativos. Sua presença nas ruas de São Paulo, conversando com outros trabalhadores em busca de adesões ao movimento, sua participação nas redes sociais, em entrevistas em veículos de comunicação independentes e contra o governo federal ajudaram a articular a primeira paralisação nacional da categoria: #BrequeDosApps, marcada para o dia 01 de julho de 2020.

---

[123] Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/23/coronavirus-aplicativos-entrega-comida-ifood-uber-loggi/> Acesso em: 12 jan 2022.

[124] Informações disponíveis em: <https://exame.com/carreira/como-e-a-rotina-de-um-motoboy-em-sao-paulo-na-quarentena/> e em: <https://apublica.org/2020/06/entregadores-antifascistas-nao-quero-gado-quero-formar-entregadores-pensadores/. Acesso em: 13 jan 2022.

Figura 72 – Paulo Lima, Líder do Movimento Entregadores Antifascistas

Fonte: El Pais.

Paulo Lima comenta que encontrou dificuldades de convencer alguns colegas a participar da mobilização, porque achavam que eram empreendedores, donos do seu próprio negócio. Boa parte deles se ofendia quando ele abordava a questão da distribuição de comida para os entregadores.

> Acreditaram mesmo na ideia do empreendedorismo, boa parte era bolsonarista, e eu estava falando de alimentação. Chegava para abordar e eles diziam: "Ô, Galo, o aplicativo não tá bom pra você? Então desliga e vai pra Cuba". Eu dizia: "pô, companheiro, tô numa luta por alimentação", e eles respondiam: "Alimentação? Você tá nos tirando para mendigo? A gente quer ganhar melhor e não é só para comprar comida." (LIMA, 2020) [125]

Notamos, pelo comportamento desses profissionais, que eles foram "contaminados" pela técnica do poder do regime neoliberal (HAN, 2017), que, em sua forma sutil, faz com que os indivíduos internalizem a conjuntura de dominação imposta, acreditem e vejam como uma forma de liberdade, e não de autoexploração. Lembrando que a performance positiva ou negativa é responsabilidade exclusiva do trabalhador. De acordo com o discurso neoliberal, o trabalhador é livre, escolhe quando e quantas horas trabalha por dia e, se não quiser, basta desligar o aplicativo. "Qual foi a mentira que contaram para eles? 'Vocês são empreendedores, são quase igual a gente, são ricos, podem ficar ricos se trabalharem muito

[125] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/07/acreditaram-na-mentira-do-empreendedorismo-diz-lider-do-entregadores-antifascistas.shtml >. Acesso em: 15 jan. 2022.

para a gente’’’ [126], afirma Galo.

O neoliberalismo cria um modo de existência, uma nova subjetividade em que o sujeito modifica a si próprio, e não apenas a representação de si. Ele não percebe que está sendo manipulado, seus desejos moldados para a extração de mais produtividade e deleite do próprio sofrimento. (SAFATLE E DUNKER et al., 2021).

Antunes (2021) afirma que o mundo do trabalho que vivenciamos hoje, precarizado, com baixa remuneração, não foi criado pela pandemia, mas ela aprofundou extremamente a tendência pré-existente.

> O capitalismo de plataforma se assemelha com um período que foi a protoforma do capitalismo. Nós estamos recuperando em pleno século XXI com alta tecnologia, condições desumanas de trabalho típicas de Manchester e da Inglaterra no século XIX. É uma aberração [127].

Notamos que o cenário escravocrata ainda paira sobre nossas cabeças em plena pós-modernidade. A perspectiva neoliberal marcante em várias partes do planeta também está presente em terras brasileiras. É a tão falada globalização em suas várias facetas. Como vimos no capítulo *A Comida de Rua no centro do Rio de Janeiro: marca da cidade, no século XIX*, as escravas e escravos de ganho iam às ruas a mando de seus senhores vender comida e tinham que dividir seus rendimentos com o patrão. No século XX, foram os ambulantes que comercializavam alimentos; indivíduos pobres, mal-vestidos, com dificuldade de manter a higiene. Atualmente, é o entregador de aplicativo, um dos responsáveis pela comensalidade; é ele que leva o alimento nas costas. Portanto, observamos uma desigualdade estrutural que se arrasta pelo tempo e permanece naturalizada na paisagem das cidades.

Se, antes, os atores sociais tinham que se reportar a um patrão, hoje esse chefe não é conhecido. O trabalhador fala com uma máquina ou com um atendente da plataforma digital, que se assemelha a um robô, seguindo cegamente um roteiro pré-estabelecido. A tecnologia tem uma função essencial na sociedade contemporânea, que se exacerbou de forma inimaginável com a pandemia da Covid-19. A vida social se virtualizou vorazmente.

Na visão de Raymond Williams (2011), a tecnologia não é imparcial e nem se desenvolve sozinha; depende das formas de uso. Ela pode ser utilizada como importante

---

[126] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/07/acreditaram-na-mentira-do-empreendedorismo-diz-lider-do-entregadores-antifascistas.shtml >. Acesso em: 15 jan. 2022.

[127] Entrevista de Ricardo Antunes para a Revista Dystopia: A nova servidão no trabalho da era digital e pós-pandêmico realizada em 29.03.2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=92FwmCFjyBU>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ferramenta para acesso ao conhecimento de jovens estudantes ou um algoz para trabalhadores sem salário fixo.

Antunes (2011) salienta que a tecnologia é comandada pelas grandes corporações na contemporaneidade, retirando a dimensão positiva que traz aos seres humanos e enfatizando seus contornos de competitividade. O autor ressalta que "o capital sabe que sem trabalho humano não há riqueza, [...] O capital não existe sem trabalho vivo".

Sem o entregador, os aplicativos não funcionam. Quem fará o serviço? Acontece que essa importância, muita das vezes, não é reconhecida pelo próprio profissional. Em um momento de crise econômica, desemprego, mão de obra excedente, cenário político-institucional conturbado, retrógrado, um país governado em prol da elite, com reformas da previdência e trabalhista que retiraram direitos do cidadão, como cruzar os braços e fazer reinvidicações? Não é simples, ainda mais para quem precisa ir às ruas diariamente para garantir o sustento da família e pagar as contas. Sem trabalho, sem comida na mesa.

Mesmo assim, entregadores de aplicativo fizeram a primeira paralisação nacional em 01 de julho de 2020, o movimento #BrequeDosApps, pedindo aumento no valor pago pelas entregas pelas empresas e ajuda com itens básicos de proteção à Covid-19. A manifestação contou com a adesão de profissionais em várias cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Bahia, Alagoas, Goiânia e Belém.

Figura 73 – Entregadores de aplicativo fazem paralisação por melhores condições de trabalho em São Paulo

Fonte: Estadão, 2020.

Figura 74 – Grupo de entregadores faz motociata em direção ao Tribunal do Trabalho em São Paulo

Fonte: Rivaldo Gomes/ FolhaPress 01.07.2020

Depois da primeira manifestação, a categoria ganhou visibilidade na cena nacional, e políticos se "interessaram" em abraçar a causa dos entregadores de aplicativo. Vários projetos de lei foram apresentados para a regulamentação da atividade, como o da deputada federal Tabata Amaral (PDT- SP), criando o regime de trabalho sob demanda, com a obrigatoriedade de um valor mínimo por hora. Só que o deputado federal Ivan Valente (PSOL- SP) já havia se antecipado e elaborado o Projeto de Lei n.º 1665/2020, no dia 07 de abril de 2020, que "dispõe sobre os direitos dos entregadores que prestam serviços a aplicativos de entrega durante o estado de calamidade pública decorrente da pandemia do coronavírus (Covid-19)"[128].

De acordo com especialistas, naquela ocasião o regime de trabalho dos entregadores de aplicativo no Brasil era o mesmo do Reino Unido, zero hora. O profissional só recebia pela hora trabalhada, não tendo qualquer ajuda de custo ou benefício assegurado.

Um segundo ato organizado pelo #BrequeDosApps contra os aplicativos aconteceu no

[128] Texto completo do Projeto de Lei n.º 1665/2020, de autoria do deputado federal Ivan Valente (PSOL-SP). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=node0uf7bl8wljf81r3q8h9ur8zus25599901.node0?codteor=1874917&filename=Tramitacao-PL+1665/2020>. Acesso em: 21 jan. 2022.

dia 25 de julho de 2020, em várias cidades brasileiras, mas, de acordo com a matéria publicada na *Folha de São Paulo*[129], a adesão foi fraca em São Paulo. A categoria reivindicava melhores condições de trabalho, como aumento do valor por quilômetro, fim dos bloqueios das plataformas sem justificativa e seguro para acidentes.

A *Folha de São Paulo* abriu espaço para o debate sobre a precarização do trabalho dos entregadores de aplicativo em meio à pandemia da Covid-19. Apoiou a categoria com a publicação constante de matérias apresentando entrevistas com profissionais do setor, lideranças do movimento, responsáveis pelas principais plataformas de entrega de comida como *Uber Eats, Rappi* e *IFood*, aprofundou a questão trabalhista em meio à plataformização das atividades com a opinião de especialistas em várias áreas. Notamos que a *Folha* "abraçou" a causa dos *motoboys.*

No entanto, o veículo também não se omitiu ou se silenciou (ORLANDI, 2007) em relação à falta de mobilização da categoria, esvaziamento do movimento ou racha político, em que lideranças divergiram quanto à condução da paralisação voltada para uma perspectiva partidária. [130]

Enquanto os entregadores de aplicativo denunciavam o crescimento da precarização do trabalho, da diminuição do valor das entregas, do bloqueio injusto e da falta de assistência à saúde e à segurança, as plataformas de entrega de comida rebatiam as denúncias. Elas apresentavam investimentos e compromisso com os "parceiros".

Em 2021, não houve paralisação nacional dos entregadores, #BrequeDosApps, promovida pelo movimento dos *Entregadores Antifascistas*, liderado por Paulo Roberto da Silva Lima. Galo continuou denunciando a precarização do trabalho e a omissão dos veículos de comunicação em não abrir espaço para a discussão do tema. Em 23 de fevereiro, a Folha de São Paulo apresentou uma entrevista com o entregador como parte dos 100 anos do jornal, em que convidou 13 integrantes de grupos, que, segundo o veículo, não tinham representatividade no jornalismo tradicional brasileiro. Galo aproveitou o espaço para contar suas trajetórias profissional e pessoal, bem como cutucar a imprensa.

> Não tenho problema com jornalista, tenho problema com como o jornalismo funciona. Acho que o jornalista quer dar voz para quem precisa ter voz, mas vai ser difícil dentro da estrutura do jornal. Você acha que o William Bonner vai me chamar no Jornal Nacional pra falar mal do iFood? O iFood deu R$ 1 milhão pros caras no

[129] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/07/concentracao-de-motoboys-em-segundo-breque-dos-apps-e-fraca-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 16 jan. 2022.

[130] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/07/ato-de-motoboys-une-poucos-entregadores-nas-ruas-e-expoe-racha-politico-na-categoria.shtml>. Acesso em: 18 jan. 2022.

comercial (LIMA, 2021)[131].

Paulo Lima se referiu ao comercial veiculado no dia 06 de janeiro de 2021, no intervalo do principal telejornal do país, em que glamouriza, humaniza e apresenta a importância de profissionais da linha de frente, como médicos, enfermeiros e entregadores de comida. A publicidade foi recheada de momentos de comensalidade entre as famílias sentadas à mesa, comemorando aniversários de forma virtual, tendo como trilha sonora a música *O que é, o que é?*, de Gonzaguinha[132] .

Com relação ao movimento dos entregadores de aplicativos de comida, *motoboys* fizeram uma manifestação no dia 09 de março de 2021, na Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, contra o sexto aumento da gasolina em apenas um trimestre. De lá, eles seguiram em motociata até à porta da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ).

Em meio a aumentos constantes de combustíveis, ausência de mudanças na política de pagamento das entregas por parte das empresas, o projeto de lei do deputado federal Ivan Valente (PSOL-SP) tramitou na Câmara de Deputados. Depois de várias solicitações de parlamentares na coautoria do PL, diversos adiamentos de apreciação em sessões do plenário em função de falta de tempo, a matéria foi aprovada no dia 01 de dezembro de 2021[133]. Depois da aprovação pelos deputados na Câmara, o projeto de Lei seguiu para o Senado Federal. Após receber sete emendas, discussões sobre o tema, os parlamentares aprovaram o texto do projeto de lei no plenário da casa em 09 de dezembro de 2021[134].

O presidente Jair Bolsonaro sancionou o projeto de lei, transformado na Lei ordinária 14 297/2022, que determina medidas de proteção garantidas ao entregador que presta serviço por meio de empresa de aplicativo durante a vigência da emergência em saúde pública em decorrência da Covid-19. Pelo texto, a empresa de aplicativo é responsável pela contratação de seguro contra acidentes, sem franquia, em benefício do entregador cadastrado,

[131] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/entregador-antifascista-critica-precarizacao-do-trabalho-e-omissao-de-veiculos-da-imprensa.shtml>. Acesso em: 20 jan. 2022.

[132] Comercial do IFood 2021: Um novo Significado. Viver e não ter vergonha de ser feliz. Com dois minutos de duração, foi veiculado no intervalo do Jornal Nacional em 6 de janeiro de 2021. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=0ONtExR38Q0>. Acesso em: 20 jan. 2022.

[133] Tramitação do Projeto de Lei n.º 1665/2020, de autoria do deputado federal Ivan Valente (PSOL-SP) na Câmara de Deputados em Brasília. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2244218>. Acesso em: 21 jan. 2022.

[134] Tramitação do Projeto de Lei n.º 1665/2020, de autoria do deputado federal Ivan Valente (PSOL-SP) no Senado Federal. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/materias-bicamerais/-/ver/pl-1665-2020>. Acesso em: 21 jan. 2022.

exclusivamente para acidentes que ocorram durante a retirada e entrega de produtos e serviços, cobrindo acidentes pessoais, invalidez permanente ou temporária e morte. Caso o entregador preste serviços para mais de uma empresa de aplicativo de entrega, a indenização será custeada pela seguradora contratada paga pela empresa para qual ele esteja prestando serviço no momento do acidente.

Outra determinação da nova lei é que, caso o trabalhador seja diagnosticado com Covid-19, ele deve receber assistência financeira por período de 15 dias, que pode ser prorrogado por mais dois períodos de 15 dias sucessivos, mediante apresentação de exame RT-PCR ou laudo médico que ateste condição decorrente da Covid-19. O cálculo do pagamento será feito de acordo com a média das três últimas remunerações recebidas pelo trabalhador. Quanto à prevenção, a lei prevê que a empresa de aplicativo disponibilize máscaras, álcool em gel ou outro produto higienizante para proteção dos entregadores durante as entregas.

Uma das reivindicações dos profissionais de entrega durante as manifestações do #BrequeDosApps era a necessidade de transparência por parte das empresas de aplicativo quanto às suspensões, bloqueios dos trabalhadores, e tal solicitação foi atendida pela regulamentação.

> Art. 8º - Do contrato ou do termo de registro celebrado entre a empresa de aplicativo de entrega e o entregador deverão constar expressamente as hipóteses de bloqueio, de suspensão ou de exclusão da conta do entregador da plataforma eletrônica.
>
> § 1º A aplicação da exclusão de conta prevista no caput deste artigo será precedida de comunicação prévia, com antecedência mínima de 3 (três) dias úteis, e será acompanhada das razões que a motivaram, que deverão ser devidamente fundamentadas, preservadas a segurança e a privacidade do usuário da plataforma eletrônica. [135]

Caso as empresas de aplicativo descumpram as regras, a lei determina punições que vão desde advertência até multa de R$ 5 mil por infração em caso de reincidência.

O presidente Jair Bolsonaro vetou, no texto aprovado pelo Congresso, o fornecimento de alimentação ao entregador de aplicativo por meio dos programas de alimentação do trabalhador previstos na Lei 6.321/1976. Essa regulamentação autoriza que as empresas deduzam do imposto de renda o dobro das despesas com alimentação do trabalhador. Bolsonaro vetou essa parte do texto, visto que a medida provocaria renúncia de receita sem

[135] Íntegra da Lei 14297/2022 publicada no Diário Oficial da União, em 6 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=515&pagina=1&data=06/01/2022>. Acesso em: 21 jan. 2022.

acompanhamento dos seus impactos orçamentário e financeiro, assim como das medidas compensatórias. A Lei n.º 14.297 foi sancionada pelo presidente da república em 05 de janeiro de 2022 e publicada no Diário Oficial da União em 06 de janeiro de 2022.

No próximo capítulo desta tese, retomaremos a questão da comida de (na) rua no Rio de Janeiro, mas que, com a pandemia da Covid-19, surgiram novas comensalidades em trânsito e sociabilidades em que o alimento permanece como foco das atenções.

6 COMENSALIDADES EM TRÂNSITO: SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA RELAÇÃO COM A COMIDA DE (NA) RUA NO RIO DE JANEIRO NA PANDEMIA DA COVID-19

Gostosa
Quentinha
Tapioca
O pregão abre o dia
Hoje tem baile funk
Tem samba no Flamengo
O reverendo
No palanque lendo
O apocalipse
O homem da Gávea criou asas
Vadia
Gaivota
Sobrevoa a tardinha
E a neblina da ganja
O povaréu sonâmbulo
Ambulando
Que nem muamba
Nas ondas do mar
Cidade maravilhosa
És minha
O poente na espinha
Das tuas montanhas
Quase arromba a retina
De quem vê
De noite
Meninas
Peitinhos de pitomba
Vendendo por Copacabana
As suas bugigangas
Suas bugigangas

Carioca, Chico Buarque[136]

Chico Buarque compôs *Carioca* depois de ter sido homenageado como enredo da Estação Primeira de Mangueira, no Carnaval de 1998. A canção apresenta a vida real de habitantes da cidade: os ambulantes de tapioca anunciando o produto e suas qualidades:

[136] Carioca, de autoria de Chico Buarque, é a principal canção do disco "As Cidades", lançado em 1998. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=WcRVJDZjJj8>. Acesso em: 6. fev. 2022.

“gostosa, quentinha”; os ritmos musicais que se misturam ao cenário urbano, o funk, o samba; o pastor que lê e prevê o fim dos tempos; os voos de asa delta na Pedra da Gávea que emolduram o céu; as belezas naturais que tiram o fôlego de turistas e do poeta, mas que não escondem a metrópole noturna da prostituição de meninas pela Princesinha do Mar.

Essa ode à cidade do Rio de Janeiro, que retrata a rotina ordinária do cenário urbano com seus personagens *habitués*, nos serviu de inspiração para iniciar este capítulo. Interessante ressaltar que o ambulante de comida de rua é o primeiro a ser citado na letra da canção, presença marcante na urbe desde que o Brasil era colônia de Portugal, conforme mencionamos no capítulo *A comida de rua no centro do Rio de Janeiro: marca da cidade*.

Uma cidade rodeada por montanhas e pelo mar, com uma paisagem exuberante e uma beleza inconfundível... Quando viajamos ao exterior ou para outras regiões do país, ao falarmos que somos do Rio de Janeiro, percebemos que as expressões das pessoas se modificam, positivamente ou nem tanto. Que imaginário é esse que ronda o carioca, o indivíduo que nasceu na cidade ou que veio morar aqui e se sente “local”? Santos e Veloso (2009) iluminam a questão.

> [...] O imaginário carioca não se constrói pela geografia, e sim por outras características [...]. Já que o que remete à identificação e ao orgulho são as características de personalidade atribuídas ao povo e à cidade – o jeito despojado, a abertura, etc. – procede-se a uma personificação do espaço: o Rio de Janeiro não é aquele espaço físico assim demarcado nos mapas: é todo o espaço imaginado ao qual se atribuem aquelas características de personalidade; e o carioca não é quem vive naquela delimitação geográfica, mas sim todo aquele que, mesmo vivendo nos corredores daquele espaço físico, compartilha aquele imaginário (SANTOS e VELOSO, 2009, p. 97).

Ser carioca é um estado de espírito. “Jeito despojado”, descontraído, receptivo, comunicativo, com sotaque chiado, que come cachorro-quente, churrasquinho, tapioca, x-tudo, pipoca, açaí, em barraquinhas e triciclos espalhados em esquinas e calçadas, compartilhando o espaço público. São essas pequenas brechas (DE CERTEAU, 1994) da urbe, em que atores sociais se reúnem, fazem rodinhas em torno desses espaços gastronômicos e participam desses territórios temporários em função de um compartilhamento de um gosto (MAFFESOLI, 2012). Portanto, comer na rua é uma característica cultural do carioca.

Corroboramos com o pensamento de Pereira e Barros (2012) de que o consumo é um fenômeno cultural, simbólico, que possibilita a compreensão da vida pós-moderna. Nesse contexto, é de suma importância trazer as reflexões de Douglas e Isherwood (2006), um clássico sobre o assunto, como salienta Everardo Rocha (2006) no prefácio da obra. Os

autores iluminam nossas reflexões de que o consumo é influenciado pela cultura e que as necessidades básicas de um indivíduo são "invenções" culturais. Em um primeiro momento, essas asserções podem não ser claramente entendidas, mas, ao aprofundarmos a leitura, compreendemos que Douglas e Isherwood (2006) retiram o valor material do bem, visto que ele, sozinho, não tem importância. "Todos os bens são portadores de significados, mas nenhum o é por si mesmo [...] O significado está nas relações entre todos os bens, assim como a música está nas relações marcadas pelos sons e não em qualquer nota" (ISHERWOOD, 2006, p. 121). Portanto, é indispensável ir além do objeto, refletindo sobre o contexto em que está inserido, o tempo, as condições sociais envolvidas e as consequências desse processo para o indivíduo, que podem ser positivas ou não (CARVALHO, 2021)[137].

Ao abordarmos, ao longo da tese, a comida de (na) rua como uma marca social em calçadas, praças, esquinas da cidade do Rio de Janeiro desde a época da escravidão no Brasil até à contemporaneidade, tentamos traçar um caminho tanto histórico quanto social, passando pelos ambulantes, por questões da economia globalizada, do neoliberalismo, das tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), até a presença expressiva de entregadores de comida por aplicativos que circulam com suas mochilas térmicas coloridas nas costas em motos e bicicletas pelo espaço público durante a pandemia da Covid-19. Pensando pela visão de Douglas e Isherwood (2006), o consumo da comida de rua comunica na nossa sociedade, tem significados que estão intrinsicamente relacionados à cultura, e esses modos de consumo vão se reorganizando ao longo do tempo.

Ao lembrar da minha infância, veio à mente a minha avó materna, Dona Quitéria, portuguesa e dona de um açougue no bairro da Tijuca, na Zona Norte do Rio de Janeiro. O estabelecimento comercial fechava para o almoço sempre de 13 h às 15 h, fizesse chuva ou sol, e os funcionários iam almoçar em casa. Era um ritual sagrado, e os fregueses sabiam que o açougue cerrava as portas nesse período. Esse comportamento também era percebido em outras lojas que funcionavam ao redor, sendo um momento de pausa no meio do dia de trabalho.

Almoçar em casa remete à afetividade, comida caseira, feita com carinho, cheirosa, saborosa, que abre o apetite e "abraça" o comensal. A própria comida é uma mídia; ela comunica, sendo o reflexo do modo de vida de uma sociedade. Com a globalização e,

[137] Quintas do LADIGE: Debate 'O mundo dos bens' de Douglas e Isherwood. Aula ministrada pela Doutora em Saúde Coletiva pela UERJ, professora associada do Instituto de Nutrição Josué de Castro da UFRJ e coordenadora do Laboratório digital de educação alimentar e humanidades (LADIGE/UFRJ), Maria Claudia da Veiga Soares Carvalho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ndKn7I_L_wY>. Acesso em: 1 mar. 2022.

consequentemente, aceleração do modo de vida urbano no Rio de Janeiro, em que grandes distâncias separam a moradia do local de trabalho, com direito a trânsito engarrafado, transporte público caro, escasso e lotado, provocando gasto de tempo, de dinheiro, estresse e cansaço ao trabalhador, almoçar em casa só é possível em dias de folga.

Em se tratando da comensalidade contemporânea, o ato de comer também entra no ritmo acelerado das cidades, está em trânsito, não há mais tempo a perder com uma refeição demorada, ritualizada. Ela se enquadra nesse fluxo veloz, em trânsito, com novas significações e com um caráter provisório, composto por códigos culturais (CARVALHO, et.al, ,2020).

Sendo assim, houve a necessidade de mudança no comportamento alimentar do indivíduo de uma maneira global; do carioca, em uma perspectiva local, que, para se adequar a essa realidade, precisou buscar alternativas para não desembolsar muito para comer fora de casa. Garcia R. (1997) afirma que a cidade ocasiona uma reorganização de valores e práticas que vão provocar implicações no padrão alimentar.

6.1 **É possível comer em qualquer lugar: comensalidades de comida de (na) rua em cenas urbanas no Rio de Janeiro**

Antes de iniciarmos as reflexões sobre as comensalidades propriamente ditas, gostaríamos de abordar uma dicotomia muito presente em pesquisas acadêmicas em relação à comida de casa e comida de rua: a primeira, referindo-se à refeição bem temperada, deliciosa, comida de verdade, feita com carinho – comida de vó; a segunda, relacionada à rapidez, praticidade, comida barata, sem gosto, ou muito gordurosa e sem condições de higiene adequadas.

Há de se ressaltar que essa formatação rígida do ato de comer, demarcada territorialmente, não atende à reconfiguração cultural e social da contemporaneidade. Afinal, é possível ter uma variedade de comensalidades em cenas urbanas que se encontram no interstício desses moldes, estão nas brechas (DE CERTEAU, 1994), como a comida de casa que se come na rua; a comida de rua que se leva para casa, para o trabalho; a comida de rua que se come andando, em pé, sentada em banquinhos de plásticos espalhados pelo passeio público; a comida que chega pelas mãos dos entregadores etc. A seguir, apresentamos alguns registros fotográficos de comensalidades urbanas que identificamos, ao circular pelo centro do Rio de Janeiro, em julho de 2019, antes de a pandemia de Covid-19 ser descoberta.

A primeira alternativa percebida foi a comida levada de casa: a famosa marmita.

Muito utilizado por trabalhadores na construção civil e em fábricas, o utensílio característico – retangular, de lata, com tampa – adquiriu novos formatos e materiais, como os potinhos plásticos, mas continua com a mesma finalidade. Com a facilidade no transporte, a comida de casa pode ser levada pelo comensal a qualquer lugar, como para a rua; ela "transita" tranquilamente pela cidade. Um exemplo disso é o caso das trabalhadoras que conseguem um espacinho no gramado da Praça Mauá, no centro do Rio de Janeiro, colocam uma toalha e aproveitam a sombra das árvores. Enquanto uma almoça, as colegas utilizam o momento para descansar e dividir esse espaço urbano redesenhado em meio a grades e tapumes que delimitam o ambiente, conforme imagem a seguir.

Figura 75 – Comida de casa na rua: é possível comer em qualquer lugar como embaixo de árvores na Praça Mauá

Fonte: Autora, 2019.

Há poucos metros dali, a vista privilegiada da Baía de Guanabara; a arquitetura sustentável, impactante e futurista do Museu do Amanhã enche os olhos de turistas que visitam a cidade. A questão da gentrificação do espaço e da revitalização da região foi bastante discutida na pesquisa no item 3.4, *A reurbanização com Eduardo Paes e a cidade olímpica*. Nossa proposta, neste momento, é perceber e identificar as várias formas de comensalidade encontradas na urbe, as permanências e as mudanças que ocorreram na produção, na venda e nas comensalidades da comida de (na) rua antes e com a pandemia da

Covid-19.

Retomando nossa pesquisa empírica, ao chegarmos à metamorfoseada Praça Mauá, nos deparamos com um ponto de venda de açaí: uma bicicleta estrategicamente posicionada, com a frase que mescla inglês e português, *keep calm and tome açaí*. O vendedor ambulante devidamente uniformizado, com camisa, boné na cor roxa, que aparece em todos os detalhes: na bicicleta, no guarda-sol, nos diversos tipos de copo, no cartaz, remetendo à coloração da fruta (imagem abaixo). São alimentos estrategicamente escolhidos em função do clima e do espaço. Portanto, não é apenas comer um açaí; é a experiência, o valor simbólico do alimento que se emaranha ao valor simbólico do Porto Maravilha, cartão postal da cidade.

> Com a antropologia do consumo, é possível enxergar as trocas materiais como trocas simbólicas (Bourdieu, 1974; Mauss, 2003), os bens materiais como marcadores sociais que estabelecem distâncias e aproximações (Douglas e Isherwood, 2004). O consumo como um sistema classificatório que ordena pessoas e bens (Rocha, 2010) (PEREIRA, BARROS, 2012, p.842).

Figura 76 – Comida de rua na Praça Mauá: açaí gourmetizado

Fonte: Autora, 2019.

Nesse ponto turístico, cheio de *glamour*, há a presença de visitantes, mas também de trabalhadores autônomos – por exemplo, vendedores ambulantes de comida de rua como os de açaí (foto acima) –, em que se reafirmam relações sociais e vínculos afetivos. (GARCIA, R., 1997). O produto industrializado, fabricado em grande escala, já é pensado, levando em consideração o consumo, já que é fácil de transportar, e o comensal pode comer em trânsito, passeando, observando a paisagem, tendo uma experiência gustativa e visual do Porto Maravilha ou levar para viagem. No entanto, essa *gourmetização* do produto se reflete no preço. Você recebe o açai geladinho, com direito a uma vista privilegiada da Baía de Guanabara e, como dizia aquele comercial, "isso não tem preço". Só que tem!

Cerca de dois quilômetros dali, que podem ser percorridos de bicicleta, a pé ou de transporte público – o VLT –, chegamos até à Praça Marechal Floriano, mais conhecida como Cinelândia. É um trajeto em linha reta que percorre a extensão da Avenida Rio Branco. São espaços de consumo geograficamente próximos, com fluxo de turistas, de trabalhadores, de ambulantes e moradores em situação de rua, mas que apresentam características diferentes no que tange às opções de comida de rua.

Apesar de ser uma área turística renomada internacionalmente que atrai visitantes do mundo inteiro por sua beleza arquitetônica, sua importância histórica, a Cinelândia não tem pontos de venda que ofereçam alimentos *gourmetizados*. Durante as nossas andanças no horário do almoço, identificamos apenas ambulantes vendendo água, refrigerantes, cerveja, produtos industrializados, como amendoim, biscoito de polvilho ou lanches rápidos feitos na hora. É o caso do triciclo "Gula do Misto Quente", que fica estacionado na praça bem em frente à agência da Caixa Econômica Federal.

Figura 77 – Comida de rua na Cinelândia na hora do almoço

Fonte: Autora, 2019.

Notamos que são espaços de consumo que apresentam segmentação da clientela, ou seja, que oferecem diferentes produtos a preços variados, de acordo com o local e perfil dos fregueses. Portanto, a comida de rua se formata e se adapta à cidade. É uma série de opções que multiplicam identidades e possibilitam novos sentidos à comensalidade contemporânea.

Engana-se quem pensa que o ritual do ato de comer se restringe à mesa, com a presença de utensílios estrategicamente posicionados, como pratos, talheres, copos, recipientes para os alimentos, o qual reúne integrantes de um grupo social devidamente sentados para fazer refeições. Há uma praxe para se comer na rua, sem prato, sem talheres, além de outras peculiaridades em relação ao alimento, como um tamanho que facilite o manuseio ou seja colocado em embalagens que associem praticidade e facilidade no transporte.

Como citamos, a versão *gourmetizada* do açaí tem como público consumidor basicamente turistas no Porto Maravilha. O segundo exemplo é a opção mais popular para o

trabalhador na Cinelândia. Na imagem acima, o "Gula do Misto Quente" apresenta um cardápio para o comensal no horário do almoço, que procura por lanches rápidos em que pode comer em pé, sentado no banquinho de plástico; se preferir, comer pelo caminho ou levar para a viagem.

> As mudanças e permanências de significados produzem arranjos no sistema de classificação e apreciação estruturados e estruturantes de uma ordem social. A alimentação opera como uma linguagem sem palavras, a comida comunica afetos, intenções e expressões subjetivas nas relações nem sempre traduzíveis em nomes (KUWAE et al., 2019, p. 158).

Essas relações de convivência temporária que são estabelecidas entre comensais desconhecidos em função do alimento, criam sociabilidades. São neotribos pós-modernas que celebram um gosto específico que pode estar relacionado ao esporte, a um show ou a uma comida que une esses citadinos, mesmo de forma efêmera (MAFFESOLI, 2012).

Ao retomar a relação entre comida e comunicação, nos debruçamos sobre o conceito de comida como um código (DOUGLAS, 1975) muito específico de uma sociedade, de um grupo. Muitas vezes, ele é naturalizado pelo senso comum, mas anuncia distinções sociais.

> Se a comida é tratada como um código, as mensagens que ela codifica serão encontradas no padrão de relações sociais que estão sendo expressas. A mensagem trata de diferentes graus de hierarquia, de inclusão e exclusão, de fronteiras e transações através de fronteiras... as categorias de comida, por conseguinte, codificam eventos sociais (DOUGLAS, 1975, p. 61).

Corroboramos Woortmann (2013), quando afirma que a comida e os ingredientes para o seu preparo compõem uma linguagem e "falam" em função de várias perspectivas, seja pela religião, pela tradição culinária, por práticas que foram preservadas ou modificadas ao longo do tempo. Por isso, não é uma linguagem claramente percebida; está relacionada à cultura.

Outra forma de comensalidade comum em cenas urbanas cariocas é a presença de ambulantes vendendo quentinhas em pontos estratégicos, como esquinas de ruas, sinais de trânsito, calçadas com grande fluxo de pedestres ou saídas do Metrô. É uma opção de cardápio para o comensal que busca uma refeição com um preço mais em conta do que em um restaurante.

Figura 78 – Vendedora de quentinhas nas imediações da Cinelândia

Fonte: Autora, 2019.

No entanto, com a pandemia da Covid-19, que foi confirmada oficialmente no Rio de Janeiro em março de 2020, até um hábito ordinário dos moradores da cidade precisou ser interrompido, em função de uma série de medidas sanitárias determinadas pelo Poder Público para tentar frear a proliferação do vírus. Com isso, surgem novas formas de comensalidade e de sociabilidade nesse momento tão desafiador e delicado que vivenciamos.

6.2 **Novas e antigas comensalidades e sociabilidades em tempos de coronavírus**

Lockdown, quarentena, distanciamento social, isolamento, *home office*... Essas palavras entraram no nosso vocabulário diário nos últimos dois anos. Além de termos, eles impactaram intensamente a nossa comensalidade cotidiana. É importante sublinhar que nossa relação com a comida mudou na medida em que não podíamos sair para almoçar em um

restaurante, tomar um café com um amigo para colocar a conversa em dia ou simplesmente comer um pão na chapa na padaria durante as medidas restritivas impostas pelo governo para tentar frear a proliferação do vírus.

A determinação do Comitê Científico da Prefeitura, formado por infectologistas de renomadas universidades públicas do estado do Rio de Janeiro, reiterava a importância de lavar bem as mãos, utilizar máscara e manter o distanciamento social. Foram meses de fechamento de bares, restaurantes, lojas; apenas serviços essenciais podiam funcionar com capacidade limitada, como supermercados, hortifrutis e farmácias.

Em meio à pandemia da Covid-19, ambulantes de comida de rua tiveram que se adaptar para tentar garantir a saúde e a dos clientes. Essas prevenções incluíram no uniforme a máscara, como no caso da foto abaixo, em que o ambulante de comida de rua combina a proteção facial com a cor da camisa.

Figura 79 – Máscara facial de ambulante: forma de proteção e de publicidade

Fonte: O Globo, 2020

É interessante ressaltar que novos rituais de comensalidade foram impostos em função da doença. Tornou-se necessário usar máscara, tirar apenas na hora de comer, lavar as mãos ou limpar com álcool gel 70 por cento e manter o distanciamento social.

O Decreto[138] n.º 49692, publicado no Diário Oficial do Município, em 27 de outubro

[138] Decreto n.º 49692. Disponível em: <https://doweb.rio.rj.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/5141#/p:11/e:5141?find=autoriza%20a%20libera%C3%A7%C3%A3o%20de%20m%C3%A1scaras%20em%20espa%C3%A7os%20abertos>. Acesso em: 20 mar. 2022.

de 2021 e assinado pelo prefeito Eduardo Paes, suspendeu a obrigatoriedade do uso de máscara ao ar livre. A medida foi tomada, levando em consideração as recomendações do Comitê Científico da Prefeitura, o qual julgou que o índice de 65 % da população da cidade vacinada seria suficiente para afrouxar a determinação sanitária. No entanto, o prefeito Eduardo Paes salientou que não havia proibição para quem quisesse continuar usando a proteção inidividual e pediu para que a população evitasse aglomerações ao ar livre[139].

Segundo profissionais da área de saúde, para que a proteção facial tenha eficácia, é necessário que ela seja colocada cobrindo totalmente o nariz e a boca, com o intuito de bloquear a entrada do vírus. Só que, ao fazermos uma breve andança pelas ruas da cidade em março de 2022, encontramos ambulantes de comida de rua portando o acessório, mas colocando-o em outras partes do corpo, como exemplificamos em registros fotográficos a seguir.

[139] Prefeitura do Rio libera uso de máscaras em lugares abertos. Matéria da Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-10/prefeitura-do-rio-libera-uso-de-mascaras-em-lugares-abertos> Acesso em: 27 fev 2022.

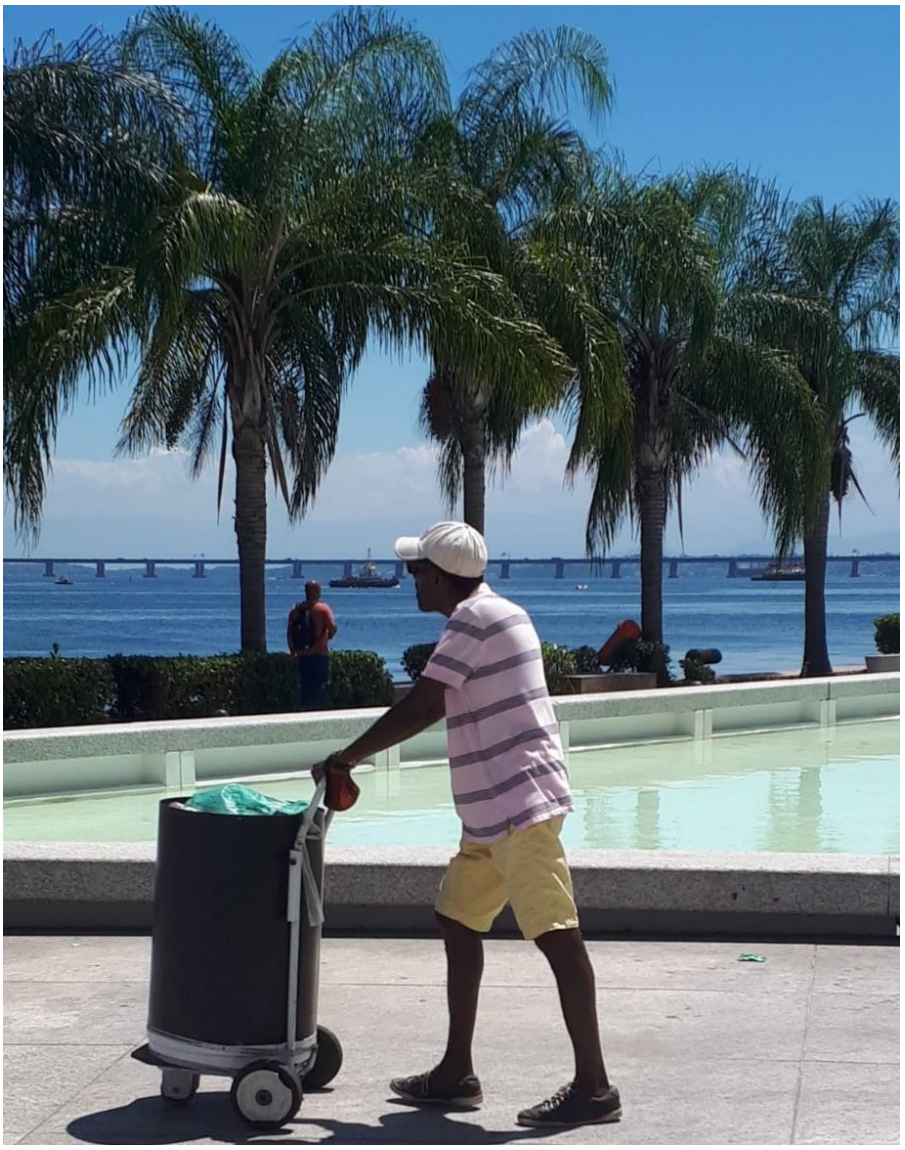
Figura 80 – Ambulante de coco: máscara no pescoço, mas com luva descartável

Fonte: Autora, 2022.

Figura 81 – Vendedor de tapioca recheada nos arredores da Cinelândia: máscara no queixo

Fonte: Autora, 2022.

Figura 82 – Ambulante de água no Porto Maravilha: máscara no punho



Fonte: Autora, 2022.

Também nos deparamos com ambulantes de comida de rua com a máscara colocada corretamente, como o vendedor de tapioca e churros que há 22 anos trabalha na Avenida Rio Branco, em frente ao Teatro Glauce Rocha, nas proximidades da estação do Metrô do Largo da Carioca.

Figura 83 – Vendedor de tapioca e churros não dispensa o uso da máscara

Fonte: Autora, 2022.

Retornar ao centro do Rio de Janeiro, ao ponto inicial desta tese, teve o objetivo de reoxigenar as ideias... Depois de dois anos de pandemia, em isolamento, tendo que alterar os rumos da pesquisa, da metodologia [140], fomos em busca de mudanças e de permanências das comensalidades que esse vírus provocou, como iniciamos nossas reflexões por meio das

[140] A metodologia deste capítulo, bem como dos demais, está minuciosamente desenvolvida no capítulo Metodologia, a partir da página 27.

imagens acima. Regressar em um lindo dia de sol, em um verão escaldante, típico carioca, com um sol para cada um e de máscara, foi um desafio prazeroso. A proposta era "sentir" esses espaços, essas ambiências urbanas que foram pesquisadas em 2019, conforme apresentado no item 3.5.1, *Os ambulantes: corpos em movimento*, depois de quase três anos de afastamento, para notar a "linguagem" da comida (WOORTMANN, 2013) e seus códigos (DOUGLAS, 1975).

Esses códigos (DOUGLAS, 1975) se mantêm, se atualizam ou se modificam ao longo do tempo em função das mudanças culturais da sociedade. Em nossas andanças pela zona portuária em frente à entrada do Museu do Amanhã, cartão postal da cidade, reencontramos ambulantes de comida e bebida de rua, mas não em grande número como em 2019. Eles comercializavam alimentos e produtos de consumo rápido, típicos do verão, como açaí, sacolé e, principalmente, água.

Interessante perceber que os ambulantes que vendiam água circulavam com seus triciclos, oferecendo o produto para turistas e pessoas que aproveitavam a sombra na entrada do equipamento cultural, sentados na beirada do lago, situação que não acontecia anteriormente.

Figura 84 – Vendedor ambulante de água circula em busca de clientes na Praça Mauá

Fonte: Autora, 2022.

A *gourmetização* da comida de rua permanece como marca registrada na Praça Mauá. Consumir um sacolé é uma experiência refrescante, mas, principalmente, é uma experiência simbólica, que representa um marcador social e delimitador de espaço, como salientam FREITAS, ÁVILA, 2010.

> [...] Consumir significa existir socialmente ou, em outras palavras, estar integrado à sociedade. Os diferentes grupos atraem-se e rejeitam-se de acordo com os valores minúsculos que compartilham e com o grau de individualização do grupo, ou seja, de identificação e projeção do cidadão em relação a ele. O papel do consumo, nesse quadro, é o de cimentar o novo cenário social que se estrutura (FREITAS, R, ÁVILA, V, 2010, p. 13).

Michel Agier (2013) elucida a questão das fronteiras como fato social no espaço urbano, já que são instáveis e em constante transformação. Ou seja, a ocupação de espaços pela comida de rua no centro do Rio de Janeiro ocorre de forma "negociada" entre os atores sociais que dividem e interagem naqueles locais. Vale ressaltar que, muitas das vezes, relações de troca são estabelecidas para garantir a permanência desse comércio, como acontece na zona portuária do Rio de Janeiro entre os ambulantes de comida de rua.

Com o intuito de ilustrar e complementar nossas reflexões, realizamos breves registros fotográficos na Praça Mauá metamorfoseada para atender às necessidades de um espaço urbano voltado, principalmente, para os turismos externo e interno. O cartaz da vendedora ambulante de sacolé corrobora esse olhar, ao nomear o produto com palavras em inglês: "Sacolé Ice TOP *gourmet*". Ao mesmo tempo, agrega a questão afetiva no preparo do produto: "Feito com amor em forma de sabor!", deixando uma mensagem subliminar de que não é uma produção em larga escala, industrializada como outros alimentos comercializados no local, conforme registros fotográficos abaixo.

Figura 85 – Não é qualquer sacolé. É Ice Top *gourmet*.

Fonte: Autora, 2022.

Figura 86 – Vendedoras ambulantes organizam sacolés *gourmet*.

Fonte: Autora, 2022.

Ainda em frente à entrada principal do Museu do Amanhã, é possível encontrar ambulantes de açaí, de água, de lembrancinhas da cidade, dividindo a urbe com outros trabalhadores informais, como fotógrafos que se oferecem para eternizar o momento da visita de turistas brasileiros e estrangeiros ao equipamento cultural. Na foto a seguir, ambulante de açaí aguarda pacientemente por clientes, e, ao fundo da imagem, turistas reunidos, consumindo água em outra barraquinha. Caso o freguês não tenha dinheiro trocado, não tem problema, o trabalhador autônomo aceita PIX.

Figura 87 – Na sombra do Museu do Amanhã, ambulante de comida de rua espera por freguês.

Fonte: Autora, 2022.

No entanto, a estrela de uma manhã linda de verão, de céu azul, temperatura beirando os 40 graus, em um típico mês de março, foi, sem dúvida, a água gelada, bebida cobiçada por turistas e visitantes da região.

Figura 88 – Calor escaldante: vendedor ambulante de água “salva” turistas sedentos na zona portuária.

Fonte: Autora, 2022.

No próximo item deste capítulo, abordaremos a presença constante dos entregadores de comida por aplicativos de *delivery*, como *IFood*, *Rappi*, depois de dois anos da pandemia de Covid-19 nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. O crescimento da visibilidade desses profissionais no início da pandemia já foi apresentado de forma detalhada no capítulo *Cadê aplauso pá noiz, jow? Cadê? Eu quero vê, mano:* o imaginário dos entregadores de aplicativo durante a pandemia no episódio 1 de *Motoboys: os heróis da quarentena.*

6.3 **As mudanças do espaço comensal da casa e da rua com a presença dos entregadores de comida por aplicativo no Rio de Janeiro**

Rapidez, manobras arriscadas, andando na contramão, em cima da calçada, avançando sinais para entregar o pedido no tempo exigido pelos algoritmos. Ao circular pelas ruas da segunda maior cidade do país, esbarramos com esses trabalhadores autônomos o tempo todo, seja em portas de padarias, restaurantes, *shoppings*, aguardando a vez para fazer mais uma entrega de comida ou em meio ao trânsito caótico. Esses motoqueiros e ciclistas “desesperados”, chefiados por patrões invisíveis, parecem hipnotizados, expondo seus corpos, sem mensurar os riscos a que estão sujeitos.

Esses corpos em movimento se apropriam e redesenham a cidade, utilizam brechas (DE CERTEAU, 1994), resistem à planificação urbana e à colonização dos espaços

(RODRIGUES E SANTOS,2019). Portanto, corroboramos o olhar de Jacques (2012), de que as experiências de atores sociais e de pesquisadores nas ruas sejam errantes, isto é, signifiquem resistência aos modelos hegemônico e estruturalista do espaço urbano.

> Para os errantes, a cidade não é puramente imagem ou cenário em que a vida acontece, mas é a cidade vivida e inscrita no corpo por meio da experiência. É incorporada que ela resiste à sua modelagem pelos projetos universalizantes, uma vez que a mera existência de tais corporalidades vilipendia e delata as tentativas de captura e domesticação (RODRIGUES E SANTOS, 2019, p. 193-194).

Essa força da experiência do corpo com a urbe é notada por meio dos entregadores de comida por aplicativo, em vários momentos cotidianos. Isso pode ser visto quando eles correm em suas bicicletas bem ao lado de um Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), em plena Avenida Rio Branco, como se seus corpos e a urbe fossem unos.

Nesse contexto, quem pensou que a permanência desses profissionais se limitaria ao pico dos casos de Covid-19 se enganou. Mesmo com 85,4% da população total da cidade do Rio de Janeiro vacinada com duas doses ou dose única do imunizante, de acordo com dados coletados no Painel Rio COVID-19, divulgados pelo Observatório Epidemiológico da cidade do Rio de Janeiro em 27 de março de 2022 [141], esses profissionais autônomos permanecem entregando comida em lares, no trabalho ou onde o cliente pedir, por meio de aplicativos.

Essa nova comensalidade em trânsito que se intensificou com a pandemia veio para ficar. Antes de março de 2020, era comum encontrarmos entregadores de farmácia e de restaurantes nas ruas, assim como uma presença tímida de *motoboys* e ciclistas com mochilas térmicas coloridas nas costas, fazendo propaganda dos aplicativos como *IFood*, *Rappi* e *Uber Eats*. Vale ressaltar que são os trabalhadores que compram as *bags* e, se quiserem camisa com proteção solar contra os raios UV, também precisam desembolsar do próprio bolso.

Mesmo sendo *outdoors* ambulantes dessas marcas que circulam em todas as regiões da cidade, sete dias na semana, essas empresas não apoiam os entregadores quanto aos acessórios fundamentais para a atividade. Em contrapartida, gastam verbas vultosas para contratar artistas renomados, como é o caso do *IFood*, com Thaís Araújo e Lázaro Ramos, e o ex-*big brother* Gil do Vigor, novo garoto propaganda.

Esses trabalhadores autônomos são responsáveis pela mediação e facilitação das relações sociais que envolvem o preparo, a distribuição e a venda de alimentos. Apesar da

[141] Dados disponíveis no *site* do Observatório Epidemiológico da cidade do Rio de Janeiro, no painel Rio COVID-19. Disponível em: <https://experience.arcgis.com/experience/38efc69787a346959c931568bd9e2cc4>. Acesso em: 27 mar. 2022.

relevância da atividade, como já citamos, é uma categoria que sofre com a uberização (SLEE, 2017), a precarização de direitos sociais e a má remuneração.

Em meio à nossa experiência errante (RODRIGUES E SANTOS, 2019) pelas ruas do centro do Rio de Janeiro em março de 2022, encontramos entregadores sentados, conversando, aproveitando a sombra de uma árvore em frente à estação do VLT no Largo da Carioca. Em um papo descontraído e rápido, eles confirmaram as palavras de Paulo Galo, líder do movimento Entregadores Antifascistas em São Paulo, assunto abordado e discutido no item 5.3, Movimento # BrequeDosApps: "Nossas vidas valem mais que o lucro deles!". Eles afirmaram que o trabalho melhorou durante o período da pandemia, pois aumentaram as entregas, mas os ganhos continuam pequenos, porque as plataformas digitais ficam com a maior parte dos lucros.

O baixo valor das taxas repassadas aos entregadores de comida pelos aplicativos é uma denúncia permanente desses trabalhadores autônomos. Com os constantes aumentos da gasolina e do custo de vida, *motoboys* e ciclistas fizeram uma paralisação no dia 18 de março de 2022, reivindicando reajuste nas tarifas de entrega. Eles saíram em comboio por vários bairros da cidade como Tijuca, Vila Isabel, Ipanema, Copacabana e Botafogo[142].

Apesar do *IFood* ter anunciado reajuste da taxa mínima paga à categoria a partir de 2 de abril, a informação não impediu que os profissionais cruzassem os braços. De acordo com a reportagem publicada pelo jornal Extra[143] , a empresa prometeu um aumento de 12,9% para os entregadores, reajuste acima da inflação de 10,54%, percentual acumulado em 12 meses, de acordo com o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

Paralelamente, a prefeitura do Rio de Janeiro lançou o "Valeu", o *delivery* carioca, o primeiro aplicativo de entrega de alimentos desenvolvido pelo Poder Público no país, segundo o *site* do governo municipal [144], que pretende ajudar bares, restaurantes e entregadores a receber mais, sem cobrança de taxa ou com um valor menor pelo uso da plataforma. O lançamento do aplicativo foi feito pelo prefeito Eduardo Paes no dia 28 de março de 2022, no Palácio da Cidade, em Botafogo, na zona sul do Rio de Janeiro. A ideia é concorrer com aplicativos líderes de mercado como o *IFood* e *Rappi*.

---

[142] "Mesmo após anúncio de reajuste da taxa paga pelo iFood, entregadores cruzam os braços no Rio". Disponível em: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/mesmo-apos-anuncio-de-reajuste-da-taxa-paga-pelo-ifood-entregadores-cruzam-os-bracos-no-rio-25438502.html>. Acesso em: 31.mar.2022.

[143] Ibidem.

[144] "Prefeitura lança aplicativo de *delivery* que prevê taxa zero para restaurantes e o dobro da remuneração para entregadores". Disponível em: <https://prefeitura.rio/fazenda/prefeitura-lanca-aplicativo-de-delivery-que-preve-taxa-zero-para-restaurantes-e-o-dobro-da-remuneracao-para-entregadores/>. Acesso em: 31 mar. 2022.

De acordo com reportagem publicada no *site* da prefeitura do Rio de Janeiro[145], os ganhos para esses trabalhadores autônomos podem dobrar em relação a outros aplicativos de entrega, mas depende do valor dos pedidos dos consumidores.

> Nas compras até R$100 reais, o profissional vai receber um mínimo de R$ 7 por pedido, 27,2% a mais do que a média de R$ 5,5 praticada no mercado. Em compras acima desse valor, o entregador vai receber, além do mínimo de R$ 7, mais 2% do valor do pedido, o que já representará um aumento de 100%. Os valores serão pagos diretamente pelos restaurantes.[146]

O nome "Valeu" foi escolhido em função do linguajar do carioca, porque é uma expressão cotidiana em conversas informais pela cidade. Outra ideia para batizar o aplicativo era "Já é", mas ela foi descartada porque outra marca já havia registrado a nomenclatura.

A seguir uma das peças publicitárias do aplicativo divulgadas pela prefeitura do Rio de Janeiro em 28 de março de 2022.

Figura 89 – Imagem publicitária do aplicativo "Valeu", o *delivery* carioca.

Fonte: O Globo, 2022[147]

[145] "Prefeitura lança aplicativo de *delivery* que prevê taxa zero para restaurantes e o dobro da remuneração para entregadores". Disponível em: <https://prefeitura.rio/fazenda/prefeitura-lanca-aplicativo-de-delivery-que-preve-taxa-zero-para-restaurantes-e-o-dobro-da-remuneracao-para-entregadores/>. Acesso em: 31 mar. 2022.

[146] Disponível em: <https://prefeitura.rio/fazenda/prefeitura-lanca-aplicativo-de-delivery-que-preve-taxa-zero-para-restaurantes-e-o-dobro-da-remuneracao-para-entregadores/>. Acesso em: 1 abr. 2022.

[147] Disponível em: < https://oglobo.globo.com/rio/valeu-saiba-como-novo-aplicativo-publico-vai-disputar-

Acontece que a novidade foi recebida com uma certa desconfiança por parte dos entregadores de aplicativo. Eles afirmam não terem sido consultados sobre o novo *delivery* carioca, como garante Ralf Alexandre Campos, o Ralf MT, liderança da categoria no Rio de Janeiro ao ser entrevistado pelo O Globo.

> Não entendo como a prefeitura desenvolve um programa desses sem ouvir os entregadores. O ideal era que eles já começassem com um credenciamento para os entregadores, não apenas para os estabelecimentos. Poderiam pensar também em um valor melhor para a categoria por entregas. O mercado está disputado e difícil de ganhar um pouco mais sem trabalhar umas 14 horas por dia. [148]

Quando abordamos a questão dos entregadores de comida por aplicativo, emergem várias possibilidades de pesquisa e de análise. Por ser um tema atual, pulsante, presente no nosso cotidiano, surgem novidades, atualizações e reflexões constantemente. É um assunto instigante, um objeto vivo, sendo um reflexo da nossa sociedade, que, desde a escravidão no século XIX, é composta por desigualdades sociais, por gestões públicas voltadas para atender aos interesses da Corte, dos mais ricos. Elas são mediadas, na contemporaneidade, pelo discurso neoliberal, privilegiando o capital, em que os sujeitos são totalmente responsáveis pelo seu sucesso ou fracasso.

---

paladar-da-populacao-carioca-1-25450129>. Acesso em: 1 abr. 2022.

[148] Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/valeu-saiba-como-novo-aplicativo-publico-vai-disputar-paladar-da-populacao-carioca-1-25450129>. Acesso em: 1 abr. 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bip, bip, trim, trim... Ao longo dos últimos dois anos, entre março de 2020 e abril de 2022, esses sons ecoavam na minha janela. Era de manhã cedo, à tarde, à noite, de madrugada. Sabe de onde eles partiam? De motos e bicicletas de entregadores de comida por aplicativo que circulavam pela rua, como se eles estivessem me lembrando constantemente da sua importância e a da minha investigação. Algumas vezes, esses tinidos eram um estímulo para escrever.

Para entendermos o presente, devemos nos ancorar no passado e tentar perceber os rastros, os vestígios deixados pelo caminho: históricos, culturais, sociais. Partimos desse horizonte para iniciarmos a investigação e notamos muitas conexões e aproximações nessa trajetória.

A primeira delas é que a comida de rua "transita" pela cidade do Rio de Janeiro, desde que o Brasil era colônia de Portugal, pelas mãos calejadas de escravos e escravas que ocupavam esquinas de ruas e calçadas, vendendo frutas, doces, só para citar alguns exemplos. Vale ressaltar que eles eram obrigados por seus "donos" a dividir os lucros das vendas, e alguns deles aproveitavam para guardar o dinheiro que recebiam para tentar comprar a tão sonhada Carta de Alforria (MOTTA, 2004).

Nessa breve trajetória histórica, no início do século XX, a ocupação das ruas do Rio de Janeiro e a comercialização de alimentos eram realizadas por outros atores sociais: os ambulantes que vendiam galinhas vivas, bebidas, peças de porco, cebola, alho etc. Eram pessoas pobres, mal-vestidas, sujas, "invisíveis" perante a sociedade da época.

Essa invisibilidade também é percebida na contemporaneidade. Agora, os entregadores de comida por *delivery* são mais ágeis, cortam a urbe em bicicletas e motos, tentam acompanhar o ritmo acelerado, frenético, dessa metrópole conectada, com trânsito engarrafado, caótico. Expõem seus corpos errantes (RODRIGUES E SANTOS, 2019), que não percebem a cidade simplesmente como uma paisagem, mas como uma experiência que esculpe seus corpos.

Gostaríamos de salientar que, ao longo da escrita da tese, atravessada pela pandemia da Covid-19, ela precisou se adaptar, buscar outros caminhos, assim como nossas vidas nesse período, sendo possível refletir e aprofundar questões atuais. Entretanto, em nenhum momento, pensamos em ver a vida com o olhar pessimista, mas, sim, tentando identificar alguns interesses econômicos e políticos, que são naturalizados, defendidos de forma globalizada pelo Neoliberalismo.

Utilizamos, como instrumentos de reflexão, imagens, filme de ficção, vídeo de humor, que deixam mensagens, que "cutucam" as mazelas da sociedade contemporânea. Além disso, embricamos com a realidade contada por meio de relatos de reportagens pontuais da Folha de São Paulo que se coadunam com os *motoboys* e suas reivindicações no Movimento #BrequeDosApps. Afora as dificuldades desses trabalhadores precarizados, mal remunerados, explorados, retomamos a questão da comida de rua no centro do Rio de Janeiro, suas antigas e novas comensalidades com a pandemia, a presença de ambulantes em pontos turísticos, que ocupam e redesenham áreas gentrificadas pelo Poder Público.

Este estudo tem três questões pontuais: apresentar a importância da comida de rua no centro do Rio de Janeiro ontem e hoje, expor a influência da tecnologia no trabalho precarizado de atores sociais uberizados (SLEE, 2017) – esse novo proletariado de serviços na era digital (ANTUNES, 2020) em que a técnica do poder do regime neoliberal (HAN, 2017), em sua forma sutil, faz com que indivíduos internalizem a conjuntura da dominação imposta como liberdade e não autoexploração – e trazer reflexões de que esses arranjos econômicos e políticos, voltados para as minorias desde o Brasil Colônia até à pós-modernidade, levam em consideração interesses de grupos privilegiados, seja a Corte ou a burguesia, em que o povo fica à mercê de decisões deterministas.

Consideramos que a principal contribuição da pesquisa é identificar que escravidão e comensalidade estão interligados ao longo da trajetória histórica do Brasil. Ou seja, observamos que tanto escravos de ganho no século XIX quanto entregadores de aplicativo na contemporaneidade são os responsáveis pela comensalidade no Rio de Janeiro. A partir do momento em que esses atores sociais de ontem e de hoje não tinham/têm condições dignas de trabalho, são invisíveis, são vidas que não fazem falta (AGAMBEN, 2010) para a sociedade.

Evidentemente, o estudo é apenas uma pequena colaboração, visto que é um tema atual, vivo, empolgante e complexo. Um acervo de informações foi guardado para investigações que pretendemos mergulhar posteriormente. Uma das questões que emergem é que a escravidão no Brasil não acabou com a assinatura da Lei Áurea em 1888. Ela terminou na teoria, mas não na prática.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. de A. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2013.

ABREU, R. *A capital contaminada*: a construção da identidade nacional pela negação do "espírito carioca". In: LOPES, Antônio Herculano (Org.). Entre Europa e África: A Invenção do carioca. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

ADORO CINEMA. *Kes*. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-4551/>. Acesso em: 3 abr. 2021.

AGAMBEN, G. *Homo sacer*: o poder soberano e a vida nua I. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AGÊNCIA BRASIL. *Prefeitura do Rio libera uso de máscaras em lugares abertos*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-10/prefeitura-do-rio-libera-uso-de-mascaras-em-lugares-abertos> Acesso em: 27 fev 2022.

AGIER, M. *La condition cosmopolite. l `antropologie à l`épreuve du piège identitaire. Éditions la découverte:* Paris, 2013.

ALIANÇA BIKE. *Pesquisa de perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo*. Disponível em: <http://aliancabike.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Apresentac%CC%A7a%CC%83o-entregadores.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.

ANDRÉ MOTTA. [Sem título]. Disponível em: <brasil2016.gov.br.> 1 fotografia.

ANS. *Campanha da ANS reforça recomendação pelo uso de máscara de proteção contra o Coronavírus*. Disponível em: <http://www.ans.gov.br/aans/noticias-ans/coronavirus-covid-19/coronavirus-todas-as-noticias/5509-campanha-da-ans-reforca-recomendacao-pelo-uso-de-mascara-de-protecao-contra-o-coronavirus>. Acesso em: 4 set.2020.

ANTUNES, R. *O privilégio da servidão:* o novo proletariado de serviços na era digital. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos:* ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/36379499/BACHELARD-Gaston-A-Agua-e-os-sonhos#download>. Acesso em: 27 mar. 2021.

BARREIRA, G. *Após 4 anos, Praça Mauá, no Rio, é reinaugurada com shows gratuitos.* Portal G1, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/apos-4-anos-praca-maua-no-rio-e-reinaugurada-com- shows-gratuitos.html>. Acesso em: 2 nov. 2019.

_____. *Witzel diz que decretará situação de emergência no RJ devido ao novo coronavírus*. Portal G1, Rio de Janeiro, 16 mar. 2020. Disponível em: < https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/16/witzel-diz-que-organiza-proposta-para-declarar-situacao-de-emergencia-no-rj-devido-ao-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 18 jul. 2020.

BAUMAN, Z. *Globalização*: as consequências humanas. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar,2005.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar,2001.

_____. *Vida para consumo*: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro:Zahar, 2007.

BBC NEWS. *Nível de desemprego na Grã-Bretanha é o maior desde 1995*. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/08/090812_desempregogbfn>. Acesso em: 3.out. 2021.

_____. Versus: *The Life and Films of Ken Loach*. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/bbcfilm/films/versus-the-life-and-films-of-ken-loach>. Acesso em: 4 abr. 2021.

BECKER, H. S. *Falando da sociedade:* ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges; KarinaKuschnir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. Tradução: Marco Estevão, Renato Aguiar. 2.ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

BIBLIOTECA NACIONAL. *Acervos*.Disponível em: < https://www.bn.gov.br/explore/acervos>. Acesso em: 20 jul. 2020.

BITTER, D.; BITAR, N. P. *Comida, trabalho e patrimônio*. Notas sobre o ofício das baianas de Acarajé e das tacacazeiras. Revista Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 18,

BORBA, D. *Trabalhar para colocar comida na mesa: o trabalho dos entregadores e entregadoras de delivery em Uberlândia, MG sob a pandemia de Covid-19.* Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Ciências Sociais (INCIS), Trabalho de Conclusão de Curso, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/33576>. Acesso em: 30 dez. 2021.

BOSI, M. L. M.; PRADO, S. D.; AMPARO-SANTOS, L. (Org.) *Cidade, corpo e alimentação*: aproximações interdisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRASIL. Câmara dos deputados. *Lei Nº 1.261 de 31 de outubro de 1904*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1900-1909/lei-1261-31-outubro-1904-584180-publicacaooriginal-106938-pl.html>. Acesso em 28. jan. 2022.

_____. *Projeto de Lei n.º 1665/2020*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=node0uf7bl8wljf81r3q8h9ur8zus25599901.node0?codteor=1874917&filename=Tramitacao-PL+1665/2020>. Acesso em: 21 jan. 2022.

BRITANNICA. *Ken Loach Biography*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ken-Loach>. Acesso em: 2 abr. 2021.

BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas:* notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CANEVACCI, M. *A cidade polifônica:* ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. 1ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CARVALHO, C. da V. S. de; KRAEMER, F. R. F.; PRADO, S. D. (Org.) *Comensalidades em Trânsito*. Série Sabor Metrópole. V. 11. Salvador: Edufba, 2020.

CATRACA LIVRE. *Entregador ganha lanche surpresa de cliente no RJ e se emociona*. Disponível em:< https://catracalivre.com.br/cidadania/entregador-ganha-lanche-surpresa-de-cliente-no-rj-e-se-emociona/ >. Acesso em: 05 set.2020.

CHALHOUB, S. *Trabalho, lar e botequim:* o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. 3. ed. Campinas: Campinas, 2012.

CHAO, A. *Comunicação e cultura*: a Feira das Yabás. Dissertação de Mestrado (Comunicação Social). Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Estadodo Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/9034>. Acesso em: 15 jan. 2019.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia.* São Paulo: Ática, 1999.

_____. Espinosa: *uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.

_____. *Paixão, ação e liberdade em Espinosa.* Folha de São Paulo, Seção Brasil 501 d.C. São Paulo, 20 ago. 2000. Disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2008200006.htm>. Acesso em: 13 dez. 2019.

CINEMATOGRAPHO. 1907. 1 fotografia.

CLAUDIA, M. *Quintas do LADIGE*: Debate 'O mundo dos bens' de Douglas e Isherwood. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ndKn7I_L_wY>. Acesso em: 1 mar. 2022.

CONGRESSO NACIONAL. *Projeto de Lei n.º 1665/2020*. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/materias-bicamerais/-/ver/pl-1665-2020>. Acesso em: 21 jan. 2022.

CORREIA, A. C. C. *Posicionamento desejado vs posicionamento percebido***:** estudode caso pedagógico da marca de *Street Food* "Comida de Rua". 2015. Dissertação de Mestrado (Gestão). Departamento de Marketing, Operações e Gestão geral, ISCTE *Business School*, Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/11471>. Acesso em: 20 jan. 2019.

COSTA, N. D. *Trabalhe você mesmo*: o trabalho "criativo" na sociedade de plataforma. Contracampo, Niterói, v. 39, n. 2, p. 42-58. ago/nov. 2020.

DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano 1*: artes de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DEBRET, J. B. *Maison a louer, cheval et chévre a vendre*. 1835. 1 gravura.

_____. *Maison alouer, cheval et chèvre a vendre Paris*. 1835. 1 gravura.

_____. *Vendeurs de lait et de capim*. 1835. 1 gravura.

DESCARTES, R. *As paixões da alma*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DIÁRIO DO RIO. *História do Elevado da Perimetral*. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-do-elevado-da-perimetral>. Acesso em 19 out. 2020.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. *Lei 14297/2022*. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=515&pagina=1&data=06/01/2022>. Acesso em: 21 jan. 2022.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <https://coronavirus.rj.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/DIARIO-OFICIAL-17_03_2020.pdf.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

_____. *Decreto estadual n° 46.973 de 16 de março de 2020*. Reconhece a situação de emergência na saúde pública do Estado do Rio de Janeiro em razão do contágio e adota medidas de enfrentamento da propagação decorrente do novo coronavírus (COVID-19) e dá outras providências.

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. *Decreto n.º 49692*. Disponível em: <https://doweb.rio.rj.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/5141#/p:11/e:5141?find=autoriza%20a%20libera%C3%A7%C3%A3o%20de%20m%C3%A1scaras%20em%20espa%C3%A7os%20abertos>. Acesso em: 20 mar. 2022.

DOSSE, F. *A História em Migalhas dos Annales à Nova História*. Bauru, SP: EDUSC,2003.

DOUGLAS, M. *Deciphering a meal: implicit meanings*. London: Routledge; Kegan Paul, 1975.

_____.; ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens*: para uma antropologia do Consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004, 2006.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Tradução de Hélder Godinho. Lisboa: Presença,1997.

EDMUNDO, L. *O Rio de Janeiro do meu tempo***.** Rio de Janeiro: Conquista, 1957, v.1.

EL PAÍS. *Ken Loach*: "Sou otimista, os povos sempre resistirão". Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/31/cultura/1572512849_607957.htm>. Acesso em: 6 abr. 2021.

_____. *O 'até logo' de Ken Loach*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/22/cultura/1400752995_123294.html>. Acesso em: 4 abr. 2021.

ELIAS, N. *O Processo civilizador*: uma história dos costumes. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

EPI RIO. *Painel Rio COVID-19*: vacinação contra COVID-19. Disponível em: <https://experience.arcgis.com/experience/38efc69787a346959c931568bd9e2cc4 >. Acesso em: 27 mar. 2022.

EXAME. *Como é a rotina de um motoboy em São Paulo na quarentena*. Disponível em: disponíveis em: <https://exame.com/carreira/como-e-a-rotina-de-um-motoboy-em-sao-paulo-na-quarentena/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

EXTRA. *Mesmo após anúncio de reajuste da taxa paga pelo Ifood, entregadores cruzam os braços no Rio*. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/mesmo-apos-anuncio-de-reajuste-da-taxa-paga-pelo-ifood-entregadores-cruzam-os-bracos-no-rio-25438502.html>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FEIJÃO, R. *Moda e moral*: algumas questões entre os séculos XIX e XX. Revista Contemporânea, Ed.22, Vol.11, N° 2, 2013.

FERREZ, M. [*Sem título*]. [??]. 1 fotografia.

_____. [*Sem título*]. 1875 circa. 1 fotografia.

_____. [*Sem título*]. 1875. 1 fotografia.

_____. [*Sem título*]. 1885. 1 fotografia.

_____. [*Sem título*]. 1895. 3 fotografias.

_____. *Avenida Central – vista para o sul*. 1903. 1 fotografia.

_____. *Avenida Central*. 1906. Negativo de vidro, 1 fotografia.

_____. *Cine Pathé*. 1918. 1 fotografia.

_____. *Mercado da praia do peixe*. 1890. 1 fotografia.

_____. *Place 15 de novembre*. 1897. 1 fotografia.

_____. *Theatro Municipal*. 1909. 1 fotografia.

FIGUEIREDO, W. *A Polêmica Demolição do Elevado da Perimetral*. Faculdade de Engenharia da UERJ. 22. dez. 2012. Disponível em: <http://www.eng.uerj.br/noticias/1356198273-A+Polemica+Demolicao+do+Elevado+da+Perimetral >. Acesso em: 20 out. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Ato de motoboys une poucos entregadores nas ruas e expõe racha político na categoria*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/07/ato-de-motoboys-une-poucos-entregadores-nas-ruas-e-expoe-racha-politico-na-categoria.shtml>. Acesso em: 18 jan. 2022.

_____. *Concentração de motoboys em segundo "Breque dos Apps" é fraca*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/07/concentracao-de-motoboys-em-segundo-breque-dos-apps-e-fraca-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 16 jan. 2022.

_____. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

_____. *Entregador antifascista critica precarização do trabalho e omissão de veículos da imprensa*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/entregador-antifascista-critica-precarizacao-do-trabalho-e-omissao-de-veiculos-da-imprensa.shtml>. Acesso em: 20 jan. 2022.

_____. *Entregador é chamado de lixo e sofre racismo de cliente no interior de São Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/08/entregador-e-chamado-de-lixo-e-sofre-racismo-de-cliente-no-interior-de-sao-paulo.shtml?origin=folha>. Acesso em: 23 jan. 2022.

_____. *Entregadores de app carregam pratos de mais de R$ 100,00 e almoçam comida fria no meio-fio*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/07/entregadores-de-app-carregam-pratos-de-mais-de-r-100-e-almocam-comida-fria-no-meio-fio.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2022

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir:* nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREITAS, R, ÁVILA, V. *Comunicação, Consumo e Cidade*: Praças de Alimentação dos shoppings do Rio de Janeiro. Periferia, 2010. Disponível em: <e-publicacoes.uerj.br>. Acesso em: 30 ago. 2020.

FURTADO, C. R. *Intervenção do Estado e (re)estruturação urbana*: um estudo sobre gentrificação. Caderno metropolitano, São Paulo, v.16, n. 32, p. 341-363, nov. 2014

G1 Rio. *RJ tem chuva forte e alagamentos*. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/09/22/fotos-rj-tem-chuva-forte-alagamentos-e-vias-interditadas.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2020.

G1. *Após 4 anos, Praça Mauá no Rio é reinaugurada com shows gratuitos*. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/apos-4-anos-praca-maua-no-rio-e-reinaugurada-com-shows-gratuitos.html>. Acesso em: 2 nov. 2019.

_____. *Covid-19*: pesquisa da Unicamp aponta que 59% dos entregadores sentiram queda na remuneração durante pandemia, Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/07/01/covid-19-pesquisa-da-unicamp-aponta-reducao-de-59percent-no-salario-de-entregadores-durante-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 2022.

_____. *Nº de desempregados diante da pandemia aumentou em 34 milhões em cinco meses, aponta IBGE*. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/23/no-de-desempregados-diante-da-pandemia-aumentou-em-34-milhoes-em-cinco-meses-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2020.

_____. *RJ tem chuva forte e alagamentos, fotos*. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/09/22/fotos-rj-tem-chuva-forte-alagamentos-e-vias-interditadas.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2020.

GARCIA, D. *Desemprego atingiu mais pretos do que brancos na pandemia*. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/08/desemprego-atingiu-mais-pretos-que-brancos-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 25 out. 2020.

GARCIA, R. W. D. G. *Práticas e comportamento alimentar no meio urbano***:** um estudo no Centro da Cidade de São Paulo. Cadernos de Saúde Pública *(Reports im Public Health)*, Rio de Janeiro, p.455-467. jul-set, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/HZsMB3DTF9jsZSxss6jJtpH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 18 jan. 2019.

GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais:* morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOMES, JR. [*Sem título*]. 1899 circa. 4 fotografias.

GOOGLE ACADÊMICO. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0%2C5&q=entregador%2C+aplicativo%2C+comida+2020-2021&btnG>. Acesso em: 30 dez. 2021.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Respeito à vida, São Paulo dirigindo com responsabilidade*. Disponível em: <http://www.respeitoavida.sp.gov.br/infosiga-aponta-crescimento-de-455-nos-acidentes-de-transito-entre-motociclistas-na-pandemia/>. Acesso em: 6 jan. 2022.

GUTIERREZ, J. [*Sem título*]. [189?]. 2 fotografias.

HAESBAERT, R. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, 2004.

HAN, B-C. *Sociedade do Cansaço*. 2015. Documentário Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=VbPvH515KoY>. Acesso em: 24 out. 2022.

_____.. *Sociedade do Cansaço*. 2ª. ed. ampliada. Petrópolis, Vozes, 2017.

HBO Brasil. *Delivery*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v3B9w6wWNQA&t=1s>. Acesso em 1 nov.2020.

IBGE. *IBGE apoiando o combate à COVID-19*. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>. Acesso em: 23 out. 2020.

_____. *Pandemia dificulta acesso de 28,6 milhões de pessoas ao mercado de trabalho na última semana de maio*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27972-pandemia-dificulta-acesso-de-28-6-milhoes-de-pessoas-ao-mercado-de-trabalho-na-ultima-semana-de-maio>. Acesso em: 23 out. 2020.

_____. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios COVID-19*. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>. Acesso em: 23 out. 2020.

IMS. Disponível em: <https://ims.com.br/acervos/pesquise-nos-acervos/#fotografia>. Acesso em: 20 jul. 2020.

INFOPEDIA. *Tradução de 'fade out'*. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/fade+out>. Acesso em: 7 mai. 2021.

KUWAE, C. A.; FERREIRA, F. R.; CARVALHO, M. C. da V. S. de; PRADO, S. D.; SILVA, L. F. da S. Sociabilidade e alimentação: um estudo sobre arranjos simbólicos em grandes centros urbanos. In: BOSI, M. L. M.; PRADO, S. D.; AMPARO-SANTOS, L. (Org.) *Cidade, corpo e alimentação*: aproximações interdisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2019.

LAVERTY, P. *Nosso filme olha para o caos da vida dominada pela tecnologia. É sobre essa falsa ilusão de liberdade*. El País. 28. fev. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-02-28/nosso-filme-olha-para-o-caos-da-vida-dominada-pela-tecnologia-e-sobre-essa-falsa-ilusao-de-liberdade.html>. Acesso em: 29 ago. 2020.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo*: antropologia e sociedade. 6ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

LEAL, C. O. B. S; TEIXEIRA, C. F. *Comida de rua*: um estudo crítico e multirreferencial em Salvador, Ba – Brasil. Revista Visão em debate: sociedade, ciência & tecnologia da Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ, 2014, 2 (04), p. 12 -22, 2 sem. 2014. Disponível em: <http://periodicos.fiocruz.br/pt-br/publicacao/16263>. Acesso em 16 jan. 2019.

LESSA, C. *O Rio de todos os Brasis*: uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LIMA, Paulo. *Como é a rotina de um motoboy em São Paulo na quarentena*. Exame. 28. abril. 2020. Disponível em: <https://exame.com/carreira/como-e-a-rotina-de-um-motoboy-em-sao-paulo-na-quarentena>. Acesso em: 1 nov. 2020.

_____. *Entregadores antifascistas*: "Não quero gado. Quero formar entregadores pensadores". Pública. 7. jun. 2020. Disponível em: < https://apublica.org/2020/06/entregadores-antifascistas-nao-quero-gado-quero-formar-entregadores-pensadores/>. Acesso em: 1 nov. 2020.

LÔBO et al. *Perfil e discurso de trabalhadores de comida de rua no Recôncavo da Bahia*,Brasil. Revista Visão em debate: sociedade, ciência & tecnologia da Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ, 2015, 3(1), p. 82-87, 1 sem. 2015. Disponível em: < https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/267>. Acesso em 16 jan. 2019.

LOUREIRO, A. C. N. da S. *Rio de Janeiro*: Uma Análise da Perda Recente de Centralidade. 2006. 117 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2006.

LUCENA, F. *História do Elevado da Perimetral*. Diário do Rio, Rio de Janeiro, 5 maio. 2016.

LUQUE, Marco. *Motoboys*: os heróis da quarentena | episódio 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KOcYxycL8fg>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MAFFESOLI, M. *A terra fértil do cotidiano*. Revista Famecos. Porto Alegre, n.º 36, Ago. 2008.

_____. *A transfiguração do político*: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. *O conhecimento comum:* introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre, 2010.

_____. *O Imaginário é uma realidade*. Revista Famecos, Porto Alegre, n° 15, ago. 2001, quadrimestral.

_____. *O tempo das tribos:* o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio deJaneiro: Forense Universitária, 1998.

_____. *O tempo retorna*: formas elementares da pós-modernidade. Tradução de Teresa Dias Carneiro; Revisão técnica de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MAGNANI, J.G. C.; TORRES, L. de L. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; Lilian de L. (Org.). *Na Metrópole*: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP,1996.

MAIA (*In memorian*), J. L. De A.; CHAO, A. R. de La T. *Boticas, butiquinhas, botecos, botequins:* sociabilidades, comensalidades dos espaços de lazer popular do moderno Rio de Janeiro. In:

BARCELOS, D. M. N.; AMARO, F.; FREITAS, R. (Orgs.). PRADO, S, D (Coord.).; *Consumos alimentares*: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Gramma, 2020.

MALTA, A. *Praça Marechal Floriano*. 1920. 1 fotografia.

_____. *Quiosque*. 1906. 1 fotografia.

_____. [*Sem título*]. 1907. 1 fotografia.

_____. [*Sem título*]. 1909. 1 fotografia.

_____. [*Sem título*]. 1911. 1 fotografia.

_____. [*Sem título*]. Coleção Cem anos no Brasil. 1929. 1 fotografia.

_____. *Avenida Central*. [Sem data]. 1 fotografia.

MAPA DE CULTURA. Disponível em: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/theatro-

MARTINS, C. B. C. *O Legado do Departamento de Sociologia de Chicago (1920-1930) na constituição do*

interacionismo simbólico. In: Revista Sociedade e Estado, v. 28, n° 2, Maio-Ago, 2013.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. *As técnicas corporais*. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Edusp, 1974. v. II. p. 209-233.

MELINA TAVARES. *Marco Luque*. Disponível em: <https://www.melinatavares.com.br/clientes/marco-luque/>. Acesso em: 3 ago. 2021.

MONTANARI, M. *Comida como cultura*. Tradução de Leticia Martins de Andrade. 2ª ed., São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

MORAES, Paul. *Commodificação de dados, concentração econômica e controle político como elementos da autofagia do capitalismo de plataforma*. In: Comciência, Revista eletrônica de jornalismo científico, 16 set. 2020. Disponível em: <https://www.comciencia.br/commoditificacao-de-dados-concentracao-economica-e-controle-politico-como-elementos-da-autofagia-do-capitalismo-de-plataforma/>.Acesso em: 1 fev. 2021.

MOTTA, M. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
municipal-do-rio-de-janeiro-2>. Acesso em: 12 out. 2020.
n. 38, p. 213- 236, jul. / dez 2012. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ha/a/sVd79NSMyzb6RzM6D8Zv9Zq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2019.

NEUSTADT, M. N. *A favela como lugar*: a representação da comunidade no curta Acende a Luz. Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Mídia e cotidiano da UFF, Niterói, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 124-138, junho, 2013.

_____. *Ambulante de comida de rua na zona portuária do Rio de Janeiro*. 2019. 1 fotografia, color.

_____. *Ambulante de comida de rua e sua carrocinha*. 2019. 1 fotografia, color.

_____. *Ambulantes de comida de rua em círculo em frente ao Museu do Amanhã*. 2019. 1 fotografia, color.

_____. *As representações da cultura: a cidade como cenário de interculturalidade*. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ, 2015.

_____. *Entregador ciclista de aplicativo a caminho de mais uma entrega*. 2020. 1 fotografia, color.

_____. *Entregador ciclista de aplicativo aguardando pedidos*. 2020. 1 fotografia, color.

_____. *Entregador de aplicativo alugando bicicleta*. 2020. 1 fotografia, color.

O GLOBO. *'Valeu"*: saiba como novo aplicativo público vai disputar o paladar da população carioca. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/valeu-saiba-como-novo-aplicativo-publico-vai-disputar-paladar-da-populacao-carioca-1-25450129>. Acesso em: 1 abr. 2022.

_____. *Coluna | "Você não estava aqui", de Ken Loach, e a uberização*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/coluna-voce-nao-estava-aqui-de-ken-loach-a-uberizacao-do-trabalho-24284015>. Acesso em: 25 ago. 2021.

_____. *Prefeitura retira primeira viga de aço da Perimetral*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-retira-primeira-viga-de-aco-da-perimetral-7493526>. Acesso em: 20 out. 2020.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso:* Princípios e Procedimentos. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____. *As formas do silêncio:* no movimento dos sentidos. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

PAES, E. *Prefeito retira primeira viga de aço da Perimetral*. O Globo. 05. fev. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-retira-primeira-viga-de-aco-da-perimetral-7493526>. Acesso em: 25

out. 2020.

PEREIRA, C; BARROS, C. *Cariocas não gostam de dias nublados*: comunicação, consumo e *lifestyle* no discurso da Farm. Revista Famecos. Porto Alegre, v.19, n. 3, p.839-854, set/dez, 2012.

PERIODICOS CAPES. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 3 jan. 2019.

PERTILE, K. *Em pratos limpos*: as comidas de rua no Brique da Redenção, em Porto Alegre/Rs – Brasil, e possibilidades para o turismo, 2014. Dissertação de Mestrado (Turismo).Programa de Pós-graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: < https://repositorio.ucs.br/handle/11338/746>. Acesso em: 10 jan 2019.

PESAVENTO, S. *História & História Cultural*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PREFEITURA RIO. *Prefeitura lança aplicativo de delivery que prevê taxa zero para restaurantes e o dobro da remuneração para entregadores*. Disponível em: <https://prefeitura.rio/fazenda/prefeitura-lanca-aplicativo-de-delivery-que-preve-taxa-zero-para-restaurantes-e-o-dobro-da-remuneracao-para-entregadores/>. Acesso em: 31 mar. 2022.

REVISTA DYSTOPIA. *A nova servidão no trabalho da era digital e pós-pandêmica*: entrevista com Ricardo Antunes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=92FwmCFjyBU&t=3s>. Acesso em: 6 jan. 2022.

ROCHA, E. *Magia e capitalismo*: um estudo antropológico da publicidade. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2010.

RODRIGUES, D. C. M.; SANTOS, L. A. Corpo, comida e rua: interfaces produzidas na cidade. In: BOSI, M. L. M.; PRADO, S. D.; AMPARO-SANTOS, L. (Org.) *Cidade, corpo e alimentação*: aproximações interdisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2019.

SAFATLE, V.; Silva Junior, N. Da; DUNKER, C. (Org.). *Neoliberalismo como gestão de sofrimento psíquico*. 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SANTOS, E. I. dos; VELOSO, L. Consumo e sociabilidade na construção do imaginário carioca. In: BARBOSA, L.; PORTILHO, F.; VELOSO, L. (Org.). *Consumo: cosmologias e sociabilidades*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço*: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4.ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

_____. *Técnica, Espaço, Tempo*: Globalização e Meio Técnico- Científico – Informacional. 5 ed . São Paulo: USP, 2008.

_____. *Técnica, espaço, tempo*: globalização e meio técnico-científico-informacional. 5.ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2008.

SEBADELHE, Z. *Origens*. In: MELLO, Paulo; SEBADELHE, Zé (Org.) *Memória afetiva do botequim carioca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

SENNETT, R. *Construir e habitar*: ética para uma cidade aberta. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

_____. *Carne e pedra*: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *A corrosão do caráter:* consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, J. et al. *Alimentação e cultura como campo científico no Brasil*. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 20 [2], p.413-442, 1 sem. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v20n2/a05v20n2.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2019.

SILVA, R. D. da. *Rio de Janeiro*: *crescimento, transformações e sua importância para economia nacional (1930-2000*). 2004. 180 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Instituto de Economia,

Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

SILVA, S. L. P da S; REZENDE, D. E. *Memórias subterrâneas na fotografia de Augusto Malta*: imagens, disputas e identidades no Brasil da modernidade. V.8, n. 13, p 1-22, 2017. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/65989>. Acesso em: 24. out. 2020.

SILVEIRA, D. *Desemprego diante da pandemia bate recorde no Brasil em setembro, aponta IBGE*. *Portal G1*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: < https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/23/no-de-desempregados-diante-da-pandemia-aumentou-em-34-milhoes-em-cinco-meses-aponta-ibge.ghtml >. Acesso em: 24 out. 2020.

SIMMEL, G. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, G, O. (Org.). O fenômeno urbano. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 11-25.

_____. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1973.

SIQUEIRA, A. C. R. de. *A hora do almoço na balança: um estudo sobrerestaurantes a quilo no centro do Rio de Janeiro*, 2008. Dissertação de Mestrado (Sociologia). Programa de Pós-graduação do Departamento de Sociologia Política e Cultura,Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em:<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=12446@1>. Acesso em: 19 jan. 2019**.**

SIQUEIRA, D. da C. O. *Comida de rua*: corpo, emoções e etnocentrismo na cidade. In: SIQUEIRA, D. da C. O. *Não queremos guerra, queremos esfirra**!*** – etnocentrismo, interação e afetos no jornalismo. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 27, 2018, Belo Horizonte: PUC, 2018. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_KFO4EZ4NPXDTEKJ14NX1_27_6325_11_02_2018_13_21_04.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2019.

SLEE, T. *Uberização:* A nova onda do trabalho precarizado. 1ª ed. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

SOARES, L. C. *Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.8, n.º 16, p.107-142, mar.88/ago 88.

SODRÉ, Muniz. Aula Magna de 2021.1 do Programa de Pós- graduação em geografia da UFF (POSGEO/ UFF) realizada de forma virtualizada no dia 18. 03. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/PosGraduacaoemGeografiaUFF/videos/291262635692175./>. Acesso em: 11 abr. 2021.

SOUZA, J. *A elite do atraso*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

_____. *Um povo dominado pelo racismo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FxSAmIcoldM>. Acesso em: 5 jan. 2022.

TABAK. F. *Em campanha, Paes tenta vincular sua imagem às transformações feitas por Pereira Passos*. O Globo, Rio de Janeiro, 09 jul. 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/em-campanha-paes-tenta-vincular-sua-imagem-as-transformacoes-feitas-por-pereira-passos-5433676>. Acesso em: 18 out. 2020.

TARULEVICZ, N. *Hawkerpreneurs; Hawkers,etrepreneurship and reinventing street food in Singapore.* RAE Journal of Business *Management of São Paulo School of Business Adminstration*, FGV SP, São Paulo, 58 (3), p. 291-302, May- June 2018. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/issue/viewFile/58-3/2121#page=79>.Acesso em: 27 jan. 2019.

TAUIL. *Carioca* – Chico Buarque. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=WcRVJDZjJj8>. Acesso em: 6. fev. 2022.

THE INTERCEPT BRASIL. '*Parceria de Risco' aplicativos lucram com Coronavírus pondo entregadores em risco de contágio*. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/23/coronavirus-aplicativos-entrega-comida-ifood-uber-loggi/>. Acesso em: 27 set. 2020.

THE INTERCEPT. *Aplicativos entrega comida Ifood, Uber e Loggi*. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/23/coronavirus-aplicativos-entrega-comida-ifood-uber-loggi/>. Acesso em: 27 set. 2020.

Theatro Municipal. 1905. 1 fotografia.

TRIPADVISOR. *Feira da Praça XV*. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303506-d4236117-Reviews-Feira_da_Praca_XV-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html>. Acesso em: 22 out. 2020.

UOL. *Acreditaram na mentira do empreendedorismo, diz líder do Entregadores Antifascistas*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/07/acreditaram-na-mentira-do-empreendedorismo-diz-lider-do-entregadores-antifascistas.shtml>. Acesso em: 15 jan. 2022.

_____. *Estudo*: jornada média de entregadores de aplicativos é de 65 horas semanais. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/12/15/estudo-entregadores-aplicativos-plataformas-oit-cut.htm>. Acesso em 3 jan. 2022.

VALLADARES, A. *A gênese da favela carioca*: A produção anterior às ciências sociais. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 15, n. 44. São Paulo: out, 2000.

VEJA SÃO PAULO. Morte entre motociclistas aumenta 4,5% em 2021 em São Paulo. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/morte-entre-motociclistas-aumenta-45-em-2021-em-sao-paulo/>. Acesso em: 6 jan. 2022.

VLT RIO. Disponível em:< https://www.vltrio.com.br/#/galeria>. Acesso em: 20 out. 2020.

WILLIAMS, R. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WOORTMANN, E. F. *A comida como linguagem*. Revista Habitus. Goiânia, v. 11, n.1, p. 5-17, jan./jun., 2013.

YOUTUBE. *IFood 2021*: Um novo Significado. Viver e não ter vergonha de ser feliz. | Comercial completo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0ONtExR38Q0>. Acesso em: 20 jan. 2022.

[Sem título]. Álbum do Rio de Janeiro. 1935. 1 fotografia.

ANEXO – Ficha técnica do filme *Você Não Estava Aqui* [149]

Título: Sorry we missed you (original)

Direção: Ken Loach

Roteiro: Paul Laverty

Assistente de Direção: David Gilchrist

Direção de Fotografia: Robbie Ryan

Música: George Fenton

Direção de Arte: Julie Ann Horan

Montagem: Jonathan Morris

Produção Executiva: Pascal Caucheteux, Vicent Maraval e Grégoire Sorlat

Elenco: Kris Hitchen, Debby Honeywood, Rhys Stone e Katie Proctor

[149] Disponível em: <https://www.vitrinefilmes.com.br/filme/voce-nao-estava-aqui/>. Acesso em: 15 jan. 2021.